



Vai-vem maretá:
notas sobre ciências
do rio Peruaçu

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de arquitetura, urbanismo e design
Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo

Isabela Oliveira Izidoro

Vai-vem mareta:
notas sobre ciências do rio Peruaçu

Belo Horizonte
2022

Isabela Oliveira Izidoro

Vai-vem maretá:
notas sobre ciências do rio Peruaçu

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da
Escola de Arquitetura da Universidade
Federal de Minas Gerais, como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre
em Arquitetura e Urbanismo

Área de concentração: Teoria, produção e
experiência do espaço

Linha de pesquisa: Teoria e História
da Arquitetura e do Urbanismo e suas
relações com outras artes e ciências

Orientadora: Renata Moreira Marquez

Belo Horizonte

2022

I98v Izidoro, Isabela Oliveira.

Vai-vem maretá [manuscrito] : notas sobre ciências do rio
Peruaçu / Isabela Oliveira Izidoro. – 2022.

271 f. : il.

Orientadora: Renata Moreira Marquez.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Arquitetura.

1. Ocupação territorial – Teses. 2. Antropologia – Teses. 3.
Relações de gênero – Teses. 4. Espaço (Arquitetura) – Teses.
I. Marquez, Renata Moreira. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 711.13



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Vai-vem marena: notas sobre ciências do rio Peruaçu

ISABELA OLIVEIRA IZIDORO

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG como requisito para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.

Aprovada em 7 de outubro de 2022, pela Comissão constituída pelos membros:

Profa. Dra. Renata Moreira Marquez – Orientadora
EA-UFMG

Ana Maria R Gomes

Digitally signed by Ana Maria R Gomes
DN: cn=Ana Maria R Gomes, o=UFMG, ou=Faculdade
de Educacao, email=anagomes@ufmg.br, c=BR
Date: 2022.11.02 19:18:29 -03'00'

Profa. Dra. Ana Maria Rabelo Gomes
FAE-UFMG

Profa. Dra. Zoy Anastassakis
UERJ

Dra. Rebeca Cássia de Andrade

Belo Horizonte, 7 de outubro de 2022.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Para as mulheres da minha vida
e para as que não conheço,
para as que se foram e para
as que virão, por me ensinarem
a cultivar coragem e alegria.

Resumo

Num contexto de colapso climático, extinções em massa e agravamento das violências históricas contra territórios, gentes, bichos e plantas do campo, da floresta e das águas, esta pesquisa busca aprender as ciências dos espaços em companhia dos seres que os habitam. Junto ao rio Peruaçu, afluente do São Francisco, no norte de Minas Gerais, e driblando a impossibilidade de estar em campo na maior parte da pesquisa em função da pandemia da Covid-19, trabalho em dois caminhos: escuta, transcrição e edição de aulas, oficinas e outras comunicações orais como importante meio de estudo e aprofundamento teórico; e pesquisa compartilhada com interlocutoras do Vale do Peruaçu, com as quais elaboro experimentos, dentre eles o jogo Temporão, partilhado com escolas da região em março de 2022, e caminhadas pela bacia hidrográfica em março, julho e agosto de 2022. A escrita se estrutura por meio de caminhadas acompanhadas dos seres-rio, a partir das alianças multiespécies que tornam possíveis diferentes modos de criar mundos no Sertão, no intuito de gerar um texto polifônico e que seja forma de fazer circular a pesquisa no território onde se dá. Ao longo do mestrado, se evidencia que as ciências do rio Peruaçu estão não somente em seus barrancos, margens e leito; mas também nas cozinhas, cisternas, filtros, hortas e onde mais as mulheres estão em seu trabalho cotidiano com a terra, as plantas, as águas e a saúde da família e da vizinhança.

Palavras-chave: aprendizagem multiespécie; Vale do Peruaçu; caminhadas; cultivo no Cerrado.

Abstract

In a scenario of climate collapse, mass extinctions, and the increasing of historical violence against territories, people, animals and plants of the countryside, forest and water, this study seeks to learn the sciences of environments in the company of the beings that inhabit them. Along the Peruaçu River, a tributary of the São Francisco, in northern Minas Gerais, Brasil, and despite the impossibility of being in the field for most of the research due to the Covid-19 pandemic, I've worked in two ways: listening to, transcribing and editing classes, workshops, and other verbal communications as an important tool for studying and theoretical deepening; and shared research with interlocutors from the Peruaçu Valley, with whom I devise experiments, among them the game *Temporão*, shared in March 2022 with schools in the region, and walks around the watershed in March, July and August 2022. The writing is structured through walks accompanied by river-beings, based on the multispecies alliances that make possible different ways of creating worlds in Peruaçu, intending to generate a polyphonic text as a way to circulate the research in the territory where it takes place. Throughout the master's degree, it becomes evident that the sciences of the Peruaçu River are not only in its ravines, banks, and riverbed; but also in the kitchens, cisterns, filters, gardens, and wherever else women are in their daily work with the land, the plants, the waters, and the family and neighborhood's health.

Keywords: multispecies learning; Peruaçu Valley; walks; Cerrado cultivation.

Lista de imagens

No *caderno de textos*:

Capa: Trombeta e moringa do quintal de Nelinda, pequi da estrada entre o Olhos d'água e a Onça.

16-17: Plantas da floresta entre as casas de Rica e Isabela e o rio Peruaçu.

21: Mapa da Área de Proteção Ambiental Cavernas do Peruaçu, com sinalização das comunidades e áreas demarcadas mais citadas nesta pesquisa.

50-51: Pequi e ipê amarelo da estrada entre o Janelão, o Olhos d'água e a Onça.

58-59: Trombeta e mulungu do brejo do jardim de Nelinda, milho da roça de Marisa e Zeta.

80-81: Favela da estrada da Onça, mutamba, jatobá, pereiro rosa, favas e buriti do brejo de Nelinda e Zé.

86-87: Crotalária e tomate da horta de Nelinda, coentro e rúcula da horta de Rica.

110-111: Moringa e tamarindo do quintal de Nelinda.

124-125: Tingui e mandioca do quintal de Rica.

130-131: Juazeiro e hibisco da horta de Nelinda.

No *caderno de imagens*, em ordem de aparição:

Capa: Mulungu do brejo do brejo de Nelinda e Zé Torino, hibisco e trombeta da horta de Nelinda.

Álbum caminhos de pesquisa

Estrada que leva à Vargem Grande, margem esquerda do Rio Peruaçu. Enquanto jogamos Temporão, Claudinha mostra para Aline e para mim o ponto, próximo à ponte, onde jacaré e sucuri se enrolaram quando ela era criança e o rio Peruaçu corria caudaloso. Março de 2022.

No centro da Lapa Bonita, no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, registro o som das estalagmites se formando. Foto de Aline, março de 2022.

Jogo Temporão no quintal de Marisa, no quilombo de Alegre, Januária. Março de 2022.

Nelinda coleta flores de crotalária em seu quintal, no Olhos d'água, para a prensa botânica. Agosto de 2022.

Oficina com o jogo Temporão na Escola Estadual do Candeal, Cônego Marinho. Março de 2022.

Captura de tela de encontro virtual com Marília, Aline, Gley, Claudinha e Layane, durante a pesquisa do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Oficina com o jogo Temporão na Escola Estadual do Candeal, Cônego Marinho. Março de 2022.

Álbum estrada

Estrada entre Montes Claros e Januária. Árvores do Cerrado contrastam com a floresta industrial de eucalipto. Agosto de 2022.

Pintura do rio Peruaçu e buritis, na parede do bar de seo Domingos, pai de Claudinha. A rachadura na parede foi causada por terremoto em 2017. Agosto de 2022.

Marília, Paola e João nadam na represa do rio Peruaçu no Fabião. Abril de 2017.

Imbarés nos paredões de calcário do Vale do Peruaçu. Agosto de 2022.

Série de quatro fotografias: A mata seca muda a paisagem da estrada do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu nos tempos das águas e da seca, em março e agosto de 2022.

Rio Peruaçu na gruta do Janelão, no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Março de 2022.

Gruta do Janelão. A abertura de 90 metros de altura, no centro da foto, nomeia as comunidades de Janelão de cima e Janelão de baixo, cuja maioria das famílias foi removida pela implantação do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Março de 2022.

Painel de pinturas em parede próxima à entrada da gruta do Janelão, com pinturas de tradições Agreste, São Francisco e Nordeste. Março de 2022.

Rio Peruaçu visto da Dolina dos Macacos, no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Janeiro de 2017.

Vacas e bezerros nos acompanham na estrada do Olhos d'água. Agosto de 2022.

Dupla de fotografias: Rio Peruaçu nas águas e na seca, na ponte que vai para a Vargem Grande, em março e agosto de 2022.

Pequizeiro na estrada do Araçá para Buritizinho. Agosto de 2022.

Dupla de fotografias: Rio Peruaçu próximo ao bar Só Triscando, também conhecido como Ponte do Tião, em 2002 e de 2022. Primeira foto disponibilizada por dono de um bar na Vargem Grande, e segunda foto de Gley, agosto de 2022.

Trio de fotografias: Rio Peruaçu no bar Só Triscando, também conhecido como Ponte do Tião, na década de 1980, 1990 e em 2022. Primeira foto do acervo pessoal de Nelinda*, segunda foto do acervo pessoal de um morador dos Olhos d'água, disponibilizada por Isabela Itabaiana, e terceira foto de Gley, agosto de 2022.

Estrada entre as comunidades do Janelão e do Olhos d'água. Ao nos aproximarmos ou nos despedirmos do Vale do Peruaçu, os paredões de calcário marcam a paisagem. Agosto de 2022.

Álbum mulungu do brejo

Série de três fotografias: Vacas e cavalos na entrada do terreno de Nelinda e Zé Torino, na década de 1980. Na primeira foto, Zé tira leite da Bananinha. Fotos do acervo pessoal de Nelinda.*

Dupla de fotografias: Vacas no rio Peruaçu, no brejo de Nelinda e Zé Torino, na década de 1980. A mata ciliar havia sido transformada em capim. Foto do acervo pessoal de Nelinda.*

Na entrada do terreno, Nelinda e Zé Torino pousam para a foto com seus dois filhos, um sobrinho e suas vacas, na década de 1980. Foto do acervo pessoal de Nelinda.*

Na entrada do terreno, Nelinda e Zé Torino pousam para a foto com mandacaru que Zé plantou. Março de 2022.

Série de fotografias: Caminhada pelo brejo e pela vazante com Nelinda e Zé Torino. Agosto de 2022.

Ocupação em tronco na beira do rio Peruaçu. Março de 2022.

Gameleira, bambuzal e poço do rio Peruaçu onde Nelinda buscava água e lavava louças e roupas quando não havia abastecimento público. Março de 2022.

Brejo de Nelinda e Zé Torino. Resgate do rio Peruaçu passa à esquerda da foto, próximo a buritis, lírios do brejo, pau loro, mulungu do brejo e taiobas. Agosto de 2022.

Buritis mais antigos do brejo de Nelinda e Zé Torino. Agosto de 2022.

Mulungu do brejo começa a florir e pintar o chão da vazante de vermelho. Agosto de 2022.

Fragmento de ilustração do tapete do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Zé Torino e Suzy na encosta, a caminho do brejo. Março de 2022.

Angico na vazante de Nelinda e Zé Torino. Março de 2022.

Represa no rio Peruaçu construída por Walter e Isabela, com medidor de vazão. Março de 2022.

Ocupação em tronco na beira do rio Peruaçu. Março de 2022.

Série de fotografias: Plantio de inhames no brejo com Zé Torino. Nelinda, ao cozinhar, havia separado as pontinhas dos inhames que geram novas plantas. Zé abre pequenos berços ao lado de um braço do rio Peruaçu, coloca duas ou três partes de inhame em cada e cobre com lama do fundo do rio. Agosto de 2022.

Fragmento de ilustração do tapete do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Coquinho azedo, na margem esquerda do rio Peruaçu, no terreno dos vizinhos de Nelinda, onde ela faz a coleta para as polpas. Agosto de 2022.

Nelinda acaricia um pé de coquinho azedo que plantou em seu quintal. Agosto de 2022.

Mina d'água, inhames, mulungu do brejo (à esquerda) e lírios do brejo (à direita). Março de 2022.

Álbum casa da gameleira

Nelinda e Zé Torino observam a casa na gameleira. À esquerda, a represa construída por Zé e seu vizinho. Agosto de 2022.

Maquete de pedras, construída por Zé Torino e Nelinda, representa o Vale do Peruaçu. Agosto de 2022.

Série de fotos: Zé Torino em sua limpeza diária da represa e da maquete de pedras que representa o Vale do Peruaçu. Março de 2022.

Série de fotos: Detalhes construtivos da casa da gameleira. Braços do buriti, palha do buriti e vara de capim-açu. Agosto de 2022.

Interior da casa da gameleira. Pela janela, à esquerda, vemos a represa construída por Zé e seu vizinho. Agosto de 2022.

Casa da gameleira e raízes se espalhando pela floresta. Agosto de 2022.

Álbum canteiro dos inhames

Nelinda e suas irmãs na casa de sua avó, onde cresceu, próxima à ponte da Vargem Grande. O rio Peruaçu passa ao fundo. Foto do acervo pessoal de Nelinda.*

Pé de imbu no terreiro de Nelinda, plantado por ela e Zé Torino ao se mudarem para o terreno. Março de 2022.

Nelinda fazendo mudas das plantas do seu jardim. Março de 2022.

Fragmento de ilustração do tapete do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Nelinda regando a horta e o jardim. Agosto de 2022.

Dupla de fotografias: canteiro de inhames nas águas, e canteiro de alfaces, coentro e tomates na seca. Março e Agosto de 2022.

Réstia de cebolas feita por Rica. Agosto de 2022.

Flores de veludo no quintal de Nelinda. Março de 2022.

Cisterna calçadão, que guarda água da chuva usada para o plantio. Agosto de 2022.

Cisterna de placas, que guarda água da chuva para beber. Agosto de 2022.

Fragmento de ilustração do tapete do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Pintura da cachoeira de Miravânia na varanda de Nelinda. Julho de 2022.

Álbum joana de barro

Gameleira e rio Peruaçu no quintal de Vanuza. Março de 2022.

Patos de Vanuza no rio Peruaçu. Março de 2022.

Ovos de libélula nas árvores brejeiras vizinhas ao rio Peruaçu, no Janelão. Março de 2022.

Dupla de fotos: Cavernas de calcário por onde passa o rio Peruaçu. Março de 2022.

Vanuza em frente a casa de pau-a-pique de seus vizinhos. Março de 2022.

Casa de joana de barro no curral de Nelinda. Agosto de 2022.

Série de fotos: Nilda e Socorro, mãe e tia de Layane, caminham longa distância para retirar o barro que as oleiras do Candeal usam para produzir os artesanatos.

Capturas de tela de vídeos feitos por Layane para o curta-metragem Deriva (DERIVA, 2021).

Oleiras trabalham no galpão, no Candeal, na década de 1990. Fotografia disponibilizada por Layane.

Álbum casa de farinha

Tapioca de Rica seca na cisterna calçadão, ao lado da horta. Agosto de 2022.

Caixas d'água usadas para lavar a tapioca na associação comunitária do Araçá. Agosto de 2022.

Mulheres rapam mandioca na associação comunitária do Araçá. Agosto de 2022.

Lenha do tingui. Agosto de 2022.

Forno de barro feito por Rica para assar biscoitos. Agosto de 2022.

Série de fotos: Rica prepara o ginete, com forma de sardinha, e a peta. Agosto de 2022.

Rica permanece ao lado do fogão durante todo o tempo em que os biscoitos estão assando, mudando os tabuleiros de lugar com ajuda de uma vareta. Agosto de 2022.

Biscoitos assam dentro do forno, e brasas do tingui permanecem à esquerda. Agosto de 2022.

Fofão, petas e ginetes recém-assados. Agosto de 2022.

Álbum januária

Fim de tarde de domingo na Praia de Januária. Agosto de 2022.

Barracas na praia de Januária. Julho de 2022.

Incêndio na outra margem do rio São Francisco, visto desde a Praia de Januária. Agosto de 2022.

Série de fotografias: Jogo de tarrafa no barranco do rio São Francisco, em Januária. Agosto de 2022.

Piscinas do rio São Francisco em Pirapora. Julho de 2022.

Plantio na vazante do rio São Francisco em Pirapora. Julho de 2022.

Flor de abóbora recebe visitas no quintal de Gley, em Januária. Março de 2022.

Despensa com diversos tipos de abóboras, no Candeal, em Cônego Marinho. Março de 2022.

Dupla de fotos: pinturas barranqueiras do muro do cais do rio São Francisco, em Januária, substituídas por cinza em função da obra do Parque Fluvial. Na segunda foto, no barranco, vemos a casa de Dona Maria**. Segunda foto feita gentilmente por Gley. Março e agosto de 2022.

Série de fotos: pinturas barranqueiras que existiam no muro do cais do rio São Francisco, em Januária. Lavadeiras, barco com carranca, vereda e buritizal. Março de 2022.

*Em agosto de 2022, Nelinda me pediu para ajudá-la a organizar seu álbum de família.

**Nome fictício.

Caderno de textos

18 Caminhos de pesquisa

52 Estrada

60 Mulungu do brejo

82 Casa da gameleira

88 Canteiro dos inhames

112 Joana de barro

126 Casa de farinha

132 Januária

Caderno de imagens

140 Caminhos de pesquisa

150 Estrada

170 Mulungu do brejo

198 Casa da gameleira

206 Canteiro dos inhames

224 Joana de barro

236 Casa de farinha

248 Januária

264 Referências





Caminhos de pesquisa

“Dona Rosa¹, a senhora recorda do ponto exato onde ficava o olho d’água?”², me lembro de Zé Torino³ perguntar à senhora que nos recebe com gentileza na casa de pau a pique, fumaça saindo das telhas de barro, e que nos oferece água gelada com gosto das cavernas de calcário que o rio Peruaçu constrói. Seguimos rumo à moita de mamonas pela roça de feijão, que “esse ano só tem o catador, porque choveu muito nas águas e os outros feijões embebedaram”⁴, conta Dona Rosa. “Esse arame foi o Ibama que colocou, proibindo de plantar na vazante.”⁵ Escuto sobre o manejo com fogo em beira de rio e em roças no seco, sobre o tanto de água que o milho e a mandioca puxam do solo para crescer. Penso no gado que tenho visto todos os dias, bebendo água na beira do rio, amassando a terra e pintando o Peruaçu de marrom. Minha xará Isabela Itabaiana conversa com as cobras, assim como outras pessoas que conheci nos últimos tempos, pedindo licença para entrarmos em sua casa. “Ali tem um mulungu do brejo, é bom sinal”, Zé Torino avisa de longe; “ele é vizinho do brejo, uma árvore que só existe onde tem água”.⁶ Walter⁷ e Zé, com foice e facão, abrem caminho pelo monocultivo de capim bengô, de quase três metros de altura. Sensação de andar por um túnel, labirinto verde que se movimentava. “Essa tábuia no chão devia servir para apoiar a lata na hora de pegar água, não é, Dona Rosa?”⁸ Zé começa a cavar ao lado da madeira e, a menos de dois palmos, a terra muda de cor e a água

* Sugiro a leitura da dissertação em sua diagramação original, clicando [neste link](#).

** Agradeço às amigas André Siqueira, Lucas Carvalho, Octávio Scapim, Rebeca Andrade e Vinícius Ladeira pelas leituras e contribuições a este texto.

1 Nome fictício. Não tive oportunidade de me reencontrar com Dona Rosa para lhe perguntar sobre como gostaria de aparecer no texto, por isso omito seu nome.

2 Comunicação oral à autora.

3 Zé Torino, ou José Aparecido de Macedo, é um dos interlocutores de pesquisa e anfitrião que me recebe na pousada Coração das Cavernas que construiu com outra interlocutora, Nelinda Gonçalves Macedo. Contarei mais sobre ele e sobre as outras pessoas que me recebem em suas casas e pousos no Vale do Peruaçu adiante no texto.

4 Comunicação oral à autora.

5 Comunicação oral à autora.

6 Comunicação oral à autora.

7 Walter Viana é morador de Brejo do Amparo, antigo distrito de Januária, e grande caminhante e conhecedor do Norte de Minas. Ele coordena o Projeto de Pesquisa “Nível freático, recuo de cabeceira e taxa de deflúvio” da Pesquisa Ecológica de Longa Duração “*Colapso das Veredas no Sertão Mineiro: Efeitos Antrópicos Locais e Mudanças Climáticas Globais*”, trabalha no Instituto Mineiro de Gestão das Águas [IGAM] com a vistoria de poços tubulares e, entre 2012 e 2016, realizou doutorado no Instituto de Geociências da UFMG cujo título da tese é *Dinâmica hidrogeomorfológica na Bacia do Rio Peruaçu, norte de Minas Gerais* (até o fim desta pesquisa, não havia sido homologada pela UFMG e não pude consultar o material).

8 Comunicação oral à autora.

começa a brotar. “Eu nem pensava mais nesse olho d’água, depois que chegou água encanada na nossa casa... meus meninos pescavam tanto aqui!”⁹

Acompanhei a visita até o quintal de Dona Rosa porque, na semana seguinte, ali na comunidade do Araçá, médio curso do rio Peruaçu, aconteceria um curso de recuperação de nascentes, e minhas companhias se preparavam para o evento. Uma tarde que se transmuta em perguntas, muitas delas disparadas por Walter, e que retornarão, com mais detalhes, nos textos seguintes: quais árvores plantar para substituir parte do monocultivo de capim bengó? Das mudas despontadas no brejo de Zé e Nelinda, escolher entre frutíferas, árvores do Cerrado, nativas da mata seca, árvores da transição da mata seca para a vereda? Quais técnicas usar para recuperar a nascente? É possível recuperar nascentes, com tantos poços que secam as águas do subsolo? Deveríamos desentupir a nascente, como Zé Torino tem feito no brejo, apesar de não ser recomendado pelo Ibama? Poderíamos criar barraginhas que ajudam a água da chuva a infiltrar no solo e recarregar o subterrâneo do rio Peruaçu, ainda que as enchentes sejam importantes para criar as piscinas no rio São Francisco onde desovam os peixes e, ao longo do ano, as garças encontram alimento?

Essa é uma das tantas situações que mais abrem questões do que trazem respostas. É também uma das situações em que *minha atenção foi petrificada*, como diria Marilyn Strathern¹⁰, numa das vezes em que o Rio Peruaçu e eu nos encontramos. Talvez porque seja preciso muita intimidade com o rio e com a mata para conhecer tanto. Talvez por todas as contradições que se esbarram, como a água que brota do lugar de onde eu só ouvia narrativas de seca, da cerca-protetora que rompemos em busca de algum cuidado com a mata e o olho d’água, da disputa de água e terra para o gado e para o cultivo. Talvez por ter visto Zé Torino em ação: *o caçador de águas do Cerrado*, como ele gosta de dizer. Talvez por aquele ser o último dia de uma viagem que me virou do avesso e revirou, e por eu desejar ficar para acompanhar o curso. Talvez por eu saber que não conseguiria perceber todas as nuances que depois, escrevendo, gostaria de saber. Quem sabe, por tudo isso ao mesmo tempo. A partir desse e de outros encontros, buscarei compartilhar com você, ao longo da dissertação, algumas notas¹¹ do que tem sido um de meus objetivos: **aprender as ciências do rio Peruaçu em companhia dos seres-rio**¹². É importante adiantar que esta é uma pesquisa viva,

9 Comunicação oral à autora.

10 STRATHERN, *O efeito etnográfico*, 2014, p. 351.

11 A palavra *notas* se aproxima das *artes de notar* [*arts of noticing*] propostas por Anna Tsing. A autora observa que estamos destreinadas a perceber os desafios dos mundos de agora pela imposição das narrativas imperiais do progresso. As artes de notar, vinculadas aos conhecimentos do corpo e da vida, poderiam cultivar nossa curiosidade e sensibilidade para notar os mundos em volta e as múltiplas narrativas emergentes a partir das assembleias e relações multiespécies que se estabelecem constantemente. (TSING, *O cogumelo no fim do mundo*, 2022; *Viver nas ruínas*, 2019.)

12 Uso o termo *seres-rio* principalmente em diálogo com Marisol de la Cadena, Mariano e Nazario

que acontece em muitas instâncias, e que se interessa especialmente pelos processos de aprendizagem que acontecem nos barrancos, nas margens e beiras de rio.

Também é essencial destacar, desde já, que *escrevo no feminino*. O recorte de gênero não foi definido no início da pesquisa, mas a centralidade das mulheres na produção da vida e nos cuidados com os mundos do Sertão, onde as relações de gênero são extremamente marcadas, tornou-se evidente ao longo do caminho. Além disso, a maioria das interlocutoras da pesquisa são mulheres, e com elas passo mais tempo aprendendo nos mundos-Peruaçu. Essa escolha de escrita condiz com minha recusa a aceitar o masculino como norma, e vem ainda para localizar que meu corpo feminino (e branco, diferente de grande parte de minhas interlocutoras) é como estou nos mundos e como os mundos estão em mim.

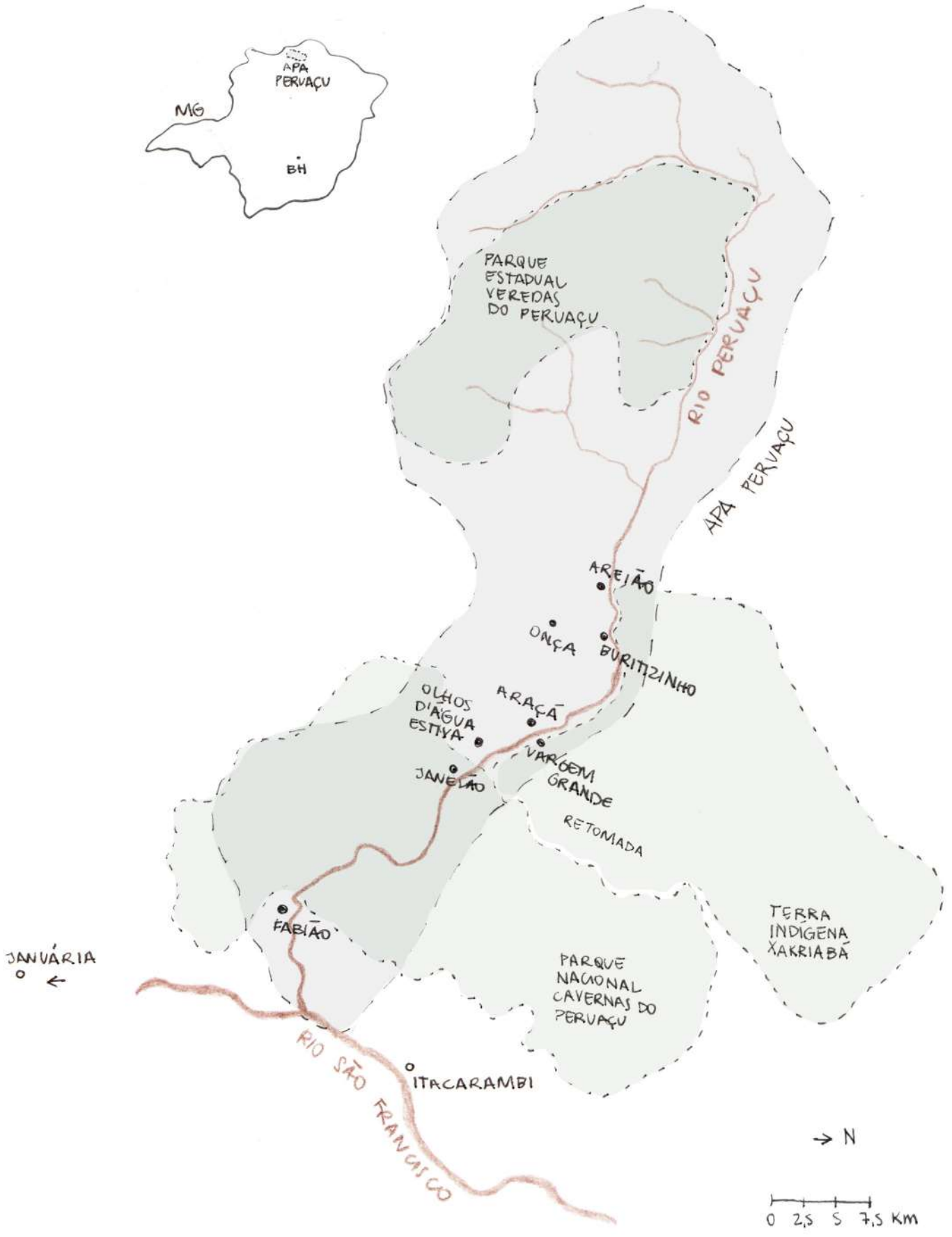
Rio Peruaçu

O Peruaçu é um afluente da margem esquerda do médio curso do Rio São Francisco; dito de outra forma, no meio do corpo do São Francisco, no Norte de Minas Gerais, se damos as costas para a nascente do São Francisco e à nossa frente as águas correm para o mar, o Peruaçu deságua à nossa esquerda. Se olhamos para o Peruaçu ou para o São Francisco de uma das margens, com sorte podemos ver maretas, aquele movimento que o vento, o barco ou o jogar de tarrafa das pescadoras faz no rio e o leva para o barranco.

Se olhamos para o Peruaçu do alto e de longe, como costumamos fazer como arquitetas-urbanistas (e outras técnicas ou cientistas), podemos perceber três momentos dos quase 100km de rio, que está secando e em muitos lugares já não corre mais *em riba*.¹³ O rio percorre o que compreendemos como municípios de Bonito de Minas, Cônego Marinho, Itacarambi e Januária, no Sertão de Minas Gerais. Nas cabeceiras, região das *altas veredas*, buritis e pequis, o Parque Estadual Veredas do Peruaçu foi criado em região devastada pelas grandes fazendas de eucalipto, área em que as

Turpo e os Tirakuna, ou seres-terra, como buscarei explicar mais à frente. (DE LA CADENA, *Earth beings*, 2015.)

13 A questão da seca do rio Peruaçu, e de vários outros rios na região, é trazida em quase todas as conversas pelas pessoas da região. A dissertação de Marília Silva, querida interlocutora nesta pesquisa, investiga o que ela chama de *efeitos da escassez hídrica e respostas para a manutenção das águas*, e nos convida a pensar como as diferentes pressões se colocam para os vivos dali: eucalipto, carvão, veredas, buritis, mineração, fogo ancestral, queimadas – especialmente a grande queimada que muito ouço falar e que acabou com várias veredas, entre fevereiro de 2017 e janeiro de 2018 –, agronegócio, grilagem, poços e outorgas, colapso climático, diminuição no regime de chuvas, rebaixamento e descolamento do lençol freático, criação de áreas de parques apartadas de usos humanos, entre outros. (SILVA, Marília, *Nas margens do rio Peruaçu: a apropriação da natureza e a natureza das práticas*, 2021.)



populações costumavam coletar frutos, caçar e construir as casas em áreas próximas à água e às veredas.¹⁴ Já no médio curso, região das baixas veredas e de mata seca, o rio corre nos fundos das casas das comunidades que tradicionalmente ocupam a região, plantam na vazante, criam gado que também bebe o rio, em muitos casos produzem biodiversidade em suas atividades cotidianas de coleta de frutos e, há algumas décadas, convivem com a mineração de manganês e seu legado¹⁵. A Terra Indígena Xakriabá começa no Peruaçu, e a retomada de terras é conflituosa com fazendeiros e trabalhadores dessas fazendas. No médio curso, também estão as comunidades de Galho, Vereda, Cocos, Vereda Grande, Vila Lopes, Buritizinho, Areião, Onça, Pedras, Lambedouro, Araçá, Várzea Grande, Posseirama, Estiva, Olhos d'água, Janelão. Neste trabalho, nossos encontros acontecem especialmente no Araçá, Olhos d'água e no Janelão – esta última, comunidade que hoje está dentro do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, ou seria melhor dizer que o Parque está dentro dela, já que ela estava ali muito antes da constituição do Parque?

No baixo curso, também estão as comunidades Fabião I e II e Vila Bonita; ali, o vale do rio é profundo, há cavernas com mais de cem metros de altura e largura, paredões, sítios arqueológicos, pinturas rupestres e matas consideradas refúgio para os animais. Esse conjunto tem importância internacional, e a criação e expansão do Parque, além de significar a expulsão das pessoas que ali viviam e ainda vivem e um cuidado institucional com os seres outros-que-humanos, têm impulsionado o turismo na região, em especial aquele de base comunitária. A área de proteção na margem direita contrasta com os desenhos geométricos que as grandes fazendas fazem na margem esquerda do baixo Peruaçu.¹⁶ Os dois parques (Nacional e Estadual, destacados no mapa ao lado) compõem o mosaico de áreas de preservação Sertão Veredas–Peruaçu, cujas restrições aos usos humanos excluem também, muitas vezes, populações que ali ocupam. Acompanhando os divisores de águas – os pontos mais altos do relevo – da bacia hidrográfica do Rio Peruaçu, em 1989, foi declarada a Área de Proteção Ambiental [APA] Cavernas do Peruaçu.¹⁷

14 PROUS; RODET, *Introdução à Arqueologia do Vale do rio Peruaçu e adjacências*, 2009, p. 20.

15 Ainda que não esteja acontecendo atividade minerária há vários anos, as casas, a barragem e a mina abandonadas e as visitas de tempos em tempos dos Homens de Negócio permanecem.

16 O mapa na página ao lado foi elaborado a partir de mapas disponibilizados por Marília (SILVA, *Nas margens do Rio Peruaçu*, 2021.) e de observações de campo.

17 BRASIL, Decreto no 98.182.

Motivações

Seca e contaminação de rios, extinção em massa de espécies e alteração no regime de chuvas são eventos cada vez mais presentes e que demonstram a necessidade da implantação de outros modelos de ocupação dos territórios e das cidades aceleradoras do *mundo da mercadoria*¹⁸ e de redesenho das relações com o que se convencionou chamar de *recursos naturais*. Donna Haraway conta que Antropoceno, Plantationoceno, Capitaloceno, Chthuluceno (nomes que muitos usam para definir este momento que estamos vivendo), pensando com Anna Tsing¹⁹, seria mais um evento-limite do que uma época. Para Haraway, *nosso*²⁰ trabalho é fazer com que esse evento-limite seja “tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios.”²¹

Se nas últimas décadas muitas pensadoras têm se voltado para a questão climática e para repensar suas (nossas?) práticas, povos do campo, da floresta e das águas têm muito a ensinar sobre possibilidades de “assentamento que não esse do concreto, ferro, cimento, que matam os rios e antecipam a estética do cemitério”, como diz Ailton Krenak²². Neste caminho, esta pesquisa se desloca para barrancos no Sertão de Minas Gerais, com a proposta de conversar sobre espaços que não são as cidades e metrópoles – em geral, aquelas que recebem o foco nas pesquisas, disciplinas e debates na academia e práticas de arquitetura e urbanismo. Outro exercício que tento fazer na companhia de minha querida orientadora Renata Marquez – e que tenho *desaprendido a fazer* com as práticas etnográficas, como ela propõe na disciplina de discussões metodológicas – é adotar uma postura de *buscar aprender a habitar* antes de *propor formas “corretas” de habitar*. Buscamos companheiras que nos ajudem nas aprendizagens com os espaços, num esforço de ampliar as perspectivas de observação e compreensão dos mundos a partir dos diferentes seres que habitam tais espaços – sendo que as pessoas humanas são apenas alguns desses seres.

Os conhecimentos barranqueiros, sertanejos e dos seres-rios não estão em nossos cursos de arquitetura e urbanismo (e outros?) – ou estão em pequena parte, se comparados com aqueles da colonização que não se atentou com os modos de viver já presentes em nossos territórios antes da invasão. Assim, se colocam questões de

18 KRENAK, *A vida é Selvagem*, p. 10.

19 Haraway cita o artigo *Feral Biologies* de Anna Tsing, de 2015.

20 Quem seria esse *nós*? Donna Haraway e suas companheiras pensam e escrevem desde o norte global, em situações muito distintas das brasileiras, das sertanejas, das barranqueiras do Peruaçu. Ainda assim, habitar momentaneamente esse *nós* pode ser interessante para investigar os arranjos multiespécies e especular o que pode a Ciência.

21 HARAWAY, *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno*, 2016.

22 KRENAK, *A vida é Selvagem*, p. 11.

pesquisa: como aprender as ciências do rio na companhia dos seres-rio? Quais são as relações estabelecidas com o clima, a terra, o sol, a chuva, as vizinhanças, as entidades do rio e tantas mais? Como os espaços são produzidos a partir dessas relações multiespecíficas? Como os seres-rios e os conjuntos de relações emaranhadas produzem conhecimentos? Esses conhecimentos poderiam ser cultivados em nossas universidades, cotidianos, estúdios, escritórios, políticas públicas, bibliografias etc. para pensarmos ocupações e relações de mais cuidado, de criação de biodiversidade e refúgios em lugar de destruição de florestas e da vida? Para lembrar o que disse Donna Haraway, “talvez, mas só talvez, e apenas com intenso compromisso e trabalho colaborativo com outros terranos, será possível fazer florescer arranjos multiespécies ricos, que incluam as pessoas.”²³

De onde parto

O Rio Peruaçu e o Sertão, como espaços onde acontecem a pesquisa, não foram uma escolha desde o princípio do mestrado; nos aproximamos ao longo do caminho. Meu projeto de pesquisa se desenhou especialmente depois que vivi, por alguns meses, como vizinha do rio Preto, na Chapada Diamantina, na Bahia, e participei da Jornada de Agroecologia da Teia dos Povos²⁴ na Terra Indígena Payayá. Nessa ocasião, conheci as Escolas da Terra e um jogo de trilha das Nações Afro-Indígenas em Salvador, que consolidaram meu interesse em fazer pesquisa na academia, pensando nos diálogos possíveis entre universidade e mundos fora dela e aprendendo com quem se relaciona e aprende cotidianamente com as águas. Minha intenção era criar um inventário de práticas pedagógicas dos povos do campo, da floresta e das águas, buscando entender como tais práticas permitiriam discutir, resistir, pensar e estar no mundo e, em minha (quem sabe nossa?) prática, incentivar a construção de conhecimentos espaciais a partir de uma ciência tropical e popular. Logo a ideia de inventário se mostrou limitada, por achatar as possibilidades de compreensão da diversidade das práticas pedagógicas na tentativa de organizá-las a partir de minhas próprias visões, audições, tatos, olfatos, paladares e sentidos de mundo. Ainda que os modos de fazer tenham se alterado, como contarei ao longo do texto, a questão inicial da pesquisa de certa forma permanece: *como apreender os conhecimentos espaciais em companhia de seus habitantes?*

23 HARAWAY, Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno, 2016.

24 Saiba mais em: <https://teiadospovos.org>.

Essa proposta de pesquisa se relaciona com minha trajetória acadêmica e profissional, em especial no que vimos experimentando no coletivo *às margens*, com Aline Franceschini, grande amiga e dupla de trabalho, e com outras companheiras que se juntam a nós em cada projeto. Aline e eu estivemos juntas na graduação em Arquitetura e Urbanismo, quando iniciamos as práticas no coletivo. Trabalhamos com jogos de cartas, de tabuleiro e corporais que nos ajudam a registrar pesquisas que fazemos sobre as águas, especialmente junto de jovens nas periferias da região metropolitana de Belo Horizonte, em espaços não formais de educação. Além de registros das pesquisas, percebemos os jogos como importantes parceiros para iniciar e aprofundar conversas sobre os espaços e os modos de viver em companhia das águas e para trocar memórias, cotidianos e possibilidades de futuros para as vizinhanças, com saberes vindos de muitas esferas.

Aproximei-me da criação de jogos como possibilidade para dialogar em espaços públicos sobre temas de interesse coletivo durante o intercâmbio do programa Ciência sem Fronteiras na graduação, no estágio que fiz em uma associação de educação popular sediada e atuante em cidades da região metropolitana de Paris, na França. Eu preparava e organizava os materiais e acompanhava a oferta de jogos (cujos temas eram variados, como países de origem dos alimentos, disponibilidade de água, empreendimentos imobiliários e expulsão de comunidades tradicionais) em eventos, centros culturais, praças e parques. Além dessas vivências que alargam minha curiosidade, desde que me graduei, em 2016, fiz disciplinas isoladas na Escola de Arquitetura e na Faculdade de Educação, na UFMG, e mantive vínculos com grupos de pesquisa e extensão²⁵, em diferentes práticas com as águas, as moradoras e os modos de aprender sobre os espaços. Duas experiências que, em especial, me ajudam a compreender modos potentes de me relacionar com as águas urbanas e suas viventes, são os anos que passei como mobilizadora e educadora no Projeto Manuelzão e os diferentes processos que acompanhei como assistente da artista Louise Ganz. Essas experiências me atravessam com questões sobre quais práticas pedagógicas podem nos ajudar a pensar e engajar nos espaços e coletivos, com quais ferramentas aprendemos sobre os mundos, o que esses usos implicam para as aprendizagens e manutenções da ordem colonial, quais são os modos possíveis para registrar e compartilhar nossas aprendizagens, quais linguagens usar e como não impor meus sentidos de mundo nas leituras coletivas, como transitar entre os mundos, como calibrar meus olhos, ouvidos, pés e mãos para aprender a ver, ouvir e sentir as comunicações que trocam os muitos seres e como abdicar da centralidade humana e perceber as muitas outras sociabilidades interespecíficas.

25 Participei de diferentes projetos com o Cosmópolis, na Escola de Arquitetura, o Manuelzão, na Faculdade de Medicina, o SanBas, na escola de Engenharia e o Saberes em Mosaico, no Instituto de Geociências, na UFMG; e, na Universidade do Estado de Minas Gerais [UEMG], o Terra Comum.

O tema da vida na beira das águas também se relaciona com a história da minha família. Nasci e cresci numa região de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, onde não é possível reconhecer os cursos d'água pelo *urbanismo de concreto* que tampona rios transformados em canais de esgoto. Minha mãe Elis morou a adolescência e juventude no Riacho das Pedras. Meu pai Antônio morou, até se casar com minha mãe, na beira do corguinho Vila Rica, que foi coberto na sua adolescência. Ele se lembra de que, quando era pequeno, eram poucas casas na rua, que era de terra batida. Na frente do terreiro, a avó Eunice plantava milho, mandioca e eram muitas as variedades medicinais. Meu pai se lembra de ver piabinhas no corguinho. Meus quatro avós vieram para Contagem na época da construção da Cidade Industrial, e meus avós Nadir e Francisco trabalharam na construção da cidade – mas seus nomes e histórias não entram nos livros de Arquitetura Brasileira, assim como os nomes e histórias dos tantos trabalhadores negros, pobres e imigrantes da construção civil. Vó Eunice e vô Chico vieram do Espírito Santo, grávidos de meu pai, vô Chico para trabalhar numa empresa de aço. Lá, nossas famílias eram agricultoras e precisavam dar boa parte da produção para os “donos” da terra. Já a família de minha mãe veio de Brumadinho, da região da vila Inhotim, quando ela era criança. Meu avô Nadir também veio trabalhar numa empresa que esburaca a terra, retirando pedras, e plantava de tudo no enorme quintal no fim da rua sem saída ao lado da pedreira. Até a destruição da vila Inhotim para a construção do Museu que, ironicamente, leva o nome da vila, viajávamos com frequência para lá. As bicas, os riachos e o rio Paraopeba são parte da minha memória. Na juventude, meus pais gostavam de viajar para cachoeiras pela região metropolitana. Quando grávidos de mim, iam sempre; eles acham que isso tenha influenciado meu gosto pelo tema.

Meu desejo de reencontrar o Peruaçu era antigo. Visitei o Vale do Peruaçu duas vezes em 2017, quando trabalhei no projeto de extensão Saberes em Mosaico, do Instituto de Geociências [IGC] da UFMG. Junto da Escola Estadual do Fabião, trabalhamos na criação de um jogo de tabuleiro sobre as questões da seca do rio Peruaçu. Neste projeto, conheci Marília Silva, uma das companheiras naquela e também nesta pesquisa, e Elisângela Carvalho Alves, então professora de Geografia na escola do Fabião, com quem me reencontrei para compartilhar o jogo Temporão, de que contarei em breve, na escola quilombola de Alegre, onde ela trabalha atualmente. Tomamos banho de rio e Elisângela nos ofereceu suco de manga doce do Fabião, comunidade mais próxima da portaria do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu e do alojamento para pesquisadoras do Parque, onde Marília, eu e as demais companheiras nos hospedamos naquela ocasião.

Caminhos

Iniciei a pesquisa do mestrado durante a pandemia da Covid-19, com aulas remotas e a impossibilidade de viajar e fazer a pesquisa como eu gostaria. Além da própria angústia da pandemia, as aulas remotas representaram grande desafio para minha aprendizagem e a restrição de trocas com colegas também foi motivo de insatisfação. Contudo, esse momento também possibilitou que eu passasse a viver numa pequena chácara em São Gonçalo do Baçõ, em Itabirito. Assim, durante a maior parte da pesquisa, as vizinhas com quem mais me relatei foram as saíras amarelas, as goiabas, os japus pretos, as gabiobas, os pés de amora e as cobras – cipó, jararaca e jararaquinha dormideira. Além das relações de vizinhança, me auxiliaram as leituras, estudos e trocas de experiências acadêmicas²⁶ e extra-acadêmicas – como *lives* e oficinas de escrita –, além dos diálogos constantes com Renata. Exercício especial foi acompanhar a disciplina online Escolas da Terra, da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG²⁷, e transcrever parte das conversas. As quatro escolas propostas pela Teia dos Povos partem de pedagogias atentas às maneiras como vida e território se entrelaçam, e ouvir suas mestras e mestres foi treino importante para eu começar a aprender a escutar em outras línguas (sigo tentando aprender a língua das cobras e do vento). Meus interesses de pesquisa foram se expandindo ao longo do caminho, mas algo permanece: a vontade de *aprender as ciências das águas*, processos de aprendizagens da experiência, da prática, do corpo, da brincadeira e do cotidiano, que acontecem vinculados aos espaços e suas camadas temporais, culturais, sociais e políticas. Em algum trecho do contato com as mestras nas disciplinas, se torna evidente para mim que *as pedagogias do rio são assunto para pessoas outras-que-humanas*.

No final de 2020, nosso coletivo *às margens*, recebeu patrocínio do BDMG Cultural para o projeto *Pedagogias dos rios de Minas*.²⁸ Tínhamos como premissa a

26 Sou muito grata às trocas com o grupo de estudos do livro *Earth Beings*, de Marisol de La Cadena e do livro *Potencial History* de Ariella Azoulay; o grupo de estudos em pedagogia sócio-espacial; o ciclo de leituras *Humusidades* e o aprofundamento nas leituras de Anna Tsing; as amigas do NPGAU; as disciplinas *O potencial urbano das florestas e o devir selvagem das cidades* – em que fiz meu estágio docência, *Nas pegadas da oralidade africana e afro-brasileira*, *Etnografias de práticas de aprendizagem*, *Perspectivas anticoloniais em diálogos com a educação*, *Diálogos Freirianos com a linha Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas*, *Práticas espaciais da arte e outras epistemologias* e *Discussões metodológicas: Etnografias*; e o Programa *Urbe Urge*.

27 Entre dezembro de 2020 e março de 2021, houve duas aulas para cada uma das escolas: escola do arco, flecha e maracá, escola dos terreiros e tambores, escola das águas e marés e escola dos biomas locais, disponíveis online. Acesse: <https://www.saberestradicionalis.org>.

28 Este incentivo aconteceu em diálogo com o festival *Seres-Rios* que o BDMG Cultural estava construindo durante a gestão de Gabriela Moulin. Acesse: <https://seresrios.org>.

criação de um jogo a ser distribuído em escolas, que veio a se tornar o jogo *Temporão* – palavra de muitos significados, como florescer ou amadurecer fora do tempo, chuvarada, ou virada inesperada no tempo; poderíamos também pensar numa virada metodológica nesta pesquisa. Ao longo do caminho, Gleydson Mota – Gley, Cláudia Mota – Claudinha, Layane Almeida e Marília – que conhecem, vivem, pesquisam e se relacionam de diferentes formas com o Vale do Peruaçu – se juntaram a Aline e a mim e formamos um grupo de pesquisas sobre as águas do São Francisco e de seus afluentes Peruaçu e Profiro. A pesquisa do Temporão aconteceu durante o primeiro ano do mestrado e, totalmente atravessada por ela, comecei a emaranhar as questões que me moviam nos dois contextos. Assim, passei a tentar conhecer, na pesquisa acadêmica, os processos de aprendizagem em espaços relacionados ao rio Peruaçu e de que forma as relações estabelecidas entre diferentes seres-rio produzem conhecimentos e contribuem com cuidados com o Cerrado.

Seres-rio

Você pode estar se perguntado o que, de fato, quero dizer com *seres-rio*. Elaborar uma definição seria no mínimo arriscado, tendo em vista minha enorme limitação para compreender e realizar uma tradução satisfatória das diversidades dos mundos do Sertão e das relações que criam e de que fazem parte suas moradoras. Decido usar esse termo num exercício de desseparação²⁹ entre humanos e outros-que-humanos, no intuito de deslocar a definição dos termos da centralidade humana para as relações que emergem com o rio, ainda que compreendendo as diferenças entre os diferentes seres. Proponho tal exercício pensando com os seres que *são com o rio* e a partir da ideia de *ser rio*. Em muitas ocasiões, Gley, repete: “a Layane é o barro, nós *somos* o rio, eu *sou* o sol do sertão.”³⁰

O aprofundamento nas propostas de Marisol de la Cadena³¹ e de seu encontro com os seres-terra [*earth beings*, *seres tierra*]³² também tem sido chave para expandir as compreensões de possibilidades de ser pesquisadora, de me encontrar com mundos diferentes dos meus e de narrar essas práticas junto dos seres com quem a pesquisa acontece. Ainda que, diferente de minha proposta, os seres-terra ou tirakuna sejam outros-que-humanos e que De la Cadena os conheça a partir de sua relação com os humanos runakuna, o trabalho etnográfico da autora junto de

29 POLÍTICAS cósmicas, 2021.

30 Comunicações orais à autora.

31 Junto de Renata e das companheiras orientadas por ela na iniciação científica, no mestrado e no doutorado, desde abril de 2022, estamos fazendo a leitura em grupo do livro *Earth beings: ecologies of practice across Andean worlds*, de Marisol de la Cadena.

32 Como Marisol de la Cadena conta na primeira nota do Prefácio, “A literal linguistic translation of tirakuna would be tierras or seres tierra, earths or earth-beings in English.” (DE LA CADENA, Marisol, *Earth beings*, 2015, p. 291.)

Mariano e Nazario Turpo, na região de Cuzco, no Peru, tem sido importante para refletir sobre narrativas orais que excedem a História e a Política e eventos que não têm a evidência como requisito. A autora nos apresenta os seres-terra a partir da ideia da presença: ao dizer o nome de um ser-terra, ele se faz presente, agindo no mundo; os seres-terra simplesmente *são*. O que se perde na tentativa de tradução são os seres-terra eles mesmos, porque não há palavras ou significados possíveis de representá-los.³³

Ainda, grande referência para a pesquisa é o festival Seres-Rios e, como formulam as curadoras,³⁴

“mais do que reunir a perspectiva dos humanos que vivem com o rio, do rio, para o rio, esta proposição fluvial quer confabular sobre dar voz aos próprios rios, aos peixes e outras criaturas que nele vivem, às matas ciliares e a todos os seres em suas vizinhanças, margens e barrancos. Propõe-se como um remanso de permanências e devires, sempre suscetível e aberto à confluência com outros seres e rios. Pretende reimaginar a própria ideia de rios como seres, organismos, sistemas vivos, para admiti-los como sujeitos que têm agência, direitos, se relacionam socialmente com outros seres e contam histórias.”³⁵

Em nosso primeiro encontro, Gley me deixa claro que ele existe por causa do rio:

“Estamos falando desse povo, à margem esquerda do Rio São Francisco. Bebemos dessa água, é essa água que possibilita tudo: a nossa existência enquanto povo. A gente existe – eu existo – por conta do rio São Francisco. A maneira com que eu vejo o mundo é dada pela forma de ser barranqueiro, de ser sertanejo, das nossas vivências e das nossas relações sociais.”³⁶

33 DE LA CADENA, *Earth beings*, 2015.

34 Na proposta original de diagramação da dissertação, as citações não seguem as recomendações da ABNT e são incorporadas ao texto porque se propõe um texto polifônico em que as muitas vozes se somam e interrompem. Para ler a dissertação em sua diagramação original, acesse [este link](#).

35 ESTEVES; TORRES; BERTELLI; CANÇADO, Carta dos curadores, 2021.

36 Comunicação oral à autora.

Muitos outros seres-rio compõem os entrelaçamentos e são parte da criação de mundos no Sertão, e com eles buscaremos aprender: caboclos d'água e pescadoras guardiãs do rio, sapos e galinhas d'água que prevêem a chuva, agricultoras que cultivam alimento e plantam água, pequis que alimentam a terra e viram pilão, veredas que controlam o fogo e são companheiras de buritis, raízes que se entrelaçam debaixo da terra e criam outros mundos subterrâneos.

Ao longo da pesquisa do Temporão, as companheiras trouxeram para a conversa esses importantes e variados temas sócio-espaciais. Me lembro de Gley nos apresentar justificativas de relações com as águas – não evidentes a princípio para as desatentas, como eu, que não têm intimidade com esses mundos: “a mesma pessoa que coleta a madeira depois de a árvore tombar, que constrói a rabeça e toca na festa de São Gonçalo, é pescadora que conhece os fluxos de baixa e cheia do rio.”³⁷ Além dos festejos, da pesca e do extrativismo, conversamos com os bichos e as árvores do Cerrado, e é marcante para mim que cada caso traga muitas referências às plantas, pássaros, sucuris e jacarés. Também escuto sobre o artesanato, as queimadas, a mineração, a seca, as veredeiras, geraizeiras, indígenas xakriabás, agricultoras, vazanteiras, quilombolas e grutas. A cada conversa, a alteração no regime de chuvas e a seca do rio se fazem presentes, e discutimos as possíveis articulações com a emergência climática e as formas com que o Antropoceno se materializa e se mostra articulado com o capital financeiro³⁸: na mineração, no agronegócio, no desmatamento do Cerrado e no monocultivo de eucalipto. O tema da migração compulsória para os centros e periferias urbanas também é recorrente, personificado em Gley, que se mudou para São Paulo para estudar e voltara há pouco para Januária; em Layane, que escolheu o curso de biologia por ser o único que a permitiria se manter no território – além de ser a primeira oleira a ingressar no ensino superior; e em Claudinha que, durante nossa pesquisa, se mudou para Montes Claros para trabalhar como assistente de dentista e já havia partido para Ribeirão Preto outras duas vezes, assim como a maior parte das jovens de que tive notícia. A disputa de terras por humanos também foi muito discutida: para conservação, com os grandes parques; para extrativismo de frutos, especialmente pelas populações que habitam o médio curso e, a meu ver, contribuem na produção de biodiversidade no Cerrado; para serem destinadas à pecuária extensiva, à grilagem, à mineração e ao agronegócio.

Em uma das primeiras conversas que tive com Renata, ela chamou minha atenção para o fato de que não deveríamos ser Aline e eu, sozinhas, a dizer como fazer a pesquisa para criar o jogo, e sim nossas companheiras, também implicadas no processo.³⁹ Para conhecer os mundos-Peruaçu, com todas as minhas (nossas) limitações de

37 Comunicação oral à autora.

38 DE LA CADENA, Natureza incomum, 2018, p. 102.

39 Comunicação oral à autora.

compreensão, não seria suficiente dispor apenas das ferramentas que conhecíamos ou que tínhamos capacidades de produzir. Para nós duas, acostumadas a propor oficinas, modos de criar jogos e de fazer mediações, isso não era evidente e foi fundamental para criar espaço para uma pesquisa compartilhada, para nos deixarmos afetar⁴⁰ e, arrisco dizer, para as relações de amizade que tecemos para além do trabalho. Buscando modos de aprender diferentes daqueles a que estou acostumada, treino para perceber que, além do concreto de onde meus pensamentos foram adestrados, existem muitos mundos⁴¹. Lembro-me do que Marisol de la Cadena diz sobre percepções que trazem *pausa*; importantes para perceber que a ansiedade para entender tudo de maneira coerente, clara e sem contradições pode estar, muitas vezes, fora de lugar.⁴²

De julho a outubro de 2021, nos encontramos quase semanalmente, em salas virtuais, e gravamos os encontros. As gravações foram transcritas por mim e, neste processo, fui experimentando como ocupar meu texto acadêmico com muitas vozes. Nossos modos de pesquisa caminharam por vídeos, poemas, mapas, fotos e ligações, a cada semana propostos por uma pesquisadora (Claudinha, Layane, Gley, Aline, Marília e eu) para investigarmos diferentes questões relativas às águas. Havia um recurso do projeto para viagens que, não realizadas em função da pandemia da Covid-19, readequamos para pagar bolsas durante a etapa da pesquisa para Claudinha, Gley, Layane e Marília. A mecânica do jogo – suas regras e materialidades – foi sendo discutida e definida ao longo dos encontros, especialmente a partir das conversas que tivemos com crianças, jovens, adultas e idosas sobre as brincadeiras da região: percebendo que os lugares de brincar são o rio, os barrancos e as sombras de árvores e que galhos, pedras e barro são companheiras frequentes, propusemos um jogo-tapete que pode ser levado para qualquer beira de rio. Também gostaríamos que o jogo registrasse nossa própria pesquisa e os modos que inventamos juntas de pesquisar sobre as águas do Peruaçu. Por isso, a cada jogada, novas pesquisas com as ferramentas mais adequadas a cada contexto e pesquisadora podem ser realizadas. Na borda do tapete, há algumas frases (como “sentir cheiro”) que, combinadas com os desenhos e cores no centro do jogo, formam convites para notar os mundos em volta e trazer coletas e histórias para compartilhar com o grupo.

A princípio, pensamos em convidar duas pessoas do território indicadas por Claudinha e Gley para desenhar as histórias, mas por restrições de acesso à internet, do tempo do projeto e do recurso para remunerá-las, além de questões pessoais delas, não foi possível. Então, eu mesma fiz os desenhos, compilando todas as imagens trocadas no WhatsApp para definir o tipo de desenho e as cores, reescutando os áudios e lendo as transcrições. Agora, os percebo como primeiras traduções das narrativas

40 FAVRET-SAADA, *Ser afetado*, 1990.

41 DE LA CADENA; BLASER, *A world of many worlds*, 2018.

42 DE LA CADENA, *Earth beings*, 2015, p. 54

levantadas por nossa pesquisa. Me lembro dos *Teheys* de Dona Liça Pataxoop, e de que a escrita em palavras não é a única possível. Como conta Dona Liça, Tehey

“é um material de pescaria, das mulheres pescarem na beirada dos rios. Eu, no pensamento da minha escrita, dei o nome desse material com que faço o trabalho na sala de aula de *tehey de pescaria de conhecimento*. [...] Tudo o que você precisa está dentro desse ensino das imagens.” O *tehey* “é uma escrita que é também uma forma de ensinar a nossa cultura, o nosso costume tradicional do nosso povo. A cultura do meu povo, a cultura que a terra me ensinou, que meus professores *yãmĩyhop* me ensinaram.”⁴³

O uso dos desenhos no jogo busca conversar com pessoas humanas de diferentes idades e que tiveram ou não experiências de alfabetização (quem sabe, de maneira diferente de quando o desenho técnico de arquitetura-urbanismo sai das universidades, prefeituras e escritórios e chega aos canteiro de obras). As poucas frases no jogo criaram dificuldade de leitura na primeira vez em que o jogamos, que tentamos contornar, nas outras vezes: pedíamos que as jogantes escolhessem uma das três cores, e uma de nós começava a ler as palavras da cor escolhida para ver se alguma jogante se sentia à vontade com a leitura, e caso sim, ela continuava. Em nosso entendimento, os desenhos criaram identificação com o território, muitas pessoas falavam que se pareciam com desenhos da região e uma das tias de Claudinha buscou bordados que já tinha feito, “iguais àqueles desenhos”, para nos mostrar. As imagens abstratas e pouco literais incentivam a interpretação e, nas diferentes regiões, as pessoas os liam de maneira distinta: o pequizeiro, para quem trabalha com o extrativismo dos frutos, também foi gameleira na região onde não há pequi, mas há muitas gameleiras e peixinhos que gostam das gamelas; o pé de mandioca, para as mulheres que plantam e fazem farinha, foi pé de mamona para crianças que têm hábito de brincar com as mamonas. Depois de jogar muitas vezes, percebemos que também podemos encarar o tapete como um mapa da bacia hidrográfica do rio Peruaçu.

Quando tínhamos um rascunho do jogo, iniciamos os testes da mecânica. Layane e Layza, sua irmã, testaram no quintal de suas casas, no Candéal; eu e Vini, meu companheiro, testamos na mata próxima à nossa; e Aline e eu testamos no prédio onde ela mora. Ajustamos o que percebemos como necessário, fizemos diversos testes com tecidos e acabamentos e imprimimos 100 cópias. O jogo está sendo compartilhado com escolas do Vale do Peruaçu e região desde março de 2022, como contrapartida ao patrocínio que recebemos, quando fomos ao território

para uma semana de atividades e formação das educadoras na Escola Estadual do Candeal, onde Layane fazia seu estágio de Biologia. Jogamos o jogo sempre que possível no momento de entregá-lo às escolas: com turmas de estudantes ou, quando não estavam acontecendo aulas – por causa da greve na rede estadual por aumento salarial ou da má condição das estradas que impedia a circulação do transporte escolar – com educadoras. A depender do número de estudantes que havia nas escolas, deixamos entre três (na menor escola, onde havia vinte estudantes) e cinco (na maioria das escolas, onde estudam cerca de cem estudantes). A cada jogada, novas leituras dos desenhos e novas histórias do território surgem e alimentam esta pesquisa. Acompanham o tapete alguns cartões-postais, pensados como materiais de apoio para educadoras: recados imaginários trocados entre os seres-rio, escritos por mim e por Aline a partir de informações da pesquisa.

Como contei, a pesquisa do Temporão aconteceu durante o primeiro ano do mestrado, e foi uma possibilidade de estar no Peruaçu e receber suas notícias ainda que não presencialmente. Essa pesquisa trouxe conversas muito diversas e me indicou temas de interesse para aprofundamento e pessoas com quem eu gostaria de conversar e caminhar pelo rio: mulheres que plantam nas vazantes e em seus quintais, que coletam frutos e que produzem com o barro. São também Layane, Claudinha e Gley que criam outras pontes quando posso, finalmente, pisar no Peruaçu. Assim, entendo o jogo não como um fim em si mesmo, mas como um meio: tanto para realizarmos a pesquisa em companhia e aprendermos com a rede de seres-rio, mas também depois, para fomentar novas pesquisas, aprendizagens e relações.

Em março de 2022, quando os números de transmissão da Covid-19 permitiram, Aline e eu fomos ao Vale do Peruaçu. Foi o momento de compartilhar o jogo, ouvir narrativas diferentes, aprofundar as questões impulsionadas pelas disciplinas, grupos de estudos, leituras do mestrado e pela própria pesquisa do Temporão, além de encontros com as amigas e com os seres-rio. Foi também durante esse mês que se mostrou mais evidente para mim o caminho de pesquisa que eu vinha traçando, e quais eram os temas mais recorrentes nas minhas observações sobre as aprendizagens com o rio.

Fazer com

Os modos de fazer pesquisa *em companhia*, propostos por Ariella Azoulay, trouxeram apontamentos consideráveis para pensar a pesquisa do Temporão e esta pesquisa acadêmica.⁴⁴ Afirmando que “precisamos buscar não descobrir,

44 Junto de Renata e de suas orientandas por ela, entre janeiro de 2021 e fevereiro de 2022, fizemos a leitura coletiva do livro *Potencial History: unlearning Imperialism*, de Ariella Azoulay.

mas nos juntar a outros”⁴⁵, Azoulay adentra arquivos, documentos escritos e fotografias junto de corpos rejeitados por tais *ferramentas do mestre*⁴⁶ que estabelecem a História, e nos convoca a “nos engajar com seus atos como parceiros políticos e não como objetos de estudo”⁴⁷. Para ela, “essa companhia se torna uma maneira de nos engajarmos uns com os outros fora de nossos respectivos papéis atribuídos pelo imperialismo.”⁴⁸ Pensando com Ariella Azoulay, não falamos de objetos ou sobre os sujeitos, mas buscamos falar *com companheiras de pesquisa*, ainda que cada uma participe desta e produza suas próprias pesquisas de maneiras diferentes.

Ampliando ainda mais as possibilidades de companhias numa pesquisa acadêmica, Anna Tsing chama atenção para o fato de que, para aprendermos sobre os mundos e fazer ciência com as complexidades dos dias de hoje, “é hora de recuperar a história e permitir a entrada de não-humanos.”⁴⁹ Em seus modos de fazer, Tsing se propõe a observar, descrever e inventar maneiras de narrar as relações entre os seres em assembleias – reuniões abertas, emaranhamentos multiespécies –, que permitem perguntar sobre potenciais efeitos comunitários sem assumi-los.⁵⁰ Buscando modos de fazer pesquisa, me pergunto quais são as possibilidades para que cada pesquisadora possa trazer suas contribuições, prazeres, motivações e modos de pesquisar, como podemos convidar pessoas não-humanas para adentrar os espaços de pesquisa junto conosco – ou, melhor, como perceber a diversidade de seres que já habitam os espaços onde adentramos – e como calibrar nossos sentidos de mundo para compreender o que as assembleias emergentes na pesquisa nos apresentam.

Outras duas pensadoras que me ajudam a refletir sobre as possibilidades e os limites de pesquisas, e nas “formas de juntar o diferente sem que nada se converta no que não é”⁵¹, são Ailton Krenak e Marisol de la Cadena. Recentemente, em diálogo com Ana Gomes durante o festival Seres-Rios, contam sobre o que chamam de *alianças afetivas e incomuns*. Krenak, fazendo algumas observações sobre as alianças políticas e afetivas que estabeleceu ao longo das décadas, nos convida a

45 AZOULAY, *Potencial History*, 2019, p. 199.

46 Ibidem.

47 Ibidem, p. 213.

48 Ibidem, p. 213.

49 TSING, *Viver nas ruínas*, 2019, p. 17.

50 TSING, *O cogumelo no fim do mundo*, 2022.

51 POLÍTICAS cósmicas, 2021.

“perceber o que são alianças que obrigam a uma igualdade, que chegam a ser opressoras, e aquelas alianças que evocam uma radical diversidade, que admitem, inclusive, outros mundos. Só nesse segundo caso é possível conjugar alguma coisa como mundizar; abrir a possibilidade de criar mundos. Experimentar o encontro com a montanha não como uma abstração, mas como uma dinâmica de afetos, em que não só ela é uma pessoa ou sujeito, mas ela tem também a iniciativa de abordar quem quer que seja. Esse *nós* possível pode ser percebido de diferentes lugares, de diferentes maneiras. Ele desconcerta a centralidade do especismo humano; vale perguntar: como desconcertar esse lugar desconfortável do especismo humano? Ao se instituir, ele denuncia todas as outras existências, porque outras coisas só poderão existir com o enunciado do antropocentrismo, lugar central que marca e denomina tudo – inclusive os outros parecidos conosco, que consideramos que também são humanos.”⁵²

Dialogando com Ailton Krenak, Marisol de la Cadena continua:

“Eu chamo isso de alianças desde o incomum, onde o incomum é um assunto permanente, que não desaparece e tem que estar completamente presente no momento das alianças. As alianças se fazem pensando num interesse comum, que não é o mesmo interesse – essa frase não é minha, é de uma filósofa belga de quem gosto muito, que se chama Isabelle Stengers, mas aprendi a usá-la com Mariano e Nazario Turpo [e, se De la Cadena me permite, eu acrescentaria os seres-terra]. [...] Eu as chamo de aliança porque é uma forma de juntar o diferente sem que nada se converta no que não é.”⁵³

Criamos diferentes tipos de alianças durante a pesquisa. As relações e seus termos foram se definindo simultaneamente, pelas maneiras com que estivemos disponíveis para nos relacionar e pelos lugares de onde partimos e onde nos encontramos. No momento da criação do jogo Temporão, Aline, Claudinha, Gley, Layane e Marília dividiram comigo uma pesquisa em comum. No início de nossas interações, Gley deixou clara a diferença entre a pesquisa do jogo que fazíamos juntas e a pesquisa acadêmica que algumas de nós realizava, e sua indisponibilidade para a prática da escrita. Marília estava terminando o mestrado, em que pesquisava a seca do Peruaçu, e eu já tinha apontado meu desejo em correlacionar

52 Ibidem.

53 Ibidem.

nossos processos com esta pesquisa. Quase um ano depois, quando conversamos novamente sobre o assunto, Claudinha me conta sobre sua vontade de entrar na universidade e Gley se prepara para iniciar uma pós-graduação, e as duas relataram mudança de perspectiva quanto a se enxergarem pesquisadoras depois de nosso processo de pesquisa. Especialmente com Gley e Claudinha, depois da finalização do jogo, continuei em interlocução e elas me acompanharam em caminhadas e visitas e traçamos diálogos sobre minha pesquisa acadêmica e as pesquisas que começaram sobre o Vale do Peruaçu. Já as pessoas que me recebem em suas casas e pousos e me acompanham nas caminhadas pelo Peruaçu, talvez não chamem suas práticas cotidianas de *pesquisa*, mas ao seu modo investigam os espaços de vida e produzem conhecimentos. Quando estamos juntas, caminhando ou nas atividades domésticas, em muitos momentos há questões que se manifestam *pelo encontro*.

Aline e Marília, amigas com quem eu já havia trabalhado antes, também transitam entre os mundos-Peruaçu e a academia. Para se apresentar a você, Marília disse: “sou formada em Turismo e mestra em Geografia pela UFMG. Ao longo dos últimos anos, em andanças investigativas pelo vale do Peruaçu, costurei uma teia de afetos junto às águas e às gentes desse rio.”⁵⁴ Aline entrou no mestrado também no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG (NPGAU) e tem investigado as negociações que se estabelecem entre o rio Peruaçu e as viventes.

A família de Gley vem do Olhos d’água, no Vale do Peruaçu, e ele viveu parte de sua infância entre o Olhos d’água e o Candéal, comunidade no município de Cônego Marinho. Sua geração familiar participa do êxodo para a cidade, ele nasce em Januária e, na juventude, se muda para São Paulo para cursar economia na Universidade de São Paulo. Depois de trabalhar em uma transnacional, volta a Januária transformado, cheio de propostas para os contextos culturais, onde atua como produtor e cineasta no Cine Barranco, e me conta sobre como é ser uma *Diva do Sertão*, um ser político num mundo LGBTfóbico. Gley se tornou um grande amigo, e é também meu primeiro tradutor dos mundos de sua infância e de onde trabalha e pesquisa atualmente. Sua casa e sua companhia são *momentos de descompressão*⁵⁵ entre os mundos-Peruaçu e meu mundo. Durante nosso mês no Sertão *nas águas*, ele esteve conosco a maior parte do tempo. *Na seca*, também passamos boa parte do tempo juntos, quando ele retornou ao Peruaçu para me fazer companhia, ajudando a compreender as intensidades das relações com o Sertão, e para iniciar sua pesquisa na comunidade da Onça, antiga olaria.

54 Comunicação oral à autora.

55 MARTIN, *Escute as Feras*, 2021, p. 21.

Layane e Claudinha são filhas de pessoas engajadas em assuntos comunitários e começaram a pesquisar sobre seus territórios nos últimos anos. Em suas palavras:

“Sou Layane Farias, bióloga, gosto de participar de ações que ajudam a proteger o meio ambiente. Sonho com um mundo mais próspero onde as pessoas possam olhar para nossa casa, essa terra, com mais carinho. Como futura professora, pretendo expressar meu desejo e ensinar meus alunos esse caminho. Moro na comunidade de Olaria, uma comunidade tradicional de pequenos produtores rurais, artesãos e quilombolas. Tudo o que é plantado aqui – feijão, mandioca, cebola, alho, fava, andu, dentre outros – é utilizado para consumo próprio e, quando a colheita é grande, esses pequenos produtores vendem as suas mercadorias para adquirir outros produtos do mercado. São produtos extremamente saudáveis, sem uso de agrotóxicos ou elementos químicos que possam prejudicar a saúde do consumidor e do ambiente. É uma comunidade simples, de pessoas humildes, e bastante conhecida pelo artesanato das Oleiras do Candeal – um grupo de 11 mulheres que trabalham arduamente com o barro. Do barro, vão se formar as mais variadas cerâmicas: potes, pratos, panelas,oringas etc. Não é um trabalho fácil, apesar de ser feito com muito amor pelas artesãs, e o pouco que elas ganham com as vendas de suas peças garante o sustento de suas famílias.”⁵⁶

Claudinha também se apresenta:

“Eu sou a Cláudia Mota. Tenho 27 anos, nasci em Itacarambi, mas morei sempre com meus pais, no Vale do Peruaçu. Morei em São Paulo também, no período em que trabalhei por lá. Minha família é de pessoas simples, meu pai tem um bar e minha mãe é dona de casa. Eles também são produtores rurais, cultivam frutas e hortaliças. Eu sou uma pessoa sonhadora, adoro aprimorar meus conhecimentos e ainda tenho muitos projetos para concretizar. Pretendo fazer faculdade de farmácia. No momento, sou estudante de um curso de Auxiliar de saúde bucal, área em que estou atuando.”⁵⁷

56 Comunicação oral à autora.

57 Comunicação oral à autora.

Ao longo da pesquisa do Temporão, Claudinha e Layane compartilharam conosco contatos de pessoas com quem conversar, e as companhias de pesquisa se expandiram para mães, tias, cunhadas, vizinhas e outras conhecidas. O desafio de fazer pesquisa durante a pandemia e a impossibilidade de pisar os mundos-Peruaçu foram sendo driblados com as notícias que eu recebia pelo celular: fui conhecendo, aos poucos, cada mundo a partir de áudios, imagens, canções e brincadeiras. Quando nos encontramos, as duas tomaram a frente do compartilhamento do Temporão. Layane fazia estágio na Escola Estadual do Candeal, conduziu as jogatinas e articulou, junto de Gley, uma sessão de cinema e uma vivência com o barro e as Oleiras do Candeal. Claudinha nos levou aos lugares das narrativas traduzidas em desenhos no jogo, às escolas da região, depois de combinar com a diretora, e também à casa de suas familiares que participaram da pesquisa.

Quando viajo, é também a partir das relações familiares, de amizade e confiança dessas companheiras de pesquisa que novas pessoas me recebem no Peruaçu. Durante março de 2022, Aline e eu, a partir da casa de Gley em Januária, fizemos pequenas viagens, nos hospedando em pousos turísticos de base comunitária, casas ou anexos próximos às casas das famílias que nos receberam. Leninha Mota e Santana do Candeal nos acolheram na visita ao rio Profiro, no Candeal; no rio Peruaçu, na comunidade do Janelão ficamos com Vanuza de Souza Lima e seu esposo, Geovane Ferreira da Hora e, no Olhos d'Água, ficamos com Nelinda e Zé Torino. Leninha é tia de Gley e próxima de Layane, e se mudou do Olhos d'água para o Candeal quando se casou com Santana, *grande sanfoneiro do Sertão*, como ouvimos dizer. Leninha foi diretora da escola durante muitos anos e, na semana em que passamos juntas, se ocupava de receber amigas para produzir petas e biscoitos de queijo para as novenas de São José. Depois das ladainhas e missa, era Santana quem puxava o leilão e o forró. Aline e eu conhecemos Vanuza no lançamento da revista Manzuá 4⁵⁸ no BDMG Cultural – a primeira vez em que ela foi a uma cidade grande. Na edição da revista, há uma matéria sobre Vanuza e seu quintal-ateliê. Ela contou que recebe pesquisadoras e turistas em seu pouso, que mora dentro do Parque Cavernas do Peruaçu (ou que o Parque mora dentro de sua casa?) e que no seu quintal também existe uma gruta. Quando nos recebe, ela prepara grandes aventuras para nós: passeios pelo brejo, visita à casinha de pau a pique mais remota na região, aprendências com o barro. Nelinda é madrinha de Claudinha, e Zé Torino é padrinho de uma das tias de Gley. Elas são conhecidas como Plantadoras de água, e foi também na revista Manzuá⁵⁹ que ouvimos falar delas pela primeira

58 Acesse: <https://manzua.eco.br>.

59 CAMPOS; BERTELLI, Plantadores de água, 2019.

vez. Nelinda participou conosco de outros projetos, como o podcast que fizemos durante o estágio docência⁶⁰ e a própria pesquisa do Temporão. Em nosso tempo juntas, Nelinda, Zé e seus filhos nos convidam a diversos passeios para conhecer as árvores mais altas da região, para medir o nível da barragem ou para escutar o som do vento no bambuzal.

Nossas relações se estabelecem especialmente durante a hospedagem em suas casas, mas continuamos a trocar mensagens e ligações pelo celular. Essas companheiras de pesquisa são grandes conhecedoras dos mundos dos bichos, das plantas e do rio Peruaçu, e penso nelas como tradutoras que me comunicam muitos signos que eu não poderia captar. Durante esse mês, estratégias importantes para desacelerar e me aproximar das plantas, do solo, do rio, dos bichos e dos mundos-Peruaçu foram desenhar, gravar áudios, fazer vídeos e tirar fotos. Exercícios representativos foram passeios pelas matas, quintais, roças e pelo rio, feitos a convite das companheiras ou propostos por mim para acompanhá-las durante suas tarefas cotidianas.⁶¹ Quando possível, gravei as conversas e passeios. Busquei ter atenção ao usar cada ferramenta, tentando perceber se as pessoas (tanto humanas quanto outras-que-humanas) estavam à vontade com a presença das mesmas e, caso percebia algum incômodo, parava de usá-las. Nos passeios, com as companheiras com quem eu vinha passando os dias, a captação de fotos e vídeos foi dirigida, em grande parte, por elas.

Em julho e agosto de 2022, *na seca*, volto ao Vale do Peruaçu com o objetivo de terminar a escrita da dissertação. Na primeira semana, Nelinda e Zé Torino me recebem novamente, acompanho Nelinda na busca de frutas para suas polpas, visitas a Vanuza, e junto de Zé, Val⁶² e Claudinha, visitamos a cachoeira de Miravânia, florestas de buriti queimadas e a comunidade do Onça. Escrevo a partir da casa de Isabela Itabaiana, amiga de infância de Gley. Nos conhecemos nas águas e ela generosamente me abriu sua casa, a casa da *finada* tia-avó de Gley. Isabela vive entre o Peruaçu e o Brejo do Amparo, antigo distrito que marca a formação de Januária. Ela se apresenta como geóloga e pesquisadora, que “está experienciando um pouco do Peruaçu, só aprendendo, buscando informações que precisamos para entender o território e propor a otimização dos recursos.”⁶³

60 SEMEAR Cerrado, episódio 2 – Plantar água, 2021. Escute: <https://soundcloud.com/thais-braga-519843157/semear-cerrado-episodio-2-plantar-agua>.

61 Carlos Sautchuck, em sua tese, aborda diferentes estratégias etnográficas que usam a experimentação prática como método. (SAUTCHUCK, *O arpão e o anzol*, 2007.)

62 Valter é morador do município de Cônego Marinho, onde fabrica cachaça e caminha pelo Cerrado. Ele passa temporadas no Vale do Peruaçu quando está trabalhando como pedreiro em algum serviço, como é o caso quando nos conhecemos em obra na associação comunitária do Olhos d’água e na casa da gameleira no brejo de Zé Torino e Nelinda.

63 Comunicação oral à autora.

Rapidamente, perdi grande parte da ingenuidade que ainda restava depois de já ter visitado o Vale do Peruaçu por três vezes. Não se ocultaram situações de alcoolismo, violência de gênero e raciais, brigas, homofobia e falta de acesso à água e ao sistema de saúde. Nas duas semanas seguintes, Gley me fez companhia, o que foi essencial para que eu pudesse me sentir segura e tivesse com quem compartilhar as inquietudes, e continuamos na casa de Isabela. Dividindo terreno com a casa, Eurica Ferreira Leite Mota – Rica, e Antônio “Rela” Mota me recebem com carinho e convidam para almoços e lanches. Para se apresentar, Rica diz que planta hortas, trabalha na cozinha sertaneja e participa do grupo de bordado. Antônio passa boa parte do tempo cuidando do gado, na terra próxima à casa e no Janelão, onde *alugam capim*. Em sua horta, Rica produz grande variedade que ela nos oferta e que alimenta a Gley e a mim durante o tempo que passamos ali. Nesta estadia, com as estruturas dos textos pré-definidas, busquei realizar as caminhadas sobre as quais escrevo e gravá-las quando possível. Dispondo de uma prensa botânica, junto das companheiras de pesquisa, coletamos algumas das plantas queridas e importantes nas dinâmicas da seca, do rio, das roças e dos jardins.

Falar em ciência

É curioso pensar que, na academia, nos auto-instituímos como produtores (quem sabe produtoras?) de saber, nos processos históricos epistemicidas que legitimam o que é ou não verdade, o que é ou não científico. Isabelle Stengers nos diz que “uma ciência triste é aquela em que não se dança.”⁶⁴ A pensadora discute as relações políticas da Ciência e questiona as formas como a Ciência sai do laboratório e quais são suas consequências nos mundos. Ela coloca em questão se as perguntas que as pesquisadoras fazem são de fato relevantes e propõe “nos”⁶⁵ lançarmos à aventura de “descobrir uma boa pergunta que possa

64 STENGERS et. al, Uma ciência triste é aquela em que não se dança, 2016.

65 Considero pertinente a reflexão que Alyne Costa coloca sobre quem é esse “nós”, e como a autora propõe habitá-lo, provisoriamente, junto de Stengers: “Stengers usa o pronome ‘nós’ (e os possessivos correlatos ‘nosso[s]’/‘nossa[s]’) para salientar o coletivo a que ela afirma pertencer: o coletivo europeu, moderno, criador de determinados modos de produção de conhecimento comumente tratados como universais (ou civilizados, ou racionais...). Cabe lembrar que a autora é belga e, ao longo de sua carreira filosófica, trabalhou estreitamente com cientistas, tendo ela mesma se graduado em química; é por isso que ela se diz, em diversos textos, herdeira das práticas modernas (e daí as muitas referências, neste trabalho, à prática científica, sobre a qual a autora tanto escreveu). Ao mesmo tempo, as aspas servem para sinalizar que é preciso, justamente, reconhecer a legitimidade de outras práticas que não as modernas, desconfiando dessa autopromoção de universalidade, como veremos ao longo do texto. Dito isto, e reconhecendo que as maneiras como os saberes ocidentais (impostos à custa de muita exploração) são praticados no hemisfério Sul não coincidem com as formas como o são nos países do Norte, aceito (ao menos provisoriamente, neste trabalho) me posicionar junto a Stengers e assumir também como ‘minhas’

levar a um vínculo” durante as experimentações.⁶⁶ Seguindo neste caminho, me pergunto como, além da Ciência que deixa os laboratórios e as universidades e se engaja politicamente nos mundos que pesquisa, poderíamos pensar em ciências da vida, múltiplas, criadas por muitos seres, ancoradas nas experiências e que seguem os fluxos das relações emergentes. Minha amiga e pesquisadora *no Sertão* Rebeca Andrade apresenta uma definição de ciência que me interessa: “podemos encarar a ciência como as diferentes formas de conhecer os mundos.”⁶⁷

Encontro importante para pensar as ciências que articulam aprendizagens nesta pesquisa foi com Seo Valdemar Xakriabá. Certa noite, o ouvi dizer que

“a ciência é uma coisa que nunca chega ao fim. Por que não chega ao fim? Se estudo a ciência e descubro um, amanhã eu parto para o campo, vejo outro diferente. Outro vai, e vê diferente. Então, por esse meio, é uma coisa que não chega ao fim. [...] Cada um tem uma ciência. Até os animais que ocupam o campo, cada um tem as ciências dele. A gente tem que acompanhar os bichos para saber quais são as ciências deles, os pensamentos deles, quando é para chover, quando é para estiar.”⁶⁸

Atravessada pelo Sertão, releio Miguilim e Guimarães Rosa e reconheço que com eles também aprendemos sobre as ciências dos bichos:

“– Vai chover. O vaqueiro Jé está dizendo que já vai dechover chuva brava, porque o tesoureiro, no curral, está dando cada avanço, em cima das mariposas!... [...] Disse que é por conta do calorão que vai vir chuva, que todos estão com o corpo zangado, no pé de poeira...”⁶⁹

Penso também nas ciências do barro, que aprendo peneirando e amassando o barro com as oleiras do Candéal, com as contações de caso da infância de Layane e que me traduz Gley:

as práticas ocidentais – afinal, ao fazer filosofia, me dispus a produzir segundo as condições imanentes a esta prática, por mais que possamos (e devamos) questionar as implicações políticas que tal prática possa ensejar.” (COSTA, *Ecologia e resistência no rastro do voo da bruxa*, p. 29.)

66 STENGERS et. al, *Uma ciência triste é aquela em que não se dança*, 2016.

67 Comunicação oral à autora.

68 DIÁLOGOS Freirianos com a Educação, 2021.

69 ROSA, *Manuelzão e Miguilim*, [1964] 1990, p. 25.

“as mulheres do Candeal, no saber, na vivência, sabem que esse barro é bom para panela, e aquele outro não é. Estamos falando de uma composição química, que, ao olhar, sentir e tocar aquele barro, sabem se é bom para panela que, como vai no fogo e tem alternância de temperatura, precisa de uma composição diferente do barro. Na queima, ao observar fumaça, ao colocar a mão no forno e sentir a temperatura, sabem se está bom para a peça. Se está frio, colocam um pouquinho de tal lenha, e controlam ao olhar a fumaça, pelo desenho que a fumaça faz, ao sentir com a mão, sem usar termômetro! Se o forno está quente demais, a peça estoura, porque tem água. Tudo tem água, a gente tem água, o barro tem água. Se você queima o barro de forma abrupta, não no tempo dele, a água vai evaporar rápido e a peça vai estourar.”⁷⁰

Não faz muito tempo, ouvi Ailton Krenak dizer que paciência, como união dos termos *paz* e *ciência*, seria a *ciência da paz*.⁷¹ Quem sabe se relacione com o que Anna Tsing chama de método da paciência infinita, ou “como aprender sem fazer uso de tantas pressuposições.” Para ela, a pesquisadora deve “trabalhar cuidadosamente e discretamente com informantes, deixando-as definir os termos do encontro.”⁷²

Buscar conhecer outros mundos, como nas aprendizagens com o Peruaçu, é também um exercício de abertura a verdades múltiplas, e buscarei não trabalhar na lógica de validação de certas sabenças a partir de conceitos instituídos por quem tem o poder de fazê-los. Contudo, como disse Marisol de la Cadena, nosso mundo acadêmico e letrado não reconhece experiências que acontecem para além da sua visão (muitas das quais não são possíveis de se conhecer por razões epistêmicas ou condições empíricas), e as representa como não existentes ou, no melhor dos casos, como ficção literária, mito, superstição, crença ou talvez loucura.⁷³ Ocupando também a academia, e considerando que “o mundo letrado continua a ser o tradutor hegemônico de outros mundos parcialmente conectados, particularmente se estes forem a-letrados”⁷⁴, como lembra De la Cadena, me pergunto como fazer as transcrições, edições e traduções das ciências e sentidos de mundo, e como usar a ferramenta imperial da escrita de modo a somar às resistências e aos cuidados com os mundos do Cerrado.

70 Comunicação oral à autora.

71 KRENAK, Comunicação oral em disciplina.

72 TSING, *Viver nas ruínas*, 2019, p. 172. Gênero alterado.

73 DE LA CADENA, *Earth beings*, 2015, p. 60.

74 Ibidem, p. 62.

Nesta dissertação, não buscaremos ciências inertes e imutáveis ou respostas exatas e singulares, que criam um universo em detrimento de todos os outros. Buscaremos aprender as ciências de que fala Seo Valdemar Xakriabá: se a cada dia você pode notar coisas que ainda não tinha notado, existem também aquelas ciências que, ocupando nossos corpos humanos – e, no meu caso, não indígena, não-barranqueira, não-sertaneja, cidadã da cidade-progresso – não conseguiremos decifrar. As indefinições são importantes, como lembra Marisol de la Cadena, que percebe que nos mundos dos seres-terra os significados podem ser efêmeros, já que se dão nos processos relacionais; os sentidos são produzidos de acordo com as circunstâncias.⁷⁵

Escritura das experiências

Transitar entre papéis – como pesquisadora acadêmica e do jogo Temporão, amiga, mulher, escritora etc. –, tendo como premissa a escrita de um documento acadêmico, me fez questionar, por muitas vezes, qual seria a função de uma dissertação de mestrado. Ou, pelo menos, desta dissertação. Sigo pensando sobre isso, e, por hora, pensando o mestrado como processo formativo, minha intenção é fazer um exercício de escrita que faça sentido para as vidas implicadas no processo de pesquisa.⁷⁶ Assim, esta dissertação se propõe a treinar o cultivo da percepção da agência dos diversos seres-rio na pesquisa e, também, em sua narrativa. Tenho buscado investigar maneiras possíveis de escrever as aprendizagens espaciais com as companheiras que produzem a pesquisa junto comigo – gentes humanas, guaribas, pedras, angicos, sucuris, Peruaçus, ventos e tantas mais. Além disso, me interessa pensar em formas de navegar entre a universidade e meus pares acadêmicos, de um lado, e o Peruaçu e as companheiras de pesquisa de outro.

O desafio de ocupar o papel de tradutora, em palavras escritas, das ciências e vivências dos mundos do Cerrado, com minhas tantas limitações de compreensões, tem me colocado inúmeras questões ao longo da pesquisa. Penso na pergunta com que Renata nos provoca em seus textos, práticas e conversas: *como converter*

75 Ibidem, pp. 53 - 56.

76 O processo de encontrar uma escrita engajada politicamente, cuidadosa com todos os seres que participam da pesquisa e que seja reconhecida como acadêmica tem sido muito angustiante. Encontros essenciais tem sido aqueles com Renata e as colegas da disciplina *Discussões metodológicas: Etnografias* e com Zoy Anastassakis e Helen Torres e as colegas do programa de estudos independentes em humusidades, em especial as que participaram dos ciclos *Era uma vez... e era uma vez, e era uma vez, e era uma vez, e era uma vez* e *Fabulação especulativa, o que é, o que é?*.

*vantagem epistemológica*⁷⁷ *em mediação*?⁷⁸ Como habitar o equívoco e nossas contradições, em vez de tentar evitá-lo, para perceber outros modos de pensar? Dentro do que pode ser reconhecido como um texto acadêmico, como pensar uma forma de escrita comprometida politicamente com os modos de vida e de pesquisa? A dissertação poderia ser encarada como uma prática, em continuidade com as práticas sobre as quais ela conta, e que busca compartilhar o sentido que as companhias de pesquisa e eu atribuímos aos mundos-Peruaçu? Como fazer uma escrita desobediente que incorpore aquelas que, de diferentes maneiras, compartilham comigo momentos neste processo? Como evidenciar os corpos, oralidades, experiências e espaços? Como convidar para a narrativa aqueles seres com quem aprendo e que não se comunicam na língua escrita? Como os textos poderiam ser escritos com movimento, não em linha reta, como se houvesse um sentido único para sua leitura, compreensão e cruzamento com outras ideias? É possível fazer um exercício de escrita com abertura, em que ainda há espaços para indefinições, mudanças de opiniões, trilhagem de outros caminhos e compreensões?

Sabemos que a escrita é uma ferramenta de imposição imperial, trazida às Américas junto da colonização e, como nos conta Diana Taylor, passou a substituir os conhecimentos incorporados e se colocar contra eles. A autora nos convida a considerar a performance como sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimentos,

“nos preparar para desafiar a preponderância da escrita nas epistemologias ocidentais e permitir o aparecimento de perspectivas alternativas dos processos históricos transnacionais de contato e [...] um remapeamento das Américas, dessa vez seguindo tradições de prática incorporada.”⁷⁹

Nesse caminho, me pergunto como poderíamos pensar uma forma de escritura das experiências que leve em conta as práticas incorporadas e as performances cotidianas de que partem nossas aprendizagens, quais seriam as possibilidades para criar uma escrita polifônica, pública, pensada como processo, como lugar de encontro e

77 Renata pensa junto com Eduardo Viveiros de Castro: “O antropólogo tem usualmente uma vantagem epistemológica sobre o nativo. O discurso do primeiro não se acha situado no mesmo plano que o discurso do segundo: o sentido que o antropólogo estabelece depende do sentido nativo, mas é ele quem detém o sentido desse sentido — ele quem explica e interpreta, traduz e introduz, textualiza e contextualiza, justifica e significa esse sentido.” (VIVEIROS DE CASTRO, *O nativo relativo*, 2002, p. 115.)

78 MARQUEZ, *Quase-etnógrafa-etc.*, 2020, p. 8.

79 TAYLOR, *O arquivo e o repertório*, p. 50.

de partilha, como poderíamos fugir da armadilha de ler narrativas acadêmicas como verdades, e não ouvir os dialetos não imperiais⁸⁰ e, como diria Marisol de la Cadena, como poderíamos evitar ser cúmplices dos desqualificadores⁸¹ das histórias, narrativas e ciências do rio.

A transcrição e a escrita das experiências a partir dos encontros e passeios com os seres-rio é uma tentativa de não estar sozinha neste lugar da escrita. Busco uma *ocupação bibliográfica*⁸² das páginas da dissertação com as vozes e ciências das companheiras de pesquisa, num treino de contaminação do espaço acadêmico com os diálogos e relações traçados fora desses limites. Esta forma de escrita é também um exercício de manutenção dos rastros de aprendizagem no texto, tendo em vista os caminhos ancorados na escuta, transcrição e edição de aulas e dos *encontros* com o Peruaçu; na pesquisa realizada em companhia; e na busca de conhecer e aprender as línguas dos seres-rio e de cuidar das possibilidades tradutórias.

O modo de editar as transcrições tem sido questionado ao longo de toda a pesquisa. bell hooks já nos ensinou que “a mudança no modo de pensar sobre a língua e sobre como a usamos necessariamente altera o modo como sabemos o que sabemos.”⁸³ Se queremos conhecer as ciências que emergem do rio, da beira do rio, de seus barrancos e das relações que ali se dão, como transformar palavras faladas e sensorialidades múltiplas – na maioria dos casos, barranqueiras – em “minhas” palavras escritas em português padrão numa dissertação acadêmica? Ao compartilhar os textos em processo com algumas pessoas, as primeiras indicações eram sobre “erros” de português nas transcrições, ou palavras que deveriam ser trocadas por mais correntes, como se, para as ideias de minhas companheiras se tornarem inteligíveis ou pensáveis, precisassem estar na língua padrão. Precisam? Me lembro das palavras chicanas de Gloria Anzaldúa:

“Somos seu pesadelo linguístico, sua aberração linguística, sua mestizaje linguística, o sujeito da sua burla. Porque falamos com línguas de fogo nós somos culturalmente crucificados. Racialmente, culturalmente e linguisticamente *somos huérfanos* – nós falamos uma língua órfã.”⁸⁴

80 AZOULAY, *Potencial History*, p. 196.

81 DE LA CADENA, *Earth beings*, 2015, p. 14.

82 MARQUEZ, *Quase-etnógrafa-etc.*, 2020, pp. 220-224.

83 hooks, *Ensinando a transgredir*, p. 231.

84 ANZALDÚA, *Como domar uma língua selvagem*, p. 310.

Seguindo com a dúvida sobre como fazer as transcrições e experimentando diferentes possibilidades, as falas foram levemente editadas para retirar repetições e excessos de oralidade, com o objetivo de evitar embaraços na leitura, uma vez que optamos por deixar longas transcrições nos textos. Renata, como de costume, me tranquiliza e ajuda a compreender que

“a oralidade transcrita para o texto é apenas um fragmento, dentre muitos, do registro possível de uma presença. É apenas uma possibilidade, como disse Célia Xakriabá em uma aula que ministrou na UFMG em 2019.”⁸⁵

Ela completa:

“A ocupação bibliográfica pelo afeto dos textos falados das mestras e mestres dos saberes tradicionais tensiona, decerto, as formas acadêmicas de escrever e ler, mas, sobretudo, pode registrar e potencializar os rastros fragmentários da ocupação de um lugar de pensamento, dentro da universidade.”⁸⁶

Voltar para casa e escrever sozinha sobre as experiências vividas em companhia, mesmo que com as transcrições das falas das companheiras, é um desafio angustiante. Momento especialmente frustrante é aquele em que percebo que os registros feitos com os companheiros humanos são principalmente dos homens, ainda que eu tenha passado mais tempo e me sentido mais à vontade com as mulheres. A memória pareceu ser insuficiente para trazer à narrativa o que elas me contaram e ensinaram. Ocupadas com os afazeres cotidianos e compromissos com as famílias e comigo e com outras visitantes, o tempo que passamos juntas foi em grande parte no fazer das atividades domésticas. Adentrar as cozinhas levou tempo e certa insistência na oferta de ajuda para descascar, lavar alimentos ou panelas. Meu entendimento foi de que esse é um trabalho na maioria das vezes solitário – provavelmente não por escolha delas –, e que minha presença poderia atrapalhar. Mas, pouco a pouco, as conversas na beira do fogão, ao lado da pia e nas caminhadas pelos quintais trouxeram muitas sabenças sobre o cotidiano e sobre o espaço. Essa percepção, em momento de organização dos materiais, trouxe outra virada para a pesquisa e para a estruturação da escrita.

85 MARQUEZ, Quase-etnógrafa-etc., p. 222.

86 Ibidem, p. 222.

Alguns meses depois da primeira viagem, voltei ao Peruaçu, *pois precisava escrever com as mulheres*. Me planejei para terminar a escrita da dissertação pisando aquele chão. Compartilhei com as companheiras de pesquisa quais eram minhas propostas de textos sobre os cotidianos e caminhadas nas florestas, nos quintais e no rio, e perguntei sobre a possibilidade de caminharmos novamente, gravar e transcrever as conversas. Elas pareceram animadas com as notícias e com minha chegada, tentaram se organizar para caminharmos juntas pelo mato. Eram muitos os afazeres, eram muitos os gritos e violências vindos dos homens. Meu corpo também foi atravessado por esse contexto e pelas violências de gênero. Ao mesmo tempo em que escrever qualquer palavra pareceu tão pequeno frente às vidas com quem me reúno, escrever me ajudou a passar pelos momentos de angústia, de raiva e de tristeza, a continuar naquele chão por algumas semanas para tentar ocupar essas páginas com as vozes, ciências e corpos das mulheres.

Voltei ao Peruaçu pois precisava, além de escrever, *caminhar* com as mulheres. Caminhar “é a velocidade do prazer corpóreo e da contemplação”, diz Anna Tsing.⁸⁷ É uma maneira de ocupar, perceber, percorrer e viver os espaços. Caminhar participa dos modos de aprender na escola da floresta, conta também Isael Maxakali. “Tudo é aula dentro da aldeia”: movimento de criança, jogo e brincadeira, banhar no rio, caminhar e buscar tinta no mato, colher planta medicinal, caçar fruta e trazer sacola de manga ou de jaca.⁸⁸ A caminhada é também um dos lugares onde está o conhecimento das ciências do rio Peruaçu. Não raro, escuto que se sabe onde ir para coletar os melhores frutos, cipós, pedrinhas ou barro porque se anda por esses matos desde pequena. Ainda, fazendo pesquisa – e vivendo todas as outras dimensões da vida – durante a pandemia da Covid-19, caminhar foi maneira que encontrei de prestar atenção aos tempos e mundos em volta. Em especial, durante o ciclo de oficinas de escrita *epistemologias e metodologias de pesquisa com Helen Torres*⁸⁹, percebi que o processo de caminhar e de descrever a caminhada poderia ser uma forma de experimentar maneiras de me (nos) relacionar com os mundos que, no momento de escrita, presentificasse os encontros. Minha escrita se move pelos acontecimentos com meu corpo, nos encontros com os seres-rio e com o rio Peruaçu, *no agora* e quando olho para os registros da pesquisa.

Caminhar se faz, assim, uma forma de sistematização possível da pesquisa, que reconheço limitada – pequena parte das experiências vividas, ínfima parte dos mundos-Peruaçu. Você encontrará, nos próximos capítulos, um itinerário de textos caminhantes, que buscam espacializar as aprendizagens e promover encontros com

87 TSING, Margens indomáveis, 2018.

88 ESCOLAS da Terra, Aula Online 02 - A escola do arco, da flecha e do maracá, 2021.

89 Oficinas promovidas pelo programa de estudos independentes humusidades em fevereiro de 2022.

as companheiras de pesquisa, com as pensadoras que têm tensionado o caminho do mestrado e com outros estudos relacionados aos temas discutidos e ao Vale do Peruaçu. Marcadores de espaços organizam os textos, que se passam nas estradas, no brejo, na vazante, na horta, na Casa de Farinha, em Januária e no próprio rio. Mas aprendizagens vindas de outros espaços, momentos e contextos também confluem nesta colagem, que se torna um compilado de várias caminhadas, leituras, encontros e transcrições, e não um registro preciso de campo.

A montagem escolhida para os capítulos demonstra o percurso do entendimento, na pesquisa, da centralidade da discussão das relações de gênero e do papel das mulheres no cuidado e na manutenção da vida e das ciências no Sertão. Também se propõe a ser um relato de viagem espaço-temporal, que se inicia com o contexto regional, em *estradas*, e o tempo das águas, em *mulungu do brejo*, onde se cria refúgio plantando água na vizinhança multiespécie do brejo e da vazante de Nelinda e Zé Torino. Continuamos com o tempo da seca na sequência dos capítulos: conhecemos o processo de construção de floresta e de casa camuflada em *casa da gameleira*; visitamos a horta de Nelinda, no seco, favorecida pela política de cisternas e pelas jardineiras mamangavas em *canteiros dos inhames*; aprendemos com os bichos, o barro e o corpo-território em *joana de barro*; vemos as mulheres dar as mãos para rapar mandioca e produzir alimento para o ano inteiro em *casa de farinha*; e cruzamos o rio São Francisco, para nos despedir, em *Januária*, onde os mundos vazanteiros estão sob ameaça e as mulheres seguem produzindo alimento, ciência, política e vida. No *caderno de imagens*, os álbuns contam narrativas paralelas, em diálogo com os capítulos textuais. Detalhes sobre as imagens podem ser acessados na *lista de imagens*.

As caminhadas lançam os percursos ao mesmo tempo em que os vivem, e reforçam a dimensão animada das narrativas. Dessa forma, compartilham muitos sentidos com as figuras de corda⁹⁰ a que Donna Haraway recorre para falar sobre a escrita-jogo e as narrativas que apresenta no livro *Staying with the trouble*. Para que o jogo com as figuras de corda aconteça e os mundos das narrativas se criem, é preciso que as jogantes habitem e participem do jogo, fazendo os movimentos para que as figuras, não existentes previamente, apareçam. Num mundo frágil, em que a qualquer momento o jogo pode terminar, caso o fio se rompa ou uma jogante o deixe, ele também está prestes a recomeçar. “Essas figuras de corda estão tanto pensando quanto fazendo práticas, práticas pedagógicas e performances cosmológicas.”⁹¹ As histórias

90 *String Figures* são um jogo de criar figuras com barbantes e os dedos. Já o conheci também como “cama de gato”. Donna Haraway usa o jogo para representar o conceito de sf, brincando com as iniciais em outros encontros, repetidos pelo livro: fato científico (*science fact*), fabulação especulativa (*speculative fabulation*), ficção científica (*science fiction*), feminismo especulativo (*speculative feminism*). (HARAWAY, *Staying with the trouble*, 2016.)

91 HARAWAY, *Staying with the trouble*, 2016, p. 14. Tradução minha. No original: “These string figures are thinking as well as making practices, pedagogical practices and cosmological performances.”

(ou estórias?) de Haraway, narrativas reais que são também fabulações especulativas, nos apresentam diferentes *espécies companheiras* criando e sustentando mundos frágeis, seguindo juntas com parentescos estranhos, vivendo-com e morrendo-com nas diferenças.⁹²

Para nos lançarmos à leitura dos textos, volto a Guimarães Rosa.

“– Adianta querer saber muita coisa? O senhor sabia, lá para cima – me disseram. Mas, de repente, chegou neste sertão, viu tudo diverso diferente, o que nunca tinha visto. Sabença aprendida não adiantou para nada... Serviu algum?”⁹³

Repasso a você o que ouvi muitas vezes: *o Norte de Minas é diferente de tudo*. Nestas escritas, busco apenas compartilhar, e seguir aprendendo, parte dos fragmentos de mundos que conheci. Que você possa também arejar seus sentidos e, como diria Anna Tsing, se sentir inspirada a olhar em volta para notar os mundos.⁹⁴

92 Ibidem.

93 ROSA, Grande Sertão: Veredas, [1956] 1994, p. 363.

94 TSING, *Viver nas ruínas*, 2019, p. 18. Uso “notar” os mundos, e não “perceber”, como proposto por Jorgge Menna Barreto e Yudi Rafael em diálogo com Anna Tsing sobre as artes de notar [arts of noticing], na tradução do livro *O cogumelo no fim do mundo*, 2022.





Estrada

Preciso me encontrar com o rio Peruaçu. É para isso que percorro 750 quilômetros de chão, é para isso que me ponho mulher sozinha na estrada, com minha caixa de giz que me acompanha nas vezes em que preciso parar para pintar as cores do caminho. Vim para ver a paisagem mudar, estar em trânsito, deslocar, *pensar com os pés*¹. Eu escolho me deslocar, tenho apoio de minha família, de minhas amigas, de bolsa de pesquisa e da universidade pública. Sou muito bem recebida (na maior parte das vezes), as famílias, as mulheres me acolhem, me oferecem dormida, de comer, legumes, beiju, laranjas e petas para levar. Muitas das pessoas com quem convivo são motivadas a se deslocar em busca de emprego, deixar suas casas, famílias e vilas, rumo a Ribeirão Preto, São Paulo, Montes Claros e à colheita de café no sul de Minas. Ouvei algumas vezes “quando a fome apertava, nos anos 1980, 1990”, “na cidade tem emprego sobrando” e “preciso do dinheiro para comprar o que é necessário para os animais”. Quando chegam às cidades, são muitas vezes transformadas em categorias e tornadas indesejáveis² – também escuto com frequência auto-referências a *caipiras* em contraponto a *civilizados*. Quando os homens voltam da colheita do café, a notícia é de que estão ainda mais violentos, abusando ainda mais do álcool. Esses deslocamentos têm gênero, e as dificuldades também rendem histórias de aventuras, me contam os homens. Para as mulheres, é destinado o trabalho nas cozinhas, no cuidado com as famílias, com a roça e com o gado que fica. Quando também partem para a cidade, me contam sobre os desafios dos empregos em horário comercial e em cuidar da família nos turnos extra; me contam sobre o medo de estar entre desconhecidos.

Na estrada, na ida, as árvores tão tortas parecem descabeladas, folhas de tons de laranjas, marrons, amarelos e verdes. Céu imenso. Muitas florestas industriais de eucalipto assustadoras, como blocos enormes colocados na paisagem. Árvores retas e ordenadas, dá para pintar com um só giz verde escuro todas elas. A vontade é de entrar nessas florestas para ler em voz alta o que escreve Rubem Alves:

“Aconselharam-me a tornar produtivos aqueles campos inúteis. Disseram-me que o cerrado deveria ser queimado, para no seu lugar fazer crescer uma mata de pinus eliotis. Explicaram-me que este pinus cresce muito rápido e que, em poucos anos, as árvores poderiam ser cortadas e transformadas

* Sugiro a leitura da dissertação em sua diagramação original, clicando [neste link](#).

1 XAKRIABÁ, *O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá*, 2018.

2 AZOULAY, *Potencial History*, 2019.

em bom lucro. Andei por uma mata de pinus eliotis. Senti medo. Escura. O silêncio é total. Nenhum pio de pássaro. Eles não vão lá. Acho que também têm medo. O chão é coberto por uma compacta camada de folhas secas, tão compacta que ali não cresce nem uma tiririca.”³

Uma placa deseja as boas vindas à APA [Área de Proteção Ambiental] Peruaçu, outra oferece polpas de frutas, imagino o gosto de coquinho azedo e imbu. Há outros imensos verdejantes, no meio dos marrons e das cores de abóbora, monocultivos irrigados com águas de subsolo, de rios aprisionados ou de cursos alterados. Se olharmos de cima, vemos que as fazendas do agronegócio desenham geometrias na terra. Entre o centro de Januária e o Fabião, na estrada para o Vale do Peruaçu, apontam os imensos paredões de pedra calcária onde pontilham as árvores descabeladas e altas.

Agora estou instalada, piso o chão do Olhos d’água Estiva, de onde desço o rio para o Janelão ou subo para o Araçá, comunidades por onde transita esta pesquisa. Preciso encontrar o rio Peruaçu, preciso de inspiração para escrever, e quando me encontro com ele me sinto afetada. Há o que parece ser uma trilha no fundo do quintal, atrás do pé de goiaba, aquele de onde caninanas sobem no telhado da casa, cobras ligeiras. Me preparo para seguir a trilha. Estou sozinha, mas busco me lembrar do que aprendi com as companheiras que me conduziram em caminhadas anteriores, como pisar com cuidado e evitar as moitas, como abrir caminho com os braços, como ouvir o som do rio. Como Dona Liça Pataxóop pesca conhecimento na escola da mata com todos os seres que ali habitam. Também me lembro de como Anna Tsing conta da busca pelos rastros dos matsutake. Uso botas de trilhas, um macacão de trilhas, tenho nos bolsos caderninho para notas e gravador para os sons da floresta.

Alguns sofrês num coqueiro alto cantam. As barrigas do laranja mais vivo. Por onde será a trilha? A mata está fechada, difícil de reconhecer. Olho bem para o chão, vejo esterco de vacas: rastros, elas também buscam o rio. Olhos d’água Estiva é uma comunidade que acontece em torno de uma estrada (assim como as demais do Vale do Peruaçu que conheci, a não ser Onça, Estiva e Cabana, que margeiam seus afluentes, hoje correntes em enchentes ocasionais *nas águas*), estrada quase paralela ao curso do rio. A Associação Comunitária discute que parte da comunidade é território quilombola, mas não escuto das moradoras o autorreconhecimento. Ao longo dessa estrada, em situação terrível, muitos pontos intransitáveis, há número parecido de currais e de casas. Não é raro ter que esperar a boiada passar na estrada, indo ou voltando do rio.

A única parte da estrada em bom estado pela região é aquela por onde transitam as turistas e a maioria das pesquisadoras, que nos leva da rodovia BR-135 até

a última entrada para as cavernas do Parque Nacional. No início do ano, quando as aulas retornaram depois de escolas fechadas por dois anos em função da pandemia, as estudantes continuaram sem vir às escolas, pois os transportes não conseguiam circular. Neste momento, há homens trabalhando em trechos da estrada, por onde passam os transportes escolares. A empreiteira e as associações comunitárias demandam às mulheres da vizinhança que ofereçam marmitas aos homens. Há conversa de que, *quem sabe assim*, eles façam o trabalho na estrada próxima às casas dessas famílias. Não se fala na garantia dos direitos de ter estrada, nem dos trabalhadores receberem comida da empreiteira, nem no trabalho prestado pelas mulheres no plantio e preparo dos alimentos.

Cupinzeiros enormes quase chegam à minha altura. Me lembro que cupinzeiros podem ser ambientes colaborativos: os cupins cultivam jardins para os fungos *Termitomyces*, mastigam a madeira que vira alimento para os fungos. E os fungos, por sua vez, ajudam a conservar os cupinzeiros.⁴ Também podem ser dominados por abelhas Europa e ter mel do mais gostoso, especialmente agora, mês de agosto, fim da florada da aroeira, Val me contou. Vejo dezenas de teias de aranhas emaranhadas. Apreendi, em trilha para as cavernas que o Peruaçu constrói, que as teias simétricas são de aranhas sem veneno. Como seria um pensamento de aranha, tentacular, como diz Donna Haraway,⁵ para pensar com essa mata e com a bacia do rio Peruaçu? Há pequenas flores em partes do caminho, vermelhas, rosas, cacheadas, amarelas mescladas com laranja. Observo apenas um pequeno inseto visitante. Quem serão as outras polinizadoras que as visitam e se alimentam? Ouço *quem-quem, quem-quem*, imagino ser o quem-quem da mata, pois quem-quem do brejo só aparece nessas bandas do médio Peruaçu em época de enchente, nas águas. Vejo muitos pássaros pretinhos da barriga branca, o rabo longo vai para cima quando canta. Pisada mais atenta, já que me ensinaram que muitos quem-quem juntos indicam cobra.

Uma pequena borboleta amarela passa por aqui. Dizem que borboletas vivem perto de água, não é? Será que o rio está perto? Não ouço nada. A única planta que reconheço é a pata de vaca. As muitas patas de vaca que encontro estão com folhas queimadas, cortadas, pintadas de branco. Acho que mamangavas não polinizam por aqui, já que é terra queimada, e paus podres não são encontrados para que elas façam suas casinhas. Cruzo o caminho de muitos troncos espinhentos, que se embrenham em meus cabelos. Alguns ninhos de joana-de-pau, será que esta árvore que escolheram é um jacarandá mimoso? Está chegando a época de sua florada. Os sofrês mudam de árvore, quero pensar que me acompanham. Percebo alguns formigueiros. Algumas plantas rendadas, folhas picadas, será que por formigas ou lagartas que viram borboletas amarelas?

4 TSING, *O cogumelo no fim do mundo*, 2022, p. 220.

5 HARAWAY, *Staying with the trouble*, 2016.

O sol está quase se pondo. Me preocupo em encontrar o caminho de volta, caso escureça. Começo a sentir fome. Muitas plantas espinhentas cruzam o caminho, fico presa, tento outro caminho. Caminho em busca de rastros do caminho. Uma borboleta branca passa. Onde há água por aqui? Vejo um angico, me lembro de que em seu pé ficam algumas bolinhas de que gostam os soins. Seu pé está queimado. Vejo uma pedra no caminho, alívio, pois me lembro dela nas proximidades da horta de Rica, onde ela bombeia água do rio Peruaçu para molhar a horta. Mais tarde, relato a ela minha procura. “Ali naquela altura o Peruaçu não corre mais não”⁶, ela me conta.

O Peruaçu são muitos, emerge como vereda, constrói cavernas, em certos pontos desaparece em riba, há chupões ou sumidouros e muitos sentidos. Até agora, pelo que pude perceber, a Área de Proteção Ambiental foi criada seguindo os topos de morro, as linhas divisórias da bacia hidrográfica e abrange municípios de Bonito de Minas, Cônego Marinho, Itacarambi e Januária.⁷ O rio divide municípios e marca o início do território Xakriabá: à margem direita é Januária e à margem esquerda, Itacarambi e a Terra Indígena Xakriabá. Jovens homens moradores da Aldeia Peruaçu (que se banham na vereda da ponte do Areião quase todas as tardes com suas éguas e cavalos) me contam que, quando alguém disser “Peruaçu”, está falando de sua aldeia (eles também dizem que as mulheres não vão se banhar, ficam em casa o dia todo, “fazendo nada”. Eles se sentem à vontade para banhar em cuecas, enquanto as mulheres com quem me encontro na cachoeira de Miravânia usam roupas completas). Pessoas de fora, como minhas vizinhas de Itabirito, professoras de Belo Horizonte e amigas de Montes Claros e Januária, costumam resumir o Peruaçu ao Parque Nacional e às cavernas abertas à visitação pública.

Pergunto a várias pessoas do território o que quer dizer “Vale do Peruaçu”. Algumas me dizem que é toda a região onde mora gente perto do rio, mesmo onde ele já secou, e me retraçam o mapa das comunidades desde as veredas, incluindo os afluentes do Peruaçu. A maioria das pessoas com quem converso e as publicações acadêmicas⁸ se parece mais com a explicação que Gley me dá:

“é uma formação geológica do território, cárstica (de calcário, esses morros que vemos), que possibilitou a ocupação e a vivência de seres-rios aqui – gente, bichos, plantas. Nem todas as cavernas ou pinturas rupestres são

6 Comunicação oral à autora.

7 BRASIL, Decreto no 98.182.

8 Ver, por exemplo, a edição XIX da revista *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, dedicada à arqueologia do Vale do Peruaçu. Na Introdução, André Prous e Maria Jacqueline Rodet consideram a divisão do rio em altas veredas, baixas veredas e canyon, tratando o canyon como o vale do Peruaçu. (PROUS; RODET, Introdução à Arqueologia do Vale do rio Peruaçu e adjacências, 2009, p. 20.)

catalogadas. O Vale do Peruaçu é uma dimensão territorial. Não necessariamente é a bacia do Peruaçu como um todo. 60km do Peruaçu são vereda. Hoje devem ser 40km, porque ela foi queimada. A partir de Pedras e Buritizinho, subindo o rio, no sentido da Vaca Preta, a vereda do Peruaçu te acompanha, uma vereda que tem 60 km de extensão! Quando é vereda, é plano, o solo é arenoso, não é rochoso, não é pedra. Já o vale foi sendo moldado pelo rio Peruaçu. Há milhares de anos, havia um mar, Minas Gerais tinha um mar que foi baixando, e as bacias hidrográficas dessa região foram sendo criadas nesse processo: rio São Francisco, Pandeiros, Riacho da Cruz, Piripiri. O Peruaçu era muito maior. O Janelão, na gruta do Janelão, que também nomeia a comunidade que habita e habitava a região, em maior parte removida pelo Parque Nacional, aquele buraco de 90 metros de altura, foi feito pelo Peruaçu cortando, abrindo, andando e moldando o vale.”⁹

Lembro-me do que Walter explicou: as veredas são arenosas porque os processos erosivos não tiraram toda a areia e chegaram até o fundo das rochas, assim como aconteceu com a parte cárstica, no vale. A nascente, olho d’água, sai numa fissura da rocha, que conseguimos ver. Na vereda, também há fissura na rocha de onde a água sai, mas, como existe a camada de areia por cima, a água se esparrama. As veredas e o corpo do rio estão secando há algumas décadas. Ouvimos, com frequência, histórias sobre as fazendas de eucalipto nas cabeceiras, sobre o fogo que seca veredas ou transforma o Cerrado em carvão. Também sobre o fogo ancestral que maneja a terra. Contam que, antes, onde tinha buriti, tinha água. As veredas já estavam secando há tempos e, com os enormes incêndios que aconteceram em 2014 e 2017, quase acabaram de vez. Além dos eucaliptais e da mineração mais abaixo no rio, no Araçá, que contribuem para a aridez, as chuvas diminuíram nos últimos anos e a época de seca está ficando mais brava. Tem galinha d’água que até parou de cantar.

No médio curso, estão a maioria das comunidades que ocupam a beira do rio e produzem biodiversidade, plantando água em companhia de passarinhos e fazendo o extrativismo dos frutos. Ali também fica a área que alguns Homens de Negócio traduziram como *terra a ser minerada*. Se você observa bem, a água do rio Peruaçu muda de textura ao longo do caminho: macia, pegajosa, dura. Em muitas manhãs, é possível ouvir o canto de rabeça se misturar com o do inhambu. Mandioca, feijão, alface, rúcula, coentro, cebolinha e repolho são plantados nas vazantes ou no seco, com água guardada de chuva. Saputá, pitomba, pequi, cajá manga, figo, amora, jacarandá mimoso, manga, caqui, cacau, caju, umbu-cajá estão na mata. Além dos experimentos de gente como Zé Torino e Nelinda e de passarinhos que sempre estão por ali, os olhos d’água trazem força para o rio Peruaçu voltar a correr nesses fundos de quintal. Na

margem esquerda do rio, está o Território Indígena Xakriabá, área de retomada. Como conta Nei Xakriabá,

“no passado, tínhamos acesso a um rio que hoje está nas mãos dos fazendeiros. O nome Xakriabá significa ‘bom de remo’, mas hoje estamos a cerca de 40 km do Rio São Francisco. Temos um grave problema de escassez com relação às águas. [...] Não sabem que o território Xakriabá foi demarcado em 1987, com apenas um terço do tamanho do território tradicional, após uma chacina. Violências e proibições nos mais de 300 anos de contato com os não indígenas, inclusive proibição de falar a língua xakriabá.”¹⁰

Rio abaixo, há histórias pintadas nas cavernas e outras evidências de quem caminhava pelo rio e plantava florestas há milhares de anos, como recipientes de cerâmica e sementes de pequi.¹¹ A vegetação é diferente das outras partes do rio: árvores grandes, com muitas folhas verdes escuras nas águas, acompanhadas por musgos e arbustos abundantes. Ou acinzentadas, que brotam das pedras. Dentro das cavernas enormes, com muitos tons de rosa, o rio entra, corre por baixo das pedras, torna a se aproximar dos troncos das árvores. O rio fica mais largo. Mais largo. Vai e vem maretas. No fundo, redemoinhos, pedras, o barranco mudando de lugar; prosas sobre um parque fluvial. Profiro, Velhas, Mata Porcos: no São Francisco, o Peruaçu cruza águas vindas de longe.

10 XAKRIABÁ, Ensinar sem ensinar, 2021.

11 NEVES, Castanha, pinhão e pequi ou a alma antiga dos bosques do Brasil, 2020.





Mulungu do brejo

É meio de março, fim do tempo das águas, o rio Peruaçu começa a abaixar, caindo no chão os frutos do jatobá, a moringa florescendo, rolinha cinzenta-azulada e pintadinha de preto recantando *úl ú-ul* – junto a muitos outros cantos e zumbidos que ouvidos mais treinados conseguem distinguir. Luz do sol forte entre as árvores da mata seca (tipo de floresta característica do Cerrado) na encosta, verdes claros amarronzados, e entre a plantação de cana, verde clara, folhas longas e lisas. Adentramos a floresta, Nelinda, Zé Torino e eu. Árvores da mata seca se encontram com a mata ciliar e a agrofloresta cultivadas, folhas em muitos tons de verde escuro, diferentes tamanhos, texturas e durezas. Chão coberto por muitos marrons, verdes, amarelos e laranjas. “Esse aqui é o babaçu. Tenho dois pés, que vieram de Teófilo Otoni.” Zé Torino inicia as apresentações.

“Essa é a mutamba. Se parece com o buriti, mas olhe o pé dela para diferenciar. Ela tem um docicadinho. Dá esse frutinho preto, bolota espinhenta, os passarinhos e os soins adoram. Também podemos comer quando está madura. Aquele lá, o mais alto que tiver, é o landim. É uma árvore de beira de brejo. É o que a gente chama de cedro também. O cedro está lá no seco, e é a mesma madeira aqui no brejo. Temos muitas mudas pequenas plantadas desse pai grandão. Eu tenho plantação dessa bichinha aqui. Deu trabalho para gravar o nome, foi assim que eu gravei: mulher grávida com viola – graviola!”

* Sugiro a leitura da dissertação em sua diagramação original, clicando [neste link](#).

** Este texto foi inspirado em: caminhadas realizadas com Zé Torino e Nelinda em julho e agosto de 2022 (de onde vem grande parte das transcrições deste texto); caminhada guiada por Zé Torino, na companhia de Aline, Caio Bastos e Suzy (de onde vem grande parte das transcrições), e outra guiada por Nilson Gonçalves Macedo, filho de Nelinda e Zé, na companhia de Aline, ambas em março de 2022; em vídeos compartilhados por Gley e Claudinha durante a pesquisa do Temporão; em partilhas de Marília sobre suas duas estadias no brejo, durante sua pesquisa de mestrado, ao longo de 2020 (SILVA, *Nas margens do rio Peruaçu: a apropriação da natureza e a natureza das práticas*, 2021.); nas pesquisas realizadas durante o estágio docência na disciplina *O potencial urbano da floresta e o devir selvagem das cidades*, junto de Nelinda, Laerte Gonçalves Ferreira, Aline, Bárbara Barros, Kamila Lopes, Matar Gning e Thaís Gontijo Braga (SEMEAR Cerrado, episódio 2 - Plantar água. Conversas com Laerte Gonçalves Ferreira e Nelinda Gonçalves de Macedo, 2021.); e em vídeo-carta enviada por Amara Mota, Nelinda e Zé Torino a Aline durante as correspondências do projeto Córregos Vivos (PRESERVAÇÃO e recuperação - Rio Peruaçu, 2021.).

Andar por aqui é diferente de andar nos outros quintais, nas estradas ou nas roças: é mais úmido e mais fresco que grande parte dos lugares ocupados também por gente no Vale do Peruaçu. Esse é um pedaço de floresta que o rio Peruaçu, Nelinda, Zé Torino, os pássaros, as cotias e outros bichos ajudam a recriar. Nelinda e Zé são conhecidas como *plantadoras de água* pelos experimentos que têm realizado – aprendendo “da cabeça”, “na observação do rio”, na parceria com universidades e nos cursos e intercâmbios que realizaram há alguns anos por meio de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar.¹

Nelinda e Zé se mudaram para esse ponto do rio em 1980, depois de se casarem, e por 14 anos ficaram indo e voltando de São Paulo em busca de trabalho “quando a fome apertava”, me diz Nelinda. A migração para o estado de São Paulo e periferias urbanas é história comum na região. Zé conta sobre a motivação para realizarem esses experimentos junto da mata, do rio e dos bichos:

“a natureza está na minha cabeça. Em 1984, o filho do meu vizinho tinha uns 10 anos, e estava pescando aqui no brejo. Ele me ofereceu os peixes para comprar. Eu comprei os peixes e soltei no rio. Essa é a minha cabeça. Dessa época, começamos a pensar diferente, a querer proteger o brejo e rio, e começamos a plantar alguns pés de buriti. Até 2004, foram seis pés. Se tivéssemos começado mais cedo, aqui já estava mais bonito, mais reflorestado. Mas, naquela época, o rio Peruaçu tinha muito mais água. Ter mina d’água ou não ter, não fazia diferença para nós, porque o rio corria aí. Depois que o rio foi acabando é que a gente foi ver o valor que ele e as minas d’água têm. Ainda bem que começamos a fazer o reflorestamento muito antes dele acabar.”

Quando Nelinda e Zé se mudaram para cá, tinham aprendido com as famílias, a vizinhança e a estrutura sócio-econômica da região a plantar capim e criar gado, e até poucos meses tinham *um gadinho*, que venderam para comprar o material com que construíram a pousada onde recebem visitantes e pesquisadoras e onde Aline e eu nos hospedamos. Ainda alugam espaço para o gado *no seco*, em parte do terreno mais próxima à estrada, e, quando a bomba que leva água do rio até as vacas pára de funcionar, Zé levava o gado para beber água no Peruaçu. Ele conta:

1 Para entrar no brejo e ouvir o vento tocar música no buriti, [clique aqui](#). Sons captados no dia 25 de julho de 2022, perto do rêgo onde Nelinda plantava e hoje existe a bomba. Na seca, longe do rio e da floresta, é difícil encontrar e ouvir os pássaros. Acesso também pelo link: <https://drive.google.com/file/d/12XOf43-df3zRvIYdeWOSD-cvEsalVwnN/view?usp=sharing>

“quando Nelinda e eu nos casamos, isso aqui foi desmatado. *Tinha* que plantar roça, *tinha* que plantar capim para criar gado, e plantei capim e criei gado. O chão, para cima da vazante e na encosta, é pedra. Na pedra, o capim fica um tempo e depois morre. Plantamos capim, morre. Plantamos capim, morre. Então, a própria natureza, ela mesma, refaz a floresta. É só a gente não atrapalhar! Você não imagina a diferença de quando aqui era capim para hoje. Quando você planta capim, você tem que roçar. Aqui tudo era um abertão, um sol quente. É claro que essa terra está mais fresca! Não adianta você teimar com a natureza, isso aqui não dá capim, é pedra!”

E, justamente pelo fato de ser pedregoso e de difícil cultivo de capim, os irmãos e irmãs da mãe de Nelinda evitaram ficar neste terreno. Nelinda e Zé repetem, com alegria, que é nesse ponto pedregoso do rio que estão os olhos d’água do Peruaçu, *um presente que receberam*.

Algumas pessoas com quem conversei questionam a efetividade da prática de Nelinda e Zé Torino junto da mata, dos bichos e do rio, o reconhecimento de seu trabalho pela academia ou outras instituições e também o nome *plantadoras de água*. Ao adentrar a floresta que elas ajudam a recuperar, dedicando a ela (e também recebendo) cuidados cotidianos, é difícil não perceber que existem processos de transformação acontecendo a partir das relações de vizinhança e emaranhamentos que se estabelecem entre os seres-rio. De fato, todas as plantas *consomem* água para crescer e realizar seus processos de vida, bebendo água subterrânea e do solo e liberando-a ao ar em sua transpiração. Como o processo que *devolve* água à terra – da forma de vapor para a forma líquida – é a chuva (considerar o ar condicionado em nosso pensamento seria desnecessário!), a alegação de que *literalmente* não haveria maneira de *plantar água* faz sentido. Porém, quem sabe poderíamos pensar que *plantar água* seja plantar árvores, mas *não somente*. Poderia ser também favorecer a permanência da água no solo, com a cobertura do chão e com o convite às simbioses entre fungos e raízes. Ou, quem sabe, poderia ser colher água da chuva na época das águas e conservá-la para os momentos não chuvosos, como na represa que a família e o vizinho Duca construíram e nas cisternas que usam para armazenar as diferentes águas.

Ainda que essencial, a existência das florestas não é o único fator que garante a vida das nascentes. O rio Peruaçu vem secando nas últimas décadas e sua vereda, mesmo numa área preservada, no Parque Estadual Veredas do Peruaçu, está em processo avançado de secamento.² Por isso, também é preciso da *água que vai brotar*, como me lembra Walter, algumas vezes, em outros passeios pelo Peruaçu. A água das nascentes, veredas, minas e olhos d’água brota dos aquíferos (rochas porosas que

podem armazenar e ceder água), e, sem água ali, também não teremos água brotando na superfície. Portanto, é importante pensar na quantidade de água que infiltra e que é retirada – isso se chama *balanço hídrico*. Quem sabe, gerir e fiscalizar o balanço hídrico numa bacia hidrográfica seria também uma forma de ajudar a plantar água?

Vale lembrar que a bacia hidrográfica do rio Peruaçu representa uma zona de recarga de aquífero significativa para o médio Rio São Francisco.³ As florestas, nas zonas de recarga, têm papel fundamental para que a chuva, quando chega, infiltre no solo com qualidade e em quantidade, de modo a equilibrar e manter os ciclos dos rios. As matas ajudam a água a penetrar, diminuindo o escoamento superficial. Junto do solo, elas também agem como filtros de parte das impurezas, defensivos agrícolas e outros poluentes que infiltrariam até os aquíferos ou seriam carregados para os cursos d'água. O Vale do Peruaçu tem o encontro de importantes matas do Cerrado, da Caatinga e de Xerófitas (plantas que aparecem em “ilhas” de calcário), comprometidas: o Cerrado e a Caatinga sofrem pressões da pecuária “tradicional” e, mais recentemente, da agricultura irrigada em larga escala, e muitas áreas de afloramento calcário têm sido destruídas pela mineração e por empresas de cimento.⁴

Se não há acordo sobre a possibilidade do *plantar água* e do reflorestamento devolverem água aos rios, no inverso, substituir florestas por pastos e roças, como tanto acontece no Peruaçu e bacias vizinhas, favorece a seca. É o que mostra o mapeamento da dinâmica da água na superfície de todo o território brasileiro, desde 1985, e que coloca Minas Gerais como o 3º estado que mais perdeu água.

“A dinâmica de uso da terra baseada na conversão da floresta para pecuária e agricultura interfere no aumento da temperatura local e muitas vezes altera cabeceiras de rios e de nascentes, podendo também levar ao assoreamento de rios e lagos. A construção de represas em fazendas para irrigação, bebedouro ao longo de rios diminui o fluxo hídrico; e, em maior escala, as grandes represas para produção de energia, com extensas superfícies de água sujeitas a processos de evapotranspiração que leva a perda de água para atmosfera”, conta o coordenador do MapBiomias Água, Carlos Souza Jr.⁵

Zé Torino também explica:

3 IBAMA, *Plano de Manejo do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu* - encarte 3, 2005, p. 87.

4 SALINO; LOMBARDI, *Vegetação do vale do Peruaçu*, Minas Gerais, Brasil, 2009, pp. 111-112.

5 MAPBIOMAS, *Superfície de água no Brasil reduz 15% desde o início dos anos 90*, 2019.

“Jacaré, Sucuri, tudo tinha aqui, mas agora é difícil ver. Era água com força, agora é sequidão. Tem muita gente que planta cana até o leito do rio, ou até dentro. Rio Pripiri, rio Laranja, rio da Onça, Imbé... Tem gente que bota tração de esteira para derrubar buritis e joga dentro de grotas, para plantar capim. Isso é justo? Como o buriti vai atrapalhar capim, se ele está lá no alto? Sem falar nos eucaliptos nas veredas, na mineração que abriu cada buracão e acabou com a água toda no Araçá...”

De volta ao brejo, observamos a retomada da floresta na beira do rio Peruaçu onde há algumas décadas se plantava capim. Passamos por troncos lisos, castanho-claro-acinzentados, rajadinhos em tons de marfim, cinza e amarelos. Nelinda apresenta: “Esse aqui é o pau louro. Aquele pau louro adiante morreu, a enchente ficou muitos dias no pé dele.” O que me leva a comentar que o pau louro é de vazante, não é de brejo. “Esses capins mortos são água da melissa. Água da melissa é calmante, moça! Você pode fazer chá de água da melissa. Acho que o tronco dela, embaixo, não morreu, e logo ela vai rebrotar.” Nas noites que passamos juntas, Nelinda usa as folhas e o caule da água de melissa que tem na horta, no seco, para fazer esse chá, rosinha, e acalma nossas noites.

Vejo outra árvore retinha e acinzentada, “esse é pau louro?”. Zé me corrige: “Não, embaúba. Também morreu. E o mulungu do brejo, vizinho dela, não morre.” Respondo, em nosso jogo de aprendizagem com o brejo e a vazante: “Então a embaúba também é de vazante.” Nelinda me lembra: “Aqueles lírios bonitos de onde fizemos o vídeo para Aline, quando nos conhecemos pela primeira vez, são esses daqui.⁶ Eles deitaram, mas já já estão vindo de novo.”

Bem perto do rio, há algumas moitas de folhagens verde escuras, brilhantes, em formato de coração. “Ali é inhame?”, pergunto. Nelinda responde animada que “é inhame!”. “E o inhame gosta do brejo?”, fico curiosa. Zé responde: “Gosta, vixe! Eu plantei 128 mudas de inhame. Como veio a enchente, a folha morreu, mas daqui a alguns dias ela brota de novo.”

Caminhamos em direção a uma das duas barragens naquele brejo, a mais nova. Essa foi criada por Isabela e Walter para medir a vazão do rio Peruaçu e mostrar dados para o balanço hídrico dessa bacia hidrográfica. Nilson, filho de Nelinda e Zé, faz esse caminho todas as tardes e já havia me mostrado o caderninho em que anota suas medições diárias. Isabela troca o serviço por pacotes de cigarros brancos que traz da cidade. Nilson também tem um pluviômetro (recipiente tubular de plástico que usa para recolher e medir, em milímetros lineares, a quantidade de chuva no tempo das águas). Chegamos à barragem construída com sacos de cimento e areia, há uma

régua medidora apoiada a um pau fincado no centro do rio, presos em árvores vizinhas por dois cabos de aço.

Essa estação chuvosa de 2021 para 2022 foi atípica. A chuva “chegou no brejo no dia 29 de dezembro à noite” – Nelinda e Zé repetem algumas vezes, se lembrando de uma visita tão esperada –, veio em grande quantidade e durou muitos dias seguidos. “Ô chuvinha boa!”, “milagre de Deus”, escuto com frequência quando falamos sobre essa temporada. Nelinda e Zé lidam com a morte de muitas das plantas do brejo como uma consequência que não tira a potência e a beleza da chuvarada. Repetem que em breve vão replantar tudo de novo. Talvez seja um exemplo do que Donna Haraway fala sobre “aprender a ficar com o problema de viver-com e morrer-com *response-ability* (*responsabilidade e habilidade-de-resposta?*) numa terra machucada”.⁷ A variação do tempo das águas, ano após ano, tem sido cada vez maior, e as projeções dos modelos climáticos preveem que as chuvas se tornarão mais raras e extremas – sendo que o semiárido brasileiro já é região considerada vulnerável em relação às oscilações do clima, em especial as relacionadas às secas e às enchentes.⁸ O Peruaçu se encontra, ainda, no mapa de áreas suscetíveis à desertificação⁹, e tais eventos climáticos associados à degradação do solo podem forçar a migração das moradoras que podem se mover – e destinar à morte aquelas que não podem.

Pensar sobre as refugiadas climáticas me lembra também do que Haraway diz quando nos propõe o nome Chthuluceno para pensar o agora: “Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios.”¹⁰ Nelinda e Zé constroem refúgios, junto de outros seres-rio; *espaços-tempos* reais e possíveis neste brejo. Especialmente no Sertão de Minas, onde a convivência com a seca apresenta desafios às moradoras, a floresta e o rio são vizinhos importantíssimos para a manutenção da vida. A mata ciliar, pela proximidade da beira do rio, mesmo na seca, ainda tem flores, frutos e folhas, e garante alimento, sombra e moradia para os bichos. Por isso, os animais se concentram nesses lugares. Inclusive as abelhas migram para onde há água, contam algumas das companheiras durante a pesquisa. Também para as humanas, a vazante é lugar costumeiro para plantio de hortas e roças.

O pesquisador Guilherme Braga Ferreira, em sua pesquisa de mestrado no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu¹¹ e junto de outras pesquisadoras do Instituto

7 No original: “learning to stay with the trouble of living and dying in response-ability on a damaged earth”. (HARAWAY, *Staying with the trouble*, p. 2.)

8 MARENGO; ALVES; BESERRA; LACERDA, *Variabilidade e mudanças climáticas no semiárido brasileiro*, 2011, p. 385.

9 ANA, *A Questão da Água no Nordeste*, 2012, p. 64.

10 HARAWAY, *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno*, 2016.

11 FERREIRA, *O mosaico de habitats e a comunidade de mamíferos de médio e grande porte do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*, 2008.

Biotrópicos no Parque Estadual Veredas do Peruaçu¹², monitora e fotografa comunidades de mamíferos e outros animais. Ferreira mostra que a perda e a fragmentação dos lugares de morada são as maiores ameaças aos mamíferos, e que alterações nos grupos desses animais alteram todo o ambiente, repercutindo também na possibilidade de regeneração das florestas. Por exemplo: a ausência de grandes predadores altera as populações dispersoras de sementes, como pacas, cotias e porcos-do-mato e, em locais sem predadores, observa-se abundância de animais herbívoros que afeta quase todas as plantas dali. O pesquisador conta, também, que nenhuma das espécies de mamíferos observadas no Cerrado e na Caatinga tem grandes adaptações para a vida nesses ambientes.¹³ Esses fatos tornam ainda mais fundamental a existência de abrigos no tempo da seca e de eventos climáticos extremos.

Enquanto estou no Peruaçu, não é raro ouvir sobre as guaribas e os barbados. Em especial, sobre sua relação com os surtos de febre amarela. Assim como os humanos, os macacos adquirem a doença pela picada dos insetos contaminados, mas a desenvolvem com concentração muito menor e as guaribas têm alta letalidade. Vivendo dentro da mata, costumam ser as primeiras infectadas e alertam sobre a circulação do vírus, podendo subsidiar ações de vacinação para humanas.¹⁴ Na região do Janelão, Vanuza e Geovani contaram sobre as muitas guaribas que apareciam no rio Peruaçu nos fins de tarde, ou pelo menos indicavam presença com seus altos guinchares, e há muito já não se via ou ouvia por ali. Já no brejo de Nelinda, a visita continua frequente. Ela conta que, quando ouve o vento tocar os bambus, comida apreciada pelas guaribas e barbados, fica alerta para ver se não são elas fazendo bagunça.

Era aqui, no poço entre as moitas de bambus, que Nelinda buscava água quando não havia o poço artesiano comunitário. O poço comunitário foi criado no fim da década de 1990 e, até ali, Nelinda descia e subia a encosta íngreme de sua casa até o rio várias vezes ao dia, buscava dezenas de litros de água para cozinhar, para beber e para as outras atividades domésticas. Era neste poço, nas moitas de bambus, que lavava vasilhas e roupas. Ela conta de certa vez, quando lavava vasilhas, e uma sucuri enroscou na sua perna. Havia muitas piabinhas tentando catar os restos de comida, não tinha outro pau por perto, então a sucuri se enroscou na perna de Nelinda para ficar à espera das piabas. Quando pergunto de que tamanho era, ela mostra espalhando as mãos: pequenininha, uns 60cm. “Mesmo ela pequena, já é da inteligência dela saber enrolar nos paus do rio.” Nelinda ficou olhando, olhando, até que pisou no brejo, sacudiu a perna e a sucuri saiu.

12 FERREIRA; OLIVEIRA; MORAES JUNIOR; SILVA; RODRIGUES, Mamíferos de médio e grande porte do Parque Estadual Veredas do Peruaçu, 2011.

13 FERREIRA, *O mosaico de habitats e a comunidade de mamíferos de médio e grande porte do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*, 2008.

14 ICMBio, *Febre amarela põe em risco macacos*, 2017.

Essa história é completamente diferente das que costumo escutar de sucuris, nesses cinco anos que venho conhecendo o Peruaçu. As histórias com elas são histórias de aventuras, em que homens com lanças precisaram de muita atenção e força para matá-las, ou, depois de mortas, muitos homens são necessários para carregá-las – e tirar uma foto, quando alguém de fora dispunha de câmera para registrar o *momento do triunfo*. Donna Haraway, pensando com Marilyn Strathern, nos diz que *importa quais estórias usamos para contar outras estórias*¹⁵, e Ursula K. Le Guin complementa:

“É a história que faz a diferença. [...] Eu não estou contando essa história. Nós já a ouvimos, todas nós ouvimos tudo sobre todas as lanças e espadas, as coisas para bater e perfurar e açoiar, as coisas longas e rígidas, mas ainda não ouvimos falar sobre onde se colocam essas coisas, o recipiente onde as coisas são guardadas. Essa é uma nova história. Isso é novidade. E ainda assim antiga. Antes — certamente muito antes, se você pensar bem — das armas, uma tardia, luxuosa e supérflua ferramenta; muito antes das úteis facas e machados; junto com a indispensável enxada, o moinho e a pá (de que serve desenterrar um monte de batatas se você não tem nada para levar para casa as que não consegue comer?) — junto, ou antes, da ferramenta que extrai a energia para fora, nós fizemos a ferramenta que traz a energia para casa. [...] Querendo ser humana também, procurei por evidências de que de fato eu era; mas se aquilo era o necessário para sê-lo, fazer uma arma e matar com ela, então, evidentemente, ou eu era um ser humano muito defeituoso, ou nem mesmo humana eu era. É isso mesmo, eles disseram. Uma mulher é o que você é. Possivelmente, nada humana, certamente defeituosa. Agora, fique calada enquanto seguimos contando a História da Ascensão do Homem, o Herói.”¹⁶

Se a história do extraordinário seja talvez a história vista como aquela que valha ser contada (pelo menos para os Homens e Heróis), Le Guin nos convida a pensar a história como cesta, como recipiente, que guarda palavras, coisas e sentidos que tecem relações entre si e conosco. Também convida a “evitarmos o modo linear, progressivo, da Flecha-(assassina)-do-Tempo do Tecno-Heróico, e redefinirmos a tecnologia e a ciência como, primordialmente uma cesta de culturas, em vez de uma arma para a dominação”¹⁷. A história que Nelinda me conta – e as histórias do dia-a-dia das mulheres – é a história da observação e da reprodução da vida; uma comida que não serve

15 HARAWAY, *Staying with the trouble*, 2016, p. 12.

16 LE GUIN, *A ficção como cesta*, 1986, pp. 3-4.

17 *Ibidem*, p. 6.

mais para as humanas em suas casas, a partir do trabalho das mulheres, alimenta as piabinhas, que alimentam o sucuri, num encontro que acontece nas águas do Peruaçu.

Seguimos caminhando junto dos rêgos, botas afundam na lama. Passamos por uma, duas, três minas d'água, borbulhantes. Zé Torino explica:

“Estamos na área de recuperação. Como falei, de 1984 até 2004, a gente começou a plantar buritis e algumas outras plantas, a embaúba, o pau louro, esses maiores são o mulungu do brejo. Ainda estava lento, porque naquele tempo plantamos seis pés de buriti. Os maiores buritis que dá pra ver aqui no brejo são esses plantados em 2004. Mas eles ainda não deram cacho. Ele só vai dar o cacho, que é mais ou menos da minha altura, quando ele chegar com a madeira numa altura muito maior, senão o cacho pega no chão. Em 2010, plantamos esses que também estão maiorzinhos, são quatro – lento, ainda. Em 2013, ganhamos 26 mudas e plantamos todas. Os buritis mais novos, tem bastante por aí, ganhamos da Unimontes. Das 30 mudas que plantamos, morreram 20 e ficaram 10, que eu vou plantar tudinho de novo. A enchente foi muita, alcançou o olho dos buritis, que é onde sai a folha nova deles. Por isso os que estavam na parte mais baixa morreram. Encomendamos mais mudas de buriti do Seo Santino, da Vereda de Água Doce.”

Zé chama atenção para o formato da raiz do buriti: canudinhos, que puxam a água do solo. Com seu facão, corta uma pequena parte e assopra por ela. Me lembro de que Walter contou que, como ele é veredeiro, lugar arenoso, suas raízes se espalham para longe e são superficiais, para que o buritizeiro se estruture na areia e busque as águas que também se espalham na vereda. Guimarães Rosa também ensina:

“O buriti é das margens, ele cai seus cocos na vereda – as águas levam – em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um lado e do outro se alinhando, acompanhando, que nem que por um cálculo.”¹⁸

A enchente recente havia mudado o cenário do brejo. Claudinha e Marília tinham contado, em nossa pesquisa sobre o jogo Temporão, sobre os telhadinhos de palha de buriti e de coquinho que Zé constrói para proteger os buritizeiros mais novos do sol intenso. Levados pela enchente, também estão nos planos de reconstrução.

18 ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, [1956] 1994, p. 535.

“Eu plantei os pés no mês de maio, e mês de maio estava muito quente. Eu vinha aqui de manhã e via que depois de 11h o sol ia pegar neles. Então eu fiz as casinhas, e de três em quatro dias eu molhava. Mas, com a enchente, só sobraram os mais no alto.”

Além de materiais para construções no próprio brejo, as folhas, madeiras e concas do buriti servem à pousada de Nelinda e Zé na recente obra. Os braços da folha são usados como vedação, no lugar de bambu, e recebem apenas uma camada de verniz. Nas janelas, esteiras da palha controlam a iluminação durante o dia, e à noite deixam ver desenhos de onças, tatus, nuvens, luas, sóis, veredas e dos próprios buritizeiros.

Zé Torino nos conta:

“O reflorestamento que tem aqui começou com o mulungu do brejo, foi feito com as mudas bem pequenininhas. Vamos passar onde tem um mulungu enorme, onde pegamos as mudas, e saímos espalhando perto das nascentes de água. Por isso, hoje vocês estão vendo que está bem reflorestado. Mas eu pretendo reflorestar mais! Para mim ainda está pouco. O próprio mulungu também refloresta, a semente cai no chão e nasce um broto. Mas a semente, mesmo, eu nunca vi. Tem dois tipos de mulungu, o do brejo e o do seco. Se for pra recuperar rio, tem que plantar o do brejo. Se a pessoa se confundir e plantar o do seco aqui, ele não vai ficar. Aqui tem muita árvore de beira de rio, inclusive o lírio-do-brejo. Plantei lírio-do-brejo na beira desse rêgo – a gente fala rêgo, é também um cursinho d’água que vem das minas d’água. Quando for ano que vem, aqui também vai estar todo reflorestado de lírio.”

Uma raiz grande, larga e robusta aparece do chão, próxima ao rio, onde atravessamos para a outra margem.

“Essa é a raiz do mulungu, o maiorzão que falei. Vixe, ela vai longe! Nesse lado de cá do rio todo você acha essa raiz. Vai até lá em cima, onde sobe a encosta. Todas as folhinhas verdinhas que estão dentro do rio são mudinhas de mulungu do brejo. São as sementes que caíram e nasceram aqui. Só que aí elas não ficam, não, porque estão dentro d’água. Temos que tirá-las e plantá-las fora”, Zé ensina.

Quando volto no brejo na seca, esse caminho e o rêgo estão pintados de vermelho pelas flores do mulungu. Nelinda conta que as flores do mulungu do brejo também são visitadas pelas abelhas mamangavas, importantes dispersoras para as flores grandes e difíceis de serem adentradas por insetos menores.

Encontramos outra mina d'água. Barro escuro coberto de folhas úmidas, lírios-do-brejo na vizinhança. A água borbulha transparente. Três mudinhas de inhame, numa das beiras, são companheiras de um pau espinhento e fininho. Zé comenta sobre esse pau: “Esse é mulungu, pequenininho!” Me espanto pela casca espinhenta, diferente dos outros que conhecemos mais cedo. “Ele é espinhento por dentro da casca? Os grandes não pareciam espinhentos!” Nelinda explica: “Quando o mulungu vai ficando grande, ele vai soltando os espinhos. Os espinhos são um jeito dele se defender do fogo do Cerrado.”

Seguimos, barro colando nos pés. Noto as pequenas estacas colocadas ao lado das mudas, protegendo-as, para que não sejam pisoteadas.

“Olha os pés de buriti que morreram! Estavam muito novinhos. Cada estaca na lama era um pé de buriti. Desse lado do rio, só ficaram os grandes. Os pequenininhos foram quase todos embora com a enchente, não sobreviveram tantos dias com água no pé deles. Mas vou plantar de novo, depois dessa chuvada boa que chegou.”

Pergunto se tem baru, a castanha famosa nesses lados e que eu conheci há pouco. Nelinda diz que sim: “Temos uns pés de baru, só tem dois pés.” Passamos pelo saputá, pelo araçá, pelo café, pela mamuda, mais pau louro, mais mulungu do brejo. “Ô, baruzinho, cadê você?” Zé procura, em meio a tanto verde. Já chegando na encosta, ele nos aponta um pedaço de madeira fincado no chão, sua marcação de onde a enchente foi. “Nenhum desses pés aqui morreu, porque eles estão mais na encosta e não ficaram tantos dias com água.”

Árvore de copa larga, folhas miúdas, frutos em formato de orelha chama atenção. Zé explica:

“É o tamboril. A filha de Tião veio fazer estágio aqui, um filme documentário pro CEFET de Januária. Ela me pergunta, ‘que madeira é essa?’, eu digo ‘é o tamboril. Você sabe quem era o pai dela? Vizinho seu, na beira da estrada, fazendo sombra na beira da estrada.’ Vocês sabem o que fizeram com ela lá? Cortaram e queimaram. Esse tamboril grande é filho de lá, e essa mudinha é

neta do que morreu. Aqui, estamos bem na cabeceira das minas d'água, tem que ser dessa maneira, florestado. Esse aqui, de folhas grossas, é o saputá. Tenho vinte e oito pés plantados. Começa no canto do terreno, faz uma curva aqui, outra ali, e vai no pé de manga, onde estão os bambus. Eu plantei porque a fruta é gostosa, também para os animais. Aqui tem muito soim e guariba, macaquinhos. Nós, humanos, e eles, vamos disputando; quem chegou primeiro e viu a fruta madura, come!”

Me lembro de Aline repetir: “O saputá é o primo rico da pitomba! A pitomba tem um carocinho só, mas o saputá costuma ter dois ou três, e é uma fruta super amarelinha.”

Outro pau espinhento nos chama, enorme, para cima e para os lados: o juá. Nelinda me ensina que é planta característica do sertão, mas diferente no seco e no brejo. Ali, no brejo, fica enorme. Onde aparece, solitário, nunca em mata, sabe-se que há água não muito funda. Diferente das outras plantas da família, costuma se manter com muitas folhas verdes, mesmo na época da seca. Com ele, se faz pasta de dente e xampus para cuidar de doenças da pele e do couro cabeludo. Juazeiro é também o nome de outra planta que muitas casas gostam de ter para enfeitar suas cercas e muros, com folhas que parecem flores em tons de vermelho, branco, rosa e laranja. Buganvília, primavera e roseira-do-mato, na região, é chamada de *juazeiro*, pela semelhança do pau espinhento com essa outra planta com quem nos encontramos no brejo.

Nelinda e Zé Torino conhecem os buritis e os *paus* pelos tamanhos, se lembram do contexto da chegada de cada uma ao brejo e as tratam com cuidado singular, não como “árvores”, apenas, mas como *o coquinho azedo do baixo, o mulungu do brejo da margem...* Marília disse, certa vez, que era como se Zé chamasse as plantas como quem chama pessoas. Talvez seja exercício do que Eduardo Viveiros de Castro chama de *perspectivismo ameríndio*, em que as plantas, os bichos e o rio fazem parte de um mundo muito mais amplo do que o humano.¹⁹ Fico pensando se Zé aprendeu a *vegetalizar* seus tecidos, a sentir e provar o prazer que uma planta pode experimentar, como diz Natasha Myers.²⁰ Da mesma maneira carinhosa e vitalizada, nos apresentam as minas d'água uma por uma, contando suas histórias.

“Aqui são oito minas d'água. Totaliza nove, se contamos a da divisa com meu vizinho de cima. Essa aqui, há sete anos, não corria, tava sequinha, e agora olha como ela corre. Quando o Peruaçu era Peruaçu, vinham as enchentes,

19 VIVEIROS DE CASTRO, *Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation*, 2004.

20 MYERS, *O mundo já é incrivelmente encantado*, 2021, p. 5.

tinham sujeiras e entupiram ela. Chegou um ano que não teve mais enchente, o rio já estava bem sequinho, mas ela já estava entupida. Ela acabou, tinha virado pó. Quando o professor veio conhecer o brejo, mostrei para ele o local exato dessa e de outra mina que tinha entupido, e ele disse que dava para recuperar as duas. Em 2015, ela foi restaurada, num curso do SENAR de Bocaiúva. Vou limpar aqui para você ver a data, aqui tem escrito: SENAR, Minas Gerais, 18 09 2015, e o nome dessa mina d'água, que é sucuri. Acho que viram um sucuri pequeno quando estavam fazendo a recuperação. Vou mexer com a água para você ver como ela brota.”

Zé Torino limpa a superfície da água e a mina começa a borbulhar forte. Vemos alguns peixinhos que nadam ali, e reparo nas samambaias que rebrotam na beira. Ele continua:

“Os pés grandes das samambaias morreram tudinho, a enchente matou. Olha elas voltando de novo! Aqui é o lugar delas. Agora, essa mina é um pouco lenta, sabe por quê? Aquela outra mina lá embaixo, aquele caldeirão, é muito forte, mais do que essas outras aqui de cima, então ela controla como essas outras brotam.”

Pergunto sobre o processo de realizado durante o curso, e ele explica:

“Nós fomos limpando a sujeira até chegar na pedra de onde brota a água. É um barro, igual esses que tem nos fundos dos rêgos, que eu uso para os plantios das novas mudas. Colocamos uma lona, que tem um buraco para a água sair, e usamos a lona para não entupir mais esse buraco. Esse barro foi sendo colocado em cima da lona. Pegamos pedras naquela encosta e trouxemos para cá também. Deve dar um metro e meio de onde tem a pedra, de onde ela mina, até aqui em cima.”

Zé conta que a outra nascente se chama aranha, porque acharam uma aranha quando faziam o curso. seguimos em sua direção e encontramos folhas-coração de um verde escuro, diferentes dos inhames. “Essa aí é taioba”, diz Nelinda. Quando chegamos à outra nascente, vejo que, no meio do poço, há alguns canos. Zé conta:

“Quando nós conseguimos tirar toda a sujeira que estava no fundo da pedra, onde ela mina, foi feito um processo de colocar mais pedras, começando lá da mina d’água. Primeiro umas pedras bem grandonas, deixando a saída da água. Quando chegou aqui em cima, o professor calçou tudinho de pedra, e usou até um pouco de cimento com barro, para firmar as pedras. Tem quatro canos, um de 100mm, onde sai a água, um de 25mm e dois de 50mm, os ladrões em cima. Se a gente precisar utilizar essa água para beber, para lavar roupa ou louça, você pode fechar aquele cano de 100mm que está lá embaixo, botar o cloro na água por 15 minutos, e então destampar o de 100mm. Se tivesse alguma bactéria, alguma coisinha assim, o cloro eliminaria e toda a água que saísse da mina d’água você já poderia usar, já sairia purificada.”

Zé retoma:

“Lá em cima, no comezinho da encosta, lembra que tem plantada a barreira viva de babosas? Elas vão daqui até o outro vizinho, são 150m. A babosa vai crescendo, embaraçando e criando uma tela. Quando vem a enxurrada forte, a sujeira fica e a água passa filtrada. Essa barreira está distante do rio. Foi outra parte que me chamaram de louco. ‘O que tem a ver babosa com mina d’água?’ ‘Mas você aprendeu onde?’ Fui eu mesmo que aprendi, não foi outra pessoa que me ensinou, não. A barreira ainda é nova, mas quando a babosa acabar de fazer a tela, toda a sujeira vai ficar filtrada e nada desce para cá.”

Atravessamos uma pinguela, vizinha à bomba que, por energia solar, envia água ao reservatório da cisterna calçadão para molhar a horta de Nelinda quando a água da chuva acaba. Passamos por moita de capim napiê, “com esse ninguém acaba”. Zé, com seu facão, corta o capim que se debruça sobre um pé de buriti.

“Se deixar, daqui a um mês esse capim já cobriu o buriti. Para cuidar do brejo, tem que vir aqui sempre, um vento pode derrubar o mato em cima do pé. Tem que olhar, tirar. Não precisa tirar o capim todo, só tira esse que pode prejudicar o pezinho.”

Sigo Zé e Nelinda, com certa dificuldade para me equilibrar no barro escorregadio, e atravessamos outro rêgo de água, cercado por capim alto e lírios-do-brejo. “Ali é o entroncamento das minas d’água com o rio.” Nelinda explica que este rêgo é o *resgate*, um braço de rio que se forma pela água da enchente quando o rio recua de volta ao seu leito.

Seguindo o rêgo, chegamos à barragem feita por Zé em 2018. Pergunto a ele sobre o intuito dessa represa. “

Eu pensei: ‘se eu fizer uma barragem aqui, eu vou alimentar aquelas minas d’água, porque aqui é mais alto do que as minas, aqui tem uma lajota de pedra’. Essa barragem não para de alimentar o rio para baixo, a água continua correndo, no fluxo do rio. Eu falei para meu vizinho Duca que a gente precisava fazer uma barragem. Não tínhamos madeira, então tirei essa Aroeirona. A barragem é constituída por madeira e 42 sacos de barro, que vieram daqui mesmo. Quando construímos, era um tantinho pouco de água que passava aqui no rio. Essa água foi juntando ao longo de poucos meses. Assim, ajudamos também lá para baixo: em vez de correr o risco de secar as minas e diminuir o rio, essa caixa d’água vai mantendo a umidade. Aqui em volta continuou úmido, ao longo dos anos, não secou mais, e as minas d’água agora estão com mais água.”

Meses depois, na época da seca, a vizinha de cima que vive entre o Peruaçu e Ribeirão Preto vem visitar o brejo e nos conta que uma mina d’água que não brotava há mais de 10 anos esse ano voltou a brotar e, mesmo na seca, continua com bastante água.

Em outro passeio pelo Peruaçu, Walter me contou que, em ambientes considerados como equilibrados, não é interessante para o ecossistema construir barragens. Ele também participou da construção da barragem mais abaixo no rio, que visitamos mais cedo, e, para ajudar a água a infiltrar no solo em lugares onde houve muita degradação, ele sugeriu, como técnica de recuperação, as barraginhas. As barragens podem também aumentar a área superficial para evaporação da água, diminuindo a água do rio, e prejudicar a subida dos peixes durante a piracema para a desova. Além disso, como Walter contou, as enchentes são importantes para o rio São Francisco e os seres-rio: com as enchentes, o rio ocupa as vazantes, e, depois que ele volta ao seu leito, se formam as piscinas, local de desova dos peixes que subiram o rio. Durante o ano, os ovos e peixinhos se desenvolvem para que, na próxima cheia, possam ir para o rio. É também nessas piscinas que as garças, outras aves e jacarés encontram alimentos. Nos últimos anos, o rio São Francisco também tem secado, as piscinas têm ficado mais rasas e, na seca, muitas delas não conseguem se manter, morrendo também os peixes

que estavam ali. A importância dessas lagoas também é grande para as humanas, que ao longo dos milhares de anos, se concentravam nessas regiões do Rio São Francisco para conseguir alimento, especialmente na época das *águas baixas*.²¹

Walter me contou sobre experiências com a recuperação de áreas de mata seca, de Cerrado e de Caatinga, em especial no vizinho rio Pandeiros e suas áreas alagadiças.²² Hoje, ele contou, se indica que os humanos façam o plantio das árvores pioneiras (aquelas que precisam e gostam de muito sol, crescem rápido, morrem rápido e, assim, ajudam a regenerar o solo e garantem matéria orgânica para que outras vidas cresçam nesta floresta), e deixar que a própria floresta, em conjunto com seus habitantes, trabalhe para se restabelecer. Existem muitos mundos que não conhecemos ainda – e que talvez não seja possível, com nossos corpos e mentes humanos, conhecer. Ele alertou sobre a importância de avaliarmos qual árvore plantamos em cada lugar. Por exemplo, se levamos uma muda de buriti, que é da vereda, para uma região de mata seca, junto com as folhas, raízes e tronco da árvore, também irão muitos outros mundos, visíveis e invisíveis, que *competirão* com o novo ambiente: micro-organismos, insetos, fungos...

Walter lembra também que, no sertão, o tempo das águas é pequeno, se comparado com o da seca, e as mudas que plantamos têm poucas chances de sobrevivência. Em lugares onde há muitas queimadas, para ajudar as pioneiras, pode-se fazer a proteção contra o fogo e, onde há gado, contra o pisoteio. No caso de um ambiente muito degradado, como uma mata que tenha sido transformada em pasto, para ajudá-lo a voltar a funcionar em seu equilíbrio, pode ser importante construir as barraginhas ou operar com curvas de nível, para ajudar a água a infiltrar melhor no solo, no início do processo regenerativo. O Cerrado, *sozinho*, tem alta força de regeneração, ele lembra.

Mas as gentes do Cerrado *também são o Cerrado*. A ideia de uma floresta *natural*, separada de humanos, sem sua própria agência, é desafiada por sociedades ameríndias e quilombolas e pensadoras que adentram suas práticas. Como diz Wellington Cançado,

“essa relação não natural implica, dentre tantas outras coisas, em ‘uma concepção do mundo em que não existe Natureza. Porque tudo foi fabricado, plantado e cuidado por alguém, tudo é produto do pensamento e do fazer de alguém’, reiteraria Els Lagrou²³, tendo em conta a cosmologia dos Huni Kuin.”²⁴

21 PROUS; RODET, Introdução à Arqueologia do Vale do rio Peruaçu e adjacências, 2009, p. 13.

22 Ver, por exemplo: NEVES, *Avaliação da vazão em bacias hidrográficas com veredas em diferentes estágios de conservação na APA do Rio Pandeiros*, 2011.

23 LAGROU, *Miçanga: uma arte da relação*, 2016, p. 90.

24 CANÇADO, *Floresticidades*, 2019, p. 2.

No texto *Floresticidades*²⁵ e em sua tese de doutorado²⁶, Cançado nos apresenta, a partir de visões múltiplas de *floresta*, o potencial urbano da floresta, que estaria relacionado à alteridade da mata e da rede de relações simbióticas tecidas entre os múltiplos viventes. O autor discute também as evidências das florestas antropogênicas, ou de que a Amazônia só existe em tamanha biodiversidade porque seus habitantes humanos cultivaram roças e florestas ao longo de milhares de anos.²⁷ Cançado, em diálogo com Davi Kopenawa e Bruce Albert, nos enuncia que a floresta que emerge das diversas discussões – e, nos provoco a pensar, poderia ser também a floresta de Cerrado vizinha do Peruaçu –

“não é passiva, neutra, muda e muito menos natural. Não é obviamente um meio ambiente – ‘o que resta da terra e da floresta feridas por suas máquinas’ –, como um continente florístico e faunístico a ser conservado sem [os humanos], mas uma ‘ecologia inteira’: ‘sua árvores, seus morros, suas montanhas e seus rios; seus peixes, animais, espíritos xapiri e habitantes humanos’²⁸. E não é, muito menos, um duplo primitivo do mundo urbano, uma ‘ainda-não-cidade’.”²⁹

Passamos por uma dupla de pés de coquinho azedo, exemplo da rede de emaranhamentos dessa floresta de Cerrado. Nelinda explica que planta, pelo menos, duas mudas, porque as abelhas fazem polinização cruzada. Plantando um pé só, não dá fruto. Ela coleta os coquinhos para fazer polpa, um dos sabores mais queridos pelas clientes:

“A gente colhe o coquinho no mês de dezembro, atravessando a barragem. É terreno do meu vizinho, ele autorizou a gente a pegar o coquinho lá. Estou com pressa que os pés do quintal produzam para que eu tenha os cachos aqui. Joguei os caroços e nasceu lá em cima também, perto da horta. Nesse

25 Ibidem.

26 CANÇADO, *Sob o pavimento, a floresta*, 2019.

27 Sobre esse assunto, consultar: CARNEIRO DA CUNHA, *Antidomestication in the Amazon*, 2019, pp.126–136; FAUSTO; NEVES, *Was there ever a Neolithic in the Neotropics? Plant familiarisation and biodiversity in the Amazon*, 2018, pp. 1604-1618; HECKENBERGER et al. *Amazonia 1492: Pristine Forest or Cultural Parkland?*, 2003, pp. 1710-1714; LEVIS; FLORES; MOREIRA; LUIZE; ALVES; FRANCO-MORAES; LINS et al. *How people domesticated Amazonian forests*, 2018.

28 KOPENAWA; ALBERT, *A queda do céu*, 2015, pp. 484-485.

29 CANÇADO, *Floresticidades*, 2019, p. 19.

ano que passou, a gente limpou as folhas secas de todos os pés, elas atrapalham sair os cachos. A gente corta as folhas secas e limpa também o pé do coqueiro, para não ter uma serpente no pé, uma cascavel, um escorpião. Esses são os cuidados que a gente tem para ele produzir mais e para colher os frutos sem pisar numa serpente. O coquinho é um fruto abençoado. Todo mundo gosta do suco dele, e é um dinheirinho a mais para mim. A Cooperuaçu compra muitos frutos, e os frutos que ela não compra eu corto, tiro os caroços e faço a polpa. Não tem nada para dizer que o coquinho vai ser jogado fora: tudo o que os bichos não comeram vai ser cuidado. Na cooperativa, não aceitam aqueles que tem uma manchinha, um ruídozinho do arapuá. Esses frutos eu pego, passo água oxigenada, dou uma lavada e tiro a polpa.”

As legislações e restrições ambientais impostas pelos Parques, Áreas de Preservação e Mosaicos são inegavelmente importantíssimas no contexto norte-mineiro. O capital se espacializa de diferentes modos na região, com fazendas do agro-negócio e do eucalipto que buscam se expandir e mineradoras que encerram seus trabalhos sem regenerar as áreas destruídas, acessadas por animais e crianças, e outras empresas que buscam novas concessões. A caça e o comércio de bichos, inclusive em extinção, era comum na região até poucos anos, e ainda ocorre ilegalmente; a atividade pecuária realizada por grande parte, senão pela maioria, das famílias e o pisoteio do gado exerce pressão sobre a vegetação e a floresta do Cerrado; a grilagem de terras convive com o uso de agrotóxicos e a ausência de saneamento básico. Contudo, é imprescindível não perguntarmos quais seriam as possibilidades de criar as áreas de preservação do que chamamos *natureza* que garantissem também a permanência das pessoas humanas em seus territórios com soberania alimentar e cuidados de saúde, educação, transporte condizentes com seus modos de vida ancestrais. Quais incentivos seriam possíveis para que essas humanas contribuíssem com o Estado na recuperação do rio, da floresta, na produção de alimento e de renda, que pode ser também produção de biodiversidade na floresta, percebendo o *humano* como *um entre* os muitos seres-rio?

Mais acima no rio, nas comunidades do Araçá, Vargem Grande e outras vizinhas ao Olhos d'água, onde moram Nelinda e Zé, me lembro das cercas de arame farpado que buscam impedir o acesso à vazante, colocadas pelo Ibama, para evitar a queima, o plantio e o pisoteio do gado na vazante. Além das roças com o milho, o feijão e a mandioca na vazante consumirem muita água para crescerem, não é incomum, pelo que vi e relatos que ouvi, o manejo dos plantios com fogo. Algumas moradoras acompanham os bichos que indicam a chegada da chuva e anunciam que é o melhor momento para o manejo, como alguns sapos e garças ou a galinha d'água que aparece em fim de tarde. As leguminosas são as únicas plantas cultivadas que, pela simbiose que

estabelecem com os rizóbios (certas bactérias fixadoras) nos nódulos de suas raízes, conseguem assimilar o nitrogênio atmosférico e adubam a terra com nitratos. Daí parte o princípio da rotação de culturas.³⁰ Se a vazante é o lugar onde muitas famílias podem produzir durante a seca – depois que o rio transbordou, adubou e preparou a terra –, haveria modos institucionais de pensar e incentivar o plantar água com coleta de água da chuva, cobertura e manutenção da água no solo, plantas que adicionam nitrato à terra e floresta que pode aproveitar esse adubo depois?

Nelinda também plantava na vazante, na região próxima à bomba, ao grande mulungu do brejo. Ela conta:

“Quando eu plantava na vazante, todo dia eu vinha aqui. Eu chegava para molhar os canteiros e via que a água estava num nível; quando chegava amanhã, a água já tava mais baixa um pouquinho. Sendo que lá para cima o Peruaçu já não tinha mais água, a água era só a que brotava das minas daí. Muita gente fala: ‘mas cê é besta. Na vazante é tão fácil de plantar, não precisa molhar todo dia, as hortas dão melhor. Por que você não planta lá?’ Eu falo: ‘Não. Eu vou plantar no seco, aqui no brejo e na vazante eu quero é cuidar.’”

Chegando ao fim da manhã e do passeio, Zé anuncia a melhor época para retornar ao brejo: “Vocês querem ver o brejo bonito, é janeiro, que o lírio tá todo florado!” Mais tarde, quando pesquiso nos repositórios acadêmicos sobre o lírio do brejo no Cerrado, o encontro como planta a ser evitada, erradicada. O lírio seria uma planta vinda do Himalaia, na Ásia tropical, portanto exótica no Sertão mineiro, também chamada de *introduzida*, *invasora* ou *oportunistamente agressiva*³¹. As preocupações em torno desse trânsito são principalmente pela possibilidade de causar desequilíbrio no microclima, redução da mata nativa e homogeneização da biodiversidade – não havendo predadores ali, ele pode se espalhar rapidamente ao encontrar um local adequado.³² Quando compartilho com Zé e Nelinda essas informações, preocupada com a contradição entre o mundo letrado e a *epistemologia da prática*³³ que refloresta o brejo, eles me contam com tranquilidade que *a natureza do lírio já é do brejo*, que suas raízes ajudam a fixar a terra e a limpar impurezas que vêm na água e que as folhas largas fazem

30 EMBRAPA, Fixação Biológica do Nitrogênio, 2021.

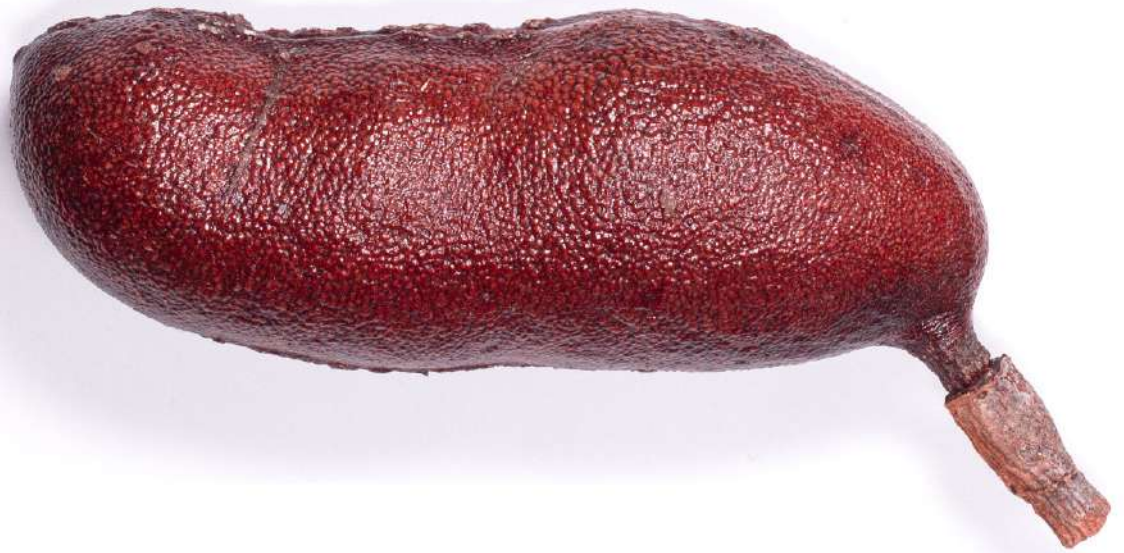
31 SARTORELLI; CAMPOS FILHO, *Guia de plantas da regeneração natural do Cerrado e da Mata Atlântica*, 2017.

32 MACIEL, Controle mecânico da herbácea exótica invasora lírio-do-brejo (*Hedychium coronarium* Koenig) no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, SP, 2011.

33 BEVILAQUA, Cada apartamento uma oca, 2021.

sombra e deixam a água fresquinha. “Você já viu a flor do lírio? Branquinha, branquinha, e o cheiro gostoso! É dezembro para janeiro que ele solta flor.”





Casa da gameleira

Ser o brejo, ser *com* o brejo e *com* todos os seres que ali habitam gera espacialidades vivas: casas, florestas e rios. Na represa construída por Zé Torino e seu vizinho, água verdinha reflete folhas de gameleira, pau loro e lírio do brejo. As gamelas que caem, pequeninas, redondas e verdinhas, servem de alimento aos peixes e aos pássaros. Na borda da represa, ao longo do tempo, Nelinda e Zé Torino constroem uma maquete que representa o Vale do Peruaçu, buscando por pedras que têm a mesma forma das cavernas construídas pelo rio. Eles me contam de longas caminhadas que fazem com o único propósito de encontrar pedras. Em nossos passeios por outras estradas, Nelinda pisa com pés atentos e acumula em sacolas e bolsos as pedrinhas redondas que podem ser incorporadas à maquete e aos escritos que sinalizam nomes de pessoas queridas para a família e de importância para o território. A água da represa passa sem obstruções pela representação do território Xakriabá e das cavernas de calcário do Peruaçu, graças à limpeza diária do cano de PVC feita por Zé, com a vassoura que ele guarda entre moita de capins. Vem de longe o ronco do motor que joga água do rio para o gado de outro vizinho. As raízes da gameleira deitam na terra, percorrem a mata, e avançam para longe, é possível encontrá-la em muitos outros pontos pelo brejo.

Uma casa *em construção* pousa sobre a gameleira. Em minha última vinda ao Peruaçu, Zé contou que há anos pensava nessa construção, em dúvida entre o pau preto, na encosta, e a gameleira, em beira do rio. Quando regresso, notícias de que em encontro com Val, que veio para fazer trabalho na associação comunitária, escolheram esta árvore. Melhor seria beira de rio. Como Zé repete algumas vezes, Val tem ajudado na construção “sem cobrar um centavo”, porque ele também já sonhou com uma casa na árvore. Dénètem Touam Bona já nos disse que “o sonho é matriz de resistências criadoras, pois abre no cinza do cotidiano o arco-íris do possível”, ao discutir a criação de espacialidades de fuga e de vida nas florestas pelas contraculturas dos quilombos, mocambos e *maroons*.¹ Neste tempo trabalhando juntos, Zé e Val têm trocado suas experiências como pedreiros e como viventes da mata para propor soluções construtivas.

Nelinda e eu viemos visitar a casa na gameleira, Zé nos explica cada detalhe:

* Sugiro a leitura da dissertação em sua diagramação original, clicando [neste link](#).

** Este texto foi escrito a partir de visitas à casa da gameleira com Zé e Nelinda em julho e agosto de 2022, e de caminhadas com Zé Torino pelo Vale do Peruaçu em março de 2022.

1 TOUAM BONA, Arte da fuga, 2021.

“A primeira cortina é de taboca, tipo um bambu, de vazante. Val trouxe do Cônego Marinho, porque pensou que não achava o buriti fino. Só deu para uma janela, o gado pisou no resto da taboca. Então fiz essa outra, misturando buriti e taboca. As madeiras do buriti são dos pés novos daqui, os bracinhos deles. Ele disse que traria cana brava, a cana brava é bonita, mais dura que esses aqui, então fiz uma amarração provisória.”

Quando abrimos a cortina, uma perereca é acordada. Nelinda anuncia: “A primeira hóspede da casa da árvore!”

Zé Torino continua:

“Aqui no chão é tábuas, pranchão mesmo, pode encher de gente. Essa primeira é aroeira, assim como a estrutura da escada e a estrutura que sustenta as tábuas; as outras pranchas são ipê e pereiro. A vedação da parede também é buriti. Usamos a parte chegando na conca. A conca é de onde começa a folha, para baixo. Ainda quero fazer um desenho nas paredes, pegar a palha do coquinho azedo, verde, e em cada conca enfiar uma folha, uma para lá e outra para cá, cruzando. Aqui está com a palha do buriti seco, e quero revestir com a palha do coquinho verde. Nas varas que estão prendendo a palha do buriti, e também no corrimão da escada, é o capim-açu. É uma madeira boa. Na porta, a esteira de buriti é pintada com desenhos pelos Xakriabá. Os meninos de Vanuza combinaram de instalar um geradorzinho num dos canos de onde sai água na represa, uma pequena usina hidrelétrica, para gerar luz para a casinha. Lá embaixo, quero aterrar um pouquinho, a raiz da gameleira, com barro e folhas podres, do fundo do rio, adubo. A gameleira merece. Eu sei que eu agredi a natureza nessa parte onde a escada apoia na raiz. Talvez daqui três ou quatro anos a raiz se feche. Como deus me deu esse presente, essa árvore que nasceu no brejo, colocou o joelho dentro do rio e abriu as galhas para colocar a casa, ela vai ganhar outro presente: eu vou aterrar até um pedaço das raízes, para dar mais sustentação para ela. Meu cunhado plantava arroz e feijão aqui na vazante. Um dia, ele ia tacar fogo nela: ‘ela tá fazendo sombra no feijão.’ Eu falei: ‘faz isso não, moço. Ela tá caindo é lá para o rio.’”

Como disse Amara Mota, resistindo há tantos anos, “a gameleira está aqui para contar história.”²

A ocupação, construção e reconstrução da floresta acontece por meio de trocas estabelecidas, por exemplo, entre a gameleira que fornece suporte para a casa e recebe adubo, ou entre os paus que oferecem tábuas para a casa e cujos galhos e folhas restantes fertilizam o chão da floresta, cuidando de suas e de outras sementes. Penso que seja experiência das ocupações *biointerativas*, atentas às possibilidades de suas vizinhanças, de que fala Antônio Bispo dos Santos. A lógica da biointeração, vinda do *saber orgânico*, é “extrair, utilizar e reeditar” – diferentemente do falacioso “reduzir, reutilizar e reciclar” proposto pelo *desenvolvimento sustentável*.³

A observação de muitos anos dos diferentes paus, suas temporalidades, espaços de existência e vizinhanças permite encontrar e manejar as madeiras certas para cada parte da casa. Constitui também, de certa forma, uma xiloteca, que *conflui* vegetações encontradas nas proximidades e sua importância construtiva, estética e afetiva. Vale lembrar o que Antônio Bispo dos Santos nos ensina sobre *confluência*: “é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual.”⁴ Os empregos de carpinteiro e de pedreiro de Zé Torino trazem habilidades para a lida com essas madeiras, cada uma com suas singularidades. O desejo e a forma de fazer a casa, camuflada na floresta, talvez venham de aprendizagens com as tantas casas de abelhas, marimbondos, cupins e pássaros que Zé e Nelinda me apontam em nossos passeios. Outra manhã, em visita aos imbarés, árvores mais altas da região, Zé pede que eu fotografe uma “casona bonita”, e me desafia:

“Como é que eu moro lá em cima e sei que tem uma casa de marimbondo aqui, depois da ponte? Eu descobri ela ontem. Um menino pediu para eu ficar aqui para o gado beber água e voltar. Olhando, assim, percebi a casa nesse pau, o morcegueiro. É o marimbo inxú. Perigoso!”

No curral, há casa de joana de barro construída há muitos anos (eles me lembram que podemos observar as novas casas para saber de onde virão os ventos e as chuvas neste ano), em que agora tomam conta os sofrês. Também já vimos muitas casas de cupins no alto das árvores de onde coletam frutos do Cerrado para Nelinda fazer polpas. Nelinda aposta que os cupins escolhem fazer no alto porque seria mais difícil que humanos as destruíssem. Zé, mesmo, já empreendeu a destruição de todos os cupinzeiros em volta da casa, para acabar com as casas dos escorpiões, depois de ter

3 SANTOS, Colonização, quilombos, 2015, p. 100.

4 Ibidem, p. 89.

sido picado duas vezes. Chegando num dos últimos cupinzeiros, perto de sua vizinha, um escorpião entra em sua calça, pica ao lado do joelho. Ele tenta pegá-lo, mas ele passa para o outro lado do corpo e pica ali também. Depois de alguns dias, de tão mal, precisa ir a Itacarambi buscar ajuda médica – diferente das outras vezes, que, assim como Nelinda e a maioria das vizinhas, depois de alguns dias com as partes picadas dormentes, melhoram sem apoio médico.

As plantas alimentícias, como o buriti e o coquinho de que Nelinda extrai a polpa, gera renda e garante conserva para o ano inteiro, para a família e as vizinhas, também são cultivadas, manejadas e empregadas nas construções na floresta. Essa experiência nos ajuda a perceber que a recuperação das florestas do Cerrado, assim como o cultivo da biodiversidade da mata, “é uma atividade técnica que pressupõe habilidades sociais de engajamento em uma rede extensiva de relações com pessoas humanas e não humanas”⁵. Me lembro das pesquisas sobre o manejo da abundância na Amazônia. Wellington Cançado conta sobre diversas autoras que pensam a Amazônia

“como um extenso distúrbio ecológico planejado, no qual as perturbações antrópicas, que os ‘umanistas’ frequentemente enxergam como um mau comportamento humano, como diria Anna Tsing⁶, não são necessariamente um problema, mas parte constitutiva das relações entre humanos e não humanos. E a grande abundância de espécies domesticadas e manejadas refletem um significativo legado das atividades ameríndias durante longos períodos, que contribuiriam não somente para a grande abundância da floresta, mas que fariam dos povos da floresta os ‘coautores’ dessa impressionante megabiodiversidade⁷. A manipulação que envolve a transformação completa da biota em prol do crescimento de uma ou de algumas plantas alimentícias, sejam domesticadas ou não, e outras plantas e animais úteis, e também através de clareiras, fogo, lavouras localizadas ou extensivas, preparação de sementeiras, capina, poda, adubação, compostagem, cercamento e irrigação em combinações variáveis, configurariam uma paisagem cultivada.”⁸

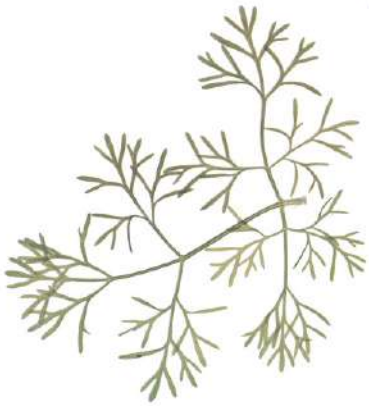
5 CANÇADO, Floresticidades, 2019, p. 3.

6 TSING, Viver nas ruínas, 2019, p. 94.

7 COSTA; FRANCO-MORAES; BANIWA; LIMA; CLEMENT; SHEPARD JR., Historical landscape domestication in ancestral forests with nutrient-poor soils in northwestern Amazonia, 2019, pp. 325, 327.

8 CANÇADO, Floresticidades, 2019, p. 5.





Canteiro dos inhames

“No outro dia, dia-de-manhã bonito, o sol chamando, estava dando lindo o grilgril das maitacas, no primeiro, segundo, terceiro passar delas, para os buritis [do brejo]. Por qualquer coisa, que não se sabe, as seriemas gritaram, morro abaixo, morro acima, quase bem uma hora inteira.”¹

Logo que o sol chama, Nelinda passa o café e, assim que possível, parte para os cuidados com a horta. Cuidado com horta não tem sábado, domingo nem feriado. O movimento diário de molhação, *no tempo da seca*, se repete por todas as mulheres com quem convivo no Peruaçu. Também cedo de manhã, Nelinda já começa a se preocupar com o almoço. *Dona da casa*, é ela a responsável pelas refeições por aqui, que serve a Zé Torino, seu esposo, aos dois filhos, a quem se hospeda na pousada e a visitantes frequentes da vizinhança. Dona da casa, é ela quem cozinha, ainda que não goste de cozinhar, como me contou uma vez.

As visitantes da vez são a equipe do Posto de Saúde, que vem à região a cada um, dois ou três meses, pelo que me relatam as moradoras, e sempre almoçam aqui. Este é também o único momento em que o Posto oferece atendimento às pessoas da região; o acesso é difícil e as famílias, em ocupação difusa, pouco populosas, ouço dizer. Outro dia, em visita a vizinhas da margem esquerda do rio, é dia de medir pressão, Zé e Nelinda aproveitam. Me contam que quem mora do outro lado de lá do rio, no Território Indígena Xakriabá, tem acompanhamento médico continuado do Sistema Único de Saúde.² “Ô lugarzinho sofrido”, ouço repetidas vezes de Zé Torino, quando conversamos sobre o Olhos d’água, lado de cá do rio, comunidade onde moram. Poderíamos pensar no abandono biopolítico do Estado. Ou, quem sabe, não seria abandono, mas escolha de com quem e para quem as políticas públicas se fazem

* Sugiro a leitura da dissertação em sua diagramação original, clicando [neste link](#).

** Este texto parte de visitas às hortas com Nelinda e Rica em julho e agosto de 2022; de gravações de nossas conversas em descansos depois do almoço e de nossos passeios no quintal para aguar as plantas e tirar mudas; de registros do meu caderno de campo e pequenas gravações nas visitas aos quintais de Vanuza, Leninha, Gley, Dona Maria e Benita e na roça de Marisa e Zeta, em março de 2022.

1 ROSA, *Manuelzão e Miguilim*, [1964] 1990, p. 67. No original, as maitacas voam para as veredas.

2 Sobre o assunto, ver: PONTES; HACON; TERENA; SANTOS (orgs.), *Vozes indígenas na saúde*, 2022.

presentes.³ Penso, por exemplo, na “indústria da seca” e nos incentivos fiscais para ocupação de terras públicas e grilagem com vistas a implantar projetos agropecuários de *progresso* no Norte de Minas já nos anos 1970, que colocavam o clima semiárido como entrave à vida e estimularam muitas fazendas de eucalipto à montante no rio.⁴

“Vou fazer inhame frito”, Nelinda define, para agradar, já que adoro o alimento e recentemente fiquei animada com a notícia de que o inhame, os olhos d’água e o brejo são companheiros.⁵ Para iniciar o almoço, o primeiro passo é colher inhames na horta, e me apronto para acompanhar Nelinda. Ela oferece imbuzzada gelada para dar ânimo para o passeio, que prepara batendo a polpa do imbu com leite recém-chegado. Raridade, pois tempo de seca não é de tirar leite, já que há pouco capim e as vacas produzem só para os bezerros. No terreno, há quatro pés de imbu enormes, de onde Nelinda colhe frutos e tira polpa para vender e guardar para o ano inteiro. O imbuzeiro mais próximo fica logo no terreiro, podemos avistá-lo da porta da cozinha.⁶

“Esse pé de imbu tem 17 metros de diâmetro e é um dos maiores da região”, Nelinda conta. Ela e Zé o plantaram quando vieram morar nesta terra, ao se casar. Os galhos do imbu crescem longos, saem de seu pequeno tronco, cinza e retorcido, e são pesados demais. Eles contam com o apoio das estacas de madeira que Nelinda e Zé pintam com bolas brancas, combinando com as galinhas que ciscam ali embaixo e com o conjunto de luz e sombra que as galhas fazem na terra batida, quando deitam as folhas. O imbuzeiro é árvore bem adaptada à seca. Me lembro de Vanuza contar dos pés de imbu que observa em sua vizinhança no Janelão, mais abaixo no rio. Em suas raízes, há batatas grossas que armazenam água e podem ser raladas para virar comida e matar a sede “de bicho e de gente”. Essas raízes até compartilham água com o solo e outras plantas, e água da batata também pode ser usada como vermífugo e é antidiarréica.

Para as crianças da vizinhança, como Erick, a sombra do imbuzeiro é também a escolhida para brincadeiras de criar casinhas de terra. Nas brincadeiras com os paus e a terra, ele me ensina sobre estruturas de pau-a-pique em que é preciso cavar fundo antes de enfiar os paus de sustentação das casinhas, para que o vento não as derrube. Além das galinhas que vivem ali e aproveitam a sombra para descansar depois do almoço com seus franguinhos, o espaço serve às samambaias, begônias e flores de muitos tipos que fazem companhia a Nelinda nas manhãs e tardes. Aproveitando as

3 DE LA CADENA, *Earth beings*, 2015.

4 SILVA, *Nas margens do rio Peruaçu*, 2021, p. 20.

5 Ver caminhada *mulungu do brejo*.

6 Para escutar Erick contando sobre as casinhas de pau, barro e o pé de imbu, [clique aqui](https://drive.google.com/file/d/1zhe_xloHSvg9_VBgEnVuz3GWTelcHNJJ/view?usp=sharing). Ele me contou sobre um pé de imbu vizinho aos de Nelinda, na chegada do tempo das águas em outubro de 2021. Agora, em agosto de 2022, ainda não há sinal das frutas redondinhas, verdes e azedas. Acesso também pelo link: https://drive.google.com/file/d/1zhe_xloHSvg9_VBgEnVuz3GWTelcHNJJ/view?usp=sharing

galhas e estacas, ela pendura samambaias trazidas do brejo, avencas, trapoerabas roxas. Zé construiu uma pequena piscina onde os passo-pretos tomam banho e bebem água. Como agora é tempo da seca e fica difícil encontrar lagartas, sementes, frutos e água, muitos pássaros ficam no pé o dia inteiro: sabem que ali Zé põe comida.

Distanciando-se do brejo, da vazante, das veredas e das minas d'água, a mata seca perde grande parte das suas folhas na época da seca. É um artifício das plantas para evitar que mais água se vá, pelas folhas, na transpiração, *mas não só*. Rebeca já me contou que é o tempo em que as folhas se deitam para cuidar do chão e evitar também que mais água se desprenda do solo – uma ação de proteção das mães-árvores para as filhas-mudas e filhas-sementes. Ela começa sua tese de doutorado com a foto de uma barriguda junto dos dizeres de Deda Xakriabá, que tanto lhe ensinam sobre a convivência das humanas com as plantas: “As árvores são como uma mãe ancestral. Elas tiram suas vestes para embrulhar seus filhos, as sementes. Depois quando a água vem os filhos têm força para brotar e viver sem a proteção daquelas vestes da mãe.”⁷

No pé de abacate, vizinho ao imbuzeiro, se juntam folhas verde-desbotadas, espetadas, ou escuras e duras, e outras que enramam pelo pau em forma de coração. Perto dos dois coqueiros, em cima de troncos, para evitar as galinhas, vasos com begônias, suculentas, muitas rosas do deserto – cujas raízes gostam de ficar para fora da terra, Nelinda observa. Na cerca entre o curral e o terreiro, canteiro no chão. Hibiscos, folhagens que parecem jacarés transicionam entre amarelos e vermelhos, corações magoados, margaridões, veludos rosa. Uma pequena estação recém-chegada de alguma universidade parceira, que mede a velocidade e direção do vento, a umidade e a temperatura.

Depois da cerca de arame, para as galinhas não comerem a horta, aquelas begônias, gerânios rosas e brancos e vermelhos, hortelãs pimenta, hibiscos, suculentas, muitas flores pequeninas de variados rosas, amarelos, vermelhos e laranjas, beijinho branco mesclado com rosa. Ontem Nelinda estava indo regar a horta e viu as galinhas olhando para o lado de lá da cerca. “Que é, moça, que tanto olha para lá?”, ela perguntou. Foi ver e tinha uma cobra enorme, preta rajada de amarelo, barriga toda amarela, enroscando nas plantas. A caninana olhou bem para Nelinda e começou a mostrar a língua, Nelinda demonstra o gesto ao narrar. “Era só eu começar a falar e ela levantava a cabeça um tanto assim, do tamanho do meu braço, parecendo que estava cismada comigo, com raiva de mim.” Nelinda chamou Val (que estava por ali ajudando Zé a construir a casa na gameleira na beira do Peruaçu) para matar a cobra. Ele disse que essa cobra não se mata, não é perigosa; mas também percebeu que ela estava cismada com Nelinda e, na falta de alguém que falasse com a cobra, atendeu o pedido. “Zé enterrou num buraco, diz que não tem veneno, mas não se pode deixar cobra por cima da terra. Se ele tivesse aqui, não deixava matar, mas eu tenho medo.” Nelinda

se lembra de outras histórias com essas cobras, e nos lembramos do que já ouvimos outras vezes: as cobras andam em duplas e, no caso de gente que faz algo de ruim para uma delas, é possível que a outra volte em sua defesa.

Seguimos observando as plantas do lado de cá da cerca, por onde passou a caninana: “Essa aqui é flor de maio, esse mês de maio a minha não deu flor, essa dá uma flor rosa.” Nos perguntamos se pela época das águas tão intensa e pela estiagem prolongada. Nelinda continua:

“Vinagreira, boa para questões do estômago. Vanuza pica a folha picadinha e põe na salada. Essa outra, muito espinhenta, é usada para fazer cerca viva, indo para São Paulo. Nunca dei nada por ela, mas no vaso fica linda. Ganhei uma galhinha pequena, desde o ano passado começou a sair flor, rosinha, caem umas e saem outras, não acabam. Vanuza pediu para eu tirar muda pra ela, tirei a galha para ver se pegava fácil. Escolhi uma que achei que não dava flor, para não tirar energia de dar raiz, mas a mudinha já deu flor. Eu até penso em tirar ela do vaso e colocar no chão, mas acho que no chão ela vai tomar conta, e ela é perigosa. Acho o quintal de Vanuza tão lindo, aquelas plantas enramadas pelo chão! Mas ela deixa as galinhas presas. Aqui eu não ponho no chão porque as galinhas quebram tudo. Essa plantinha de flores bem pequenas é amarela. Coloquei, no mesmo vaso, uma galha da flor vermelha, para sair num só vaso duas cores! Sempre gosto de fazer isso. Nesse outro vaso, vai sair amarela e rosa.”

Pergunto se, colocando as plantas para serem vizinhas de vaso, começam a se misturar as cores na mesma galha. Nelinda explica: “não, só mistura quando alguma abelha ou o mangangá vem fazer a polinização. Eu planto porque acho bonito, ver duas cores num mesmo vaso.”

Me apresentando o jardim, Nelinda apresenta também seus experimentos. Muitas plantas, ainda não conhecidas as condições de solo, água e sol desejadas, são plantadas em certo espaço e seu crescimento é observado. Se o crescimento não vai bem, a mesma planta ou novas mudas são replantadas em espaço que parece mais propício. Ela conta:

“Esse pau alto é de quando a gente tinha reunião da Cáritas, no Colégio Agrícola, CEFET. Tinha uma menina que fazia muda, enchia a caixa para mim, eu trazia para fazer plantio aqui no quintal. Esse pau eu achei bonito, a flor dele é amarela e também deve ser boa para o mangangá, plantei aqui e

foi para frente. Quem gosta de caçar veado observa onde tem essa planta, porque é onde o veado procura para comer a flor. Aqui não aparece veado, cachorro não deixa, muito perto de casa. Ali atrás é o angico branco, descendo é a mangueira, está toda florida, o pé de canela é lá perto, tem o pé de moringa, dois pés de mexerica, tamarindo, coquinho azedo...”

Nos plantios ao longo do tempo, Nelinda vai criando mundos nesse quintal. Como diz a antropóloga Camila Bevilaqua, “Jardins são paisagens que ajudam a pensar as relações entre humanos e plantas, uma vez que o desenho dos jardins e canteiros nunca é aleatório.” Ela dialoga com a também antropóloga Natasha Myers:

“O design dos jardins importa. Plantas certamente têm um controle tão forte das nossas vidas (pense em comida, combustível, forragem, fibras, farmacêuticos e mais) que é possível afirmar [como diz Myers] que ‘nós só somos porque elas são. Ainda assim, na relação de poder entre plantas e pessoas, os humanos continuam sendo os que elaboram o design: nós temos baldes, escavadeiras, concreto, vidro, metal, fertilizantes, pesticidas, testes de solo, estratificação do solo, técnicas de colheita, fome e desejos estéticos. Para mim, a pergunta etnográfica se torna: como as pessoas escolhem encenar suas relações com as plantas?’”⁸

Diferentemente da *natureza* organizada, regrada, intocada e a ser desembaraçada⁹, as espacialidades no quintal de Nelinda se formam em experimentos das relações criadas constantemente entre as plantas, a terra, a água, a seca, o vento e os bichos. Quando Nelinda conta, com frequência, sobre a polinização, ela também chama atenção para o fato de que não é só ela e suas ferramentas humanas que criam jardins.

Além de produzir jardim para si e para sua família, Nelinda me conta que nos intercâmbios de agricultura familiar aprendeu a cultivar para os bichos, que também ajudam na roça. “As flores amarelas são adoradas pelas abelhas mamangava”, e os jardins são maneira de convidá-las a estarem por ali. Elas também adoram as flores arroxeadas do maracujá, e são ótimas polinizadoras de muitas espécies de flores grandes, silvestres e cultivadas.¹⁰ Elas visitam as flores do ora-pro-nóbis antes mesmo de o sol nascer. Quando o dia clareia, as flores desabrocham e a oferta de alimento

8 BEVILAQUA, Cada apartamento uma oca, 2021.

9 PÁDUA, Aventura e predação, 2013.

10 SANTOS,; COSTA-NETO, A mamangava como polinizador do maracujá-amarelo na percepção dos moradores de Gameleira do Dida, Campo Formoso, Bahia, Brasil, 2012.

aumenta, muitas outras abelhinhas se juntam. “Mesmo muitos mosquitos, abelhas e avespas inçoavam sem assento, o barulhim deles zunia.”¹¹ A cada visita a uma flor, grãos de pólen se colam ao corpo e, na entrega a outras flores, ocorre a polinização. Sem a polinização, a maior parte das plantas cultivadas e silvestres não produz frutos nem sementes.

Por seu grande porte, algumas com cerca de 3,5cm, a mamangava consegue transportar significativa quantidade de pólen, mesmo visitando por pouco tempo cada flor e muitos jardins.¹² Mamangavas são abelhas que não vivem em colônias, chamadas *solitárias*, ainda que a mãe e as filhas possam viver juntas no ninho por algum tempo – cerca de 30 dias. Dentro do ninho, a larva se alimenta do néctar e pólen trazido pela abelha-mãe até crescer. Por serem grandes e robustas, elas conseguem voar grandes distâncias em busca de alimento (e, quem sabe, diversão e prazer?). A presença das mamangavas também convida pica-paus, que se alimentam das larvas nos ninhos.¹³ Nesta manhã, vemos um, cabeça bem vermelhinha, bicar o pé de mamão.

Nelinda continua a explicação:

“O mangangá, a gente chamava de besouro quando a gente não tinha o nome dele certo. É uma abelha, também chama mamangava. Ele dá em pau podre. A terra aqui não é queimada, é terra em que eles ficam. Terra em que põe fogo todo ano eles não ficam, eles gostam de pau e folha podre, para fazer as casinhas debaixo dos paus.”

Elas também são conhecidas como abelhas carpinteiras justamente por construir seus ninhos em árvores mortas, galhos e partes vegetais em decomposição, que escavam com suas fortes mandíbulas. O forrageamento é preferido nas horas mais amenas do dia, e, nas horas quentes, é melhor descansar nos ninhos. Nelinda explica como ajudam na roça:

“Ali tem uma planta que atrai ela, crotalária, pelo cheiro da planta e por serem amarelinhas, e elas ficam aqui na roça. Vão lá no ciúme, e em todos os plantios que faço, pegam o pólen, distribuem. Essa vinagreira, quando eu ganhei, era só verde e vermelha. Agora sai amarela e cor-de-rosa, pela polinização

11 ROSA, *Manuelzão e Miguilim*, [1964] 1990, p. 69.

12 MAMANGAVA-GIGANTE (*Xylocopa grisescens*) Polinizando e Nidificando, 2022.

13 FREITAS; SILVA; BEZERRA, *A história natural ilustrada de um polinizador*, 2017.

que elas fazem. Não tenho visto dela, mas no tempo da crotalária e dessas outras flores amarelas, as plantas ficam lotadas. É um besouro grande.”

Fico curiosa, e pergunto a Nelinda e aos textos que leio mais tarde: como as abelhas aprendem ou se interessam por buscar o amarelo? Como as plantas amarelas aprendem os melhores convites para as mamangavas? Quais são as comunicações estabelecidas entre elas? Como plantas e abelhas sentem os eventos e mudanças trazidos pela emergência climática?

Outro dia, nos gerais, vemos muitos pés de pequi já com flores e frutos, temporadas – época de começar os frutos é outubro. Gley me conta que os pequizeiros ficaram confusos com a chuva tão concentrada nas águas e com a seca forte pela qual passamos agora. Quem sabe tentariam garantir a continuidade da espécie, produzindo logo as sementes e mudas, ele propôs. O que as florações antecipadas podem representar, se pensamos nas polinizadoras companheiras dos pequis? Na consulta às produções acadêmicas e livros de história natural referenciados neste texto, encontro que as mamangavas são importantes polinizadoras de flores grandes porque seus corpos geralmente tocam diferentes partes da flor, incluindo os órgãos florais onde há o pólen, ao buscar o néctar – já com abelhas pequenas, isso raramente ocorre, dificultando a polinização. Certas flores, como a da castanheira, têm pétalas que bloqueiam a entrada e só a mamangava, com sua força, consegue entrar.¹⁴ Numa das descrições, leio que os machos buscam abundância de flores para ter mais chances de reproduzir, e que as abelhas trabalham, buscando as flores e o néctar, até não poderem mais voar e, então, morrem.¹⁵ Seria apenas isso? Buscar certo tipo flores, consumir néctar, reproduzir, trabalhar, trabalhar, trabalhar e morrer?

Carla Hustak e Natasha Myers, refletindo sobre encontros entre orquídeas e abelhas, nos convidam a pensar num caminho em que flor e abelha seriam mutuamente constituídas no *encontro*, em atos de polinização e comunicação. Para elas, não se trata de “fetichizar lógicas econômicas, mutações aleatórias que conduzem a mudanças geracionais e relatos funcionalistas de adaptação”, como tendem os evolucionistas, mas estar “alerta para as formas de vida transitórias e incertas que acontecem ‘agora’, e ‘agora’ e ‘agora’.”¹⁶ Elas se perguntam:

“E se a topologia dos encontros de insetos/orquídeas fosse condicionada não apenas por uma economia calculista que visa maximizar a aptidão física,

14 Ibidem.

15 Ibidem.

16 HUSTAK; MYERS, *Involuntary Momentum*, 2012, p. 97.

mas também por uma *ecologia afetiva* moldada pelo prazer, pelo jogo e por propostas experimentais?”¹⁷

Com essa questão, as autoras chamam nossa atenção para as *improvisações momentâneas* que podem nos ajudar a pensar como abelhas e plantas aprendem:

“Quando [observamos] as plantas, rapidamente compreendemos que os organismos podem aprender a sintonizar o seu corpo sensorial com o ritmo de improviso contínuo das diferenças que compõem o mundo. As plantas neste sentido são geradoras de diferenças; realizam constantemente experiências para improvisar novas formas de se articularem, registrar e inventar novas formas de fazer a diferença no mundo. A nossa leitura involucionista dos encontros planta-inseto germina assim uma ecologia afetiva, na qual os nichos ecológicos e os meios que contornam as lacunas entre os corpos estão repletos de energias, afetos e proposições. Um meio nesta formulação nunca é um espaço passivo ou vazio entre os corpos. No contexto das articulações planta/inseto, o ar paira pesado com significado.”¹⁸

Plantar para as abelhas e se envolver nos ritmos cotidianos de sua vida e da vida das plantas é também maneira de criar refúgio. Polinizadoras como as mamangavas têm suas populações reduzidas em todo mundo pela perda de lugar de morada, uso de agrotóxicos, espécies *introduzidas* e pela emergência climática. Além da redução de disponibilidade de água e alimento, as abelhas podem ter problemas para regular sua temperatura e desempenhar atividades como o voo. As abelhas solitárias como a mamangava sofrem mais com as alterações de temperatura do que as abelhas sociais, porque dependem mais da temperatura do ambiente para controlar sua temperatura corporal.¹⁹

Em visita ao Quilombo de Alegre, à montante do rio Peruaçu se descemos o São Francisco, me lembro de Luciana²⁰ apresentar uma árvore retinha, folhas que lembram

17 Ibidem, pp. 77-78. Grifos meus.

18 Ibidem, p. 105.

19 Felipe Farias Silva, em sua dissertação de mestrado, avalia o impacto da emergência climática e do aumento de temperatura para as mamangavas e outros polinizadores como essas abelhas de grande porte. (SILVA, Termorregulação da abelha mamangava de grande porte *Xylocopa frontalis* nos neotrópicos diante das mudanças climáticas, 2020.)

20 Nome fictício. Luciana é agricultora familiar, vende alimentos e mudas que produz na feira agroecológica de Januária, onde nos conhecemos. Também trabalha na Escola Municipal do Quilombo de Alegre como agente de limpeza, e se encarrega da horta, que me apresentou

a moringa, muito adotada para plantio nas calçadas em *áreas urbanizadas* de Januária por crescer rápido, reta e com sombra abundante: ninho, *a árvore inseticida*. Ela causa a morte de abelhas, vespas e outros insetos que vivem na vizinhança. Luciana ensina que suas folhas podem ser manipuladas para preparar um inseticida *natural*: basta bater algumas folhas da árvore com vinagre, água e detergente, e borrifar nas plantas com pragas, mistura é indicada principalmente para remover pulgões das plantas cultivadas.

Vale aprender com Nelinda e seu quintal a produzir espaços para a vida multiespécie, em sua jardinagem que produz belezas e alimentos ao mesmo tempo em que é “um serviço para a comunidade não humana”²¹. Para Natasha Myers, “participar da vida das plantas que experimentam o prazer da polinização” pode ser coisa simples que traz alegria.²² Aprendendo com Nelinda e com as relações que se estabelecem em sua roça, fica evidente que “o humano está sempre inscrito, formado e alimentado pelas plantas”²³, e podemos pensar com Myers e seu conceito de *planthropos*.

“A ideia não é que um domine o outro: é uma relação, e por isso eu privilegio os *planthropos* em vez dos *anthropos* como o agente, o coletivo que temos que considerar ao tomar nossas decisões sobre como nos movemos pelo mundo, como construímos nossas cidades, como interagimos com os territórios, com a nossa comida e com absolutamente todo o resto. Incluir as plantas nesse *planthropos* nos dá uma visão mais ampla sobre o que é realmente a humanidade, mas também sobre o impacto de nossas ações no mundo. Se tivéssemos um cúmplice, alguém que nos oxigena, um ser que nos dá o sopro da vida e simplesmente nos permite viver, como cuidaríamos dele? Como reconheceríamos e honraríamos essa relação?”²⁴

Nelinda me mostra uma das plantas mais vibrantes que cultiva por ali: “Estou querendo fazer muda do juazeiro, tenho essa de bola rosa. Já tirei galha desse vaso e plantei perto do pé de manga, não pegou.” Lembro de ouvir, outro dia, que água de batata ajuda a enraizar essas mudas. Pensamos se com o inhame, raiz forte, também não daria certo. Nelinda combina de trazer para o juazeiro a água que usar para lavar os inhames no almoço.

Inhame é raiz que adora água. Nelinda mostra contente a plantação, em meio a tantos outros cultivos: mandioca, alface, rúcula, coentro, cebolinha, repolho, pepino,

quando fui à escola na companhia de Aline e Elisângela para compartilhar o Temporão.

21 MYERS, O mundo já é incrivelmente encantado, 2021, p. 4.

22 Ibidem, p. 3.

23 Ibidem, p. 2.

24 Ibidem, p. 3.

banana. Essas folhas-coração, enormes, em verde-escuro, são vistosas e “ficam uma delícia cozidas com o arroz”, ela recomenda. Ciúme, água de melissa, pimenta da jamaica e carambola se misturam com os *canteiros econômicos* onde estão plantados os inhames. “Aqui é terra de gerais, é o seco, de pouco nutriente.” Por isso usam esses canteiros, que acumulam a água que as plantadoras trazem e o adubo e as plantas e bichos produzem.

“Naquela outra vez que você veio, nas águas, tinha muito inhame aqui, não era? Deu umas cabecinhas bem pequenas. Falei com eles: ‘vocês estão dando muito trabalho, e não estou vendo resultado.’ Tirei quase todas cabeças, estão debaixo do pé de manga, e vou levar para plantar no brejo. Lá que é lugar de inhame, ele dá umas cabeças enormes, de até 6kg um inhame. Agora plantei cebola. Para o almoço, temos só alguns pezinhos que restaram, e ainda vai nascer muito inhame, mudinhas que ficaram dentro da terra. Também vou arrancar e levar para o brejo. Como esse é um canteiro econômico, eu poderia colocar a mangueira no cano. No cano, a água vem de baixo pra cima e molha muito. Mas como é plantio de cebola, molho com a mangueira, cebola gosta de molhar por cima, para não ficar muito embrejada.”

Retiramos os pés de inhames disponíveis enquanto Nelinda continua a contar e nos ensinar sobre autonomia alimentar:

“Nos outros canteiros, coloco a mangueira no cano mesmo, deixo alguns minutos, enquanto colho as coisas para o almoço ou tiro algum mato. Conforme está com água na raiz, daqui a alguns dias, eu só dou uma molhada por cima, e as plantas não sentem sede. Aqui é couve-flor. Zé, toda vez que ia em Januária, queria comprar a couve-flor. Ela é cara, pensei que seria mais fácil eu comprar a semente e plantar aqui, porque rapidinho cresce e, quando dá, já temos que tirar, não pode ficar muitos dias. Aqui também tem pepino e pimentão, o coentro está cheio de flor, já na época de pegar a semente para fazer tempero. Com manjerona e alho, também dá pra fazer tempero, misturando com o coentro. Pode pôr em arroz, em feijão, em macarrão. A alface está para dar semente, já não vou tirar que a folha está dura. Tem couve manteiga, a folha é mais cinza, salsinha, tomate. O repolho está fofo, ainda vai crescer. Ali embaixo também tem maxixe, tem que colher quando está bem verdinho. Também colhemos sempre andando pelo mato, o gado gosta e onde tem gado, ele vai espalhando, no esterco. Picadinho de maxixe fica gostoso, raspo os espinhos, tiro o cabinho, corto e refogo com os temperos

na panela de pressão. Deixo 5 minutos na pressão, sem água, ele cozinha com a água que ele mesmo tem.”

Refletindo sobre a autonomia alimentar, Célia Xakriabá tensiona:

“Quando a gente fala da autonomia alimentar, pisar a terra parece uma coisa normal, mas as pessoas sempre pisam a terra com chinelo. Pensar a autonomia alimentar é para além de pensar o pisar o chão do território: é pensar em quem coloca a mão no chão do território. Para pensar a autonomia alimentar é preciso pensar o impacto das mudanças climáticas no semiárido, da plantação de eucalipto no Norte de Minas e em várias comunidades indígenas no Brasil que também enfrentam questões como a mineração. A perda de autonomia alimentar é o impacto maior para nossa cultura e identidade e principalmente nosso de comer. Sem autonomia alimentar, além de enfrentar o questionamento do outro, temos que enfrentar também o adoecimento da população.”²⁵

Entre os canteiros, há sem número de pequenas flores brancas formando esferas, no alto de folhas verdes e compridas de cebolinha. Rica já havia me contado que está na época de colher as cebolas, e que, quando dá a flor, é costume tirar o cambão, ou o talo ficará duro e difícil de restar. Assim como Nelinda, Rica faz as réstias das cebolas, para que durem de um ano até o outro. Ela limpa as cebolas, tira seus cabelinhos e usa a palha do buriti para fazer o trançado. Usam as cebolas vermelhas, brancas e amarelas. Rica me contou que está na horta desde cedo, com sua mãe. Mas tem coisa que se aprende é vivendo, nem precisa observar a pessoa, só a própria planta, ela disse. Ela me ensinou sobre o tempo da cebola: se planta no mês de abril, se colhe no mês de agosto. O sinal de que está na hora de colher é quando ela já tem cabeça, fica mole no pé e a folha cai.

A réstia das cebolas é uma das técnicas que as mulheres empreendem para garantir alimentos para a família ao longo de todo o ano. A produção nas hortas - *onde há água*, especialmente armazenada nas cisternas – é farta, e a diversidade alimentar é grande. Conheci apenas uma família que faz uso de agrotóxicos e grãos transgênicos, também a única em que o responsável pela horta e pela roça era o homem da casa. As mulheres me contam que a produção é para alimentar suas filhas, suas vizinhas, quem aparece com intenção de compra. A cada visita, me oferecem legumes para levar para

casa. É uma relação diferente com a terra, a água e os alimentos daquela de quem produz com objetivo único do lucro, como o agronegócio para exportação. Escuto que agora, na seca, há pouco alimento; então, se planta para elas e para os passarinhos. Há também estratégias para evitar que os pássaros comam a produção, como colocar lençol em volta das árvores para tentar proteger os frutos que virarão polpas.

Pergunto a Nelinda sobre os canteiros econômicos, e ela ensina como construí-los:

“Para fazer o canteiro econômico, primeiro tem que nivelar o chão, a gente mediu 40cm para baixo e cavou um caixotão, também nivelado – a mesma altura que der nessa ponta tem que dar na outra. Colocou uma lona, no meio um cano todo furado e, por cima do cano, algumas telhas para não deixar a terra tampar os buraquinhos. Também colocou telhas do mesmo tipo nas beiradas do caixote, essas não deixam a lona sair. Então colocou a terra, 10cm de terra, 10cm de folha, 10cm de esterco. Aprendi num curso da Cáritas, no Araçá. Em cada lugar, acontecia um curso. Aqui em casa foi feito o da polpa do imbu. Eu fui no curso, e depois, para construir o canteiro aqui, fui falando como era e o Zé fez. Mas não saiu muito bom, porque ele falava: ‘eu trabalho de pedreiro, eu sei como é nivelar a terra.’ No curso, aprendi que primeiro tem que nivelar a terra, depois fazer o buraco. Aqui, primeiro Zé fez o buraco e depois nivelou. O lado de cá tem um nível e o lado de lá tem outro. Como esse canteiro não está nivelado, no meio fica sem molhar. Se eu colocar a mangueira no cano, perto dele fica bem molhado, e o meio não fica. Diz que ele funciona por 10 anos sem precisar de manutenção, mas o meu já está chegando em 10 anos, foi feito em 2013, e ainda está funcionando bem.”

Quem sabe a professora para o mecanismo desses canteiros tenha sido a vazante. Durante a enchente, o rio alimenta a terra da vazante, e as humanas que ali plantam aproveitam esse processo para a roça, onde a terra se mantém úmida por longo período. Gley me conta que, mais abaixo, hoje, no rio São Francisco, as vazanteiras que seguem plantando têm muito trabalho para remover a poluição que chega com as águas:

“As pessoas vazanteiras cuidam do rio. Elas vivem no fluxo do rio – no fluxo da cheia, se choveu! Os rejeitos da barragem que rompeu lá em Brumadinho, em Córrego do Feijão, caíram no Rio São Francisco, aqui, na vazante. Na vazante que, quando o rio desce, a água está podre, está suja. Não só por causa desse empreendimento minerário, mas de um conjunto

de empreendimentos que mexem com a relação social e econômica daquelas comunidades. As pessoas vivem dessa vazante e agora não conseguem plantar, porque a terra está ruim. Mas elas continuam lá: cuidando da terra. E o rio chama para esse cuidado! Se, em algum nível, a gente mexe com quem é guardião do rio, o rio vai se voltar contra a gente, vai dar respostas.”

Nelinda também plantava na vazante mas, desde que as cisternas foram construídas próximas à casa, foi possível plantar no seco. Ela conta sobre os benefícios do canteiro:

“Se fosse outro canteiro, de tarde já tinha chupado essa água que jogamos agora de manhã. Como tem a lona, ela segura. Não preciso molhar todo dia, a terra fica úmida muitos dias. Se quiser molhar, só uma molhada rápida. Eu parei de plantar na vazante quando nós ganhamos o calçadão. Foi nessa época que aprendemos a fazer o canteiro econômico. Quando eu plantava na vazante, eu ia todo dia e via que a água tava secando, o Peruaçu já não tinha água lá para cima. Falei para Zé: ‘ano que vem não vou plantar horta aqui no brejo.’ Ele falou: ‘você tá doida? Não vai plantar aqui no brejo e vai plantar onde?’ Falei: ‘vou plantar no seco. Outras mulheres para cima do Peruaçu plantam horta em casa e molham com água do poço artesiano. Assim como elas usam água do poço, eu também posso usar.’ Pois deus foi tão bom que no mesmo ano veio o projeto da Cáritas de Januária com as cisternas.”

Na maioria das casas, cisternas nos recebem na entrada do terreiro. A *cisterna de placas* permite armazenar 16 mil litros de água, o que fornece água para uma família de 5 pessoas beber e cozinhar por até 8 meses.²⁶ Nelinda me explica que aquela água vem do telhado, nas águas, e é ela que se ocupa de pegar a água da chuva guardada na cisterna e encher os filtros de barro que servem para beber. Do abastecimento comunitário vem a água para outros usos domésticos. Trata-se da água vinda de um *poço artesiano* a alguns quilômetros da casa, que cada família (e criador de gado, de acordo com “o número de cabeças”, é como se referem aos bichos) paga uma taxa pela energia elétrica do sistema de bomba. As casas que não têm ou não usam as cisternas de placas bebem dessa água, água com gosto de calcário. A *cisterna calçadão* armazena 75 mil litros de água, é uma grande placa de concreto por onde a água da chuva escorre e depois é armazenada. Essa água é usada nos cultivos de Nelinda. Um

pouco de água para os cultivos também é *bombeada* do rio Peruaçu. Nas outras casas, se alternam esses mesmos usos e origens da água. Desde que o poço comunitário chegou ao Olhos d'água, no fim dos anos 1990, e às comunidades vizinhas e as casas passaram a ser abastecidas por elas, não é tão comum buscar água todos os dias no Peruaçu, a não ser as famílias que vivem em regiões mais distantes da estrada e dos poços comunitários. As mulheres eram responsáveis pela busca diária da água e, nos casos que conheço, continuam sendo as responsáveis pelo cuidado com as águas, seu tratamento e seu uso para cozinhar ou preparar bebidas.

Claudinha, para se apresentar ao nosso grupo de pesquisa do Temporão, faz também referência a uma das cisternas de sua casa, como se a convivência com a seca por meio do armazenamento da chuva e o manejo dos cultivos fosse parte de sua identidade – desde o acordar, se vive na relação com as árvores do Cerrado, com as plantas cultivadas e com a seca:

“Trouxe uma foto da horta do meu pai e da minha mãe. É uma horta orgânica no quintal de casa, eles cultivam banana, hortaliças, frutas, tem os pés de cajú que eu plantei! Temos uma cisterna telhadão, que armazena 75 mil litros de água. Foi um projeto da Cáritas, WWF, Banco do Brasil, outros parceiros... No período de chuva, chove bastante. A água da chuva escorre pelo telhadão, a cisterna armazena a água. Depois, meu pai e minha mãe colocam uma bombinha, tiram a água e molham a horta.”

Quando chego no Peruaçu na seca, as histórias do rio caudaloso que sempre me contam e o riacho com quem me encontro nas outras vindas, nas águas, são confrontados com a imagem de um leito seco em muitos trechos. Esse encontro angustiante me faz finalmente entender as expressões “quando o Peruaçu era vivo” e “quando o Peruaçu era Peruaçu” que eu vivia combatendo em pensamento, conceituando as múltiplas camadas do rio que vivem na memória, no subsolo, nos seres-rio e em tantas dimensões. Ver o leito do rio sem o rio é atordoante. Nesse contexto, a existência das cisternas possibilita a coleta e armazenamento da água da chuva para uso no período da estiagem e garante segurança hídrica para as famílias do semiárido quando o rio não está mais correndo. Sua construção no Vale do Peruaçu, a partir de 2013²⁷, foi ocasionada por articulações e propostas de organizações da sociedade civil desde a

27 CORREIA; GUEDES, Análise do desempenho das políticas públicas de fomento ao desenvolvimento local, social e econômico através da experiência das comunidades do Vale do Peruaçu atendidas pela Cáritas Diocesana de Januária, 2018.

década de 1990, especialmente por meio da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)²⁸. Essas propostas foram fortalecidas por políticas públicas implantadas durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, como o Programa Água para todos²⁹ e o Programa Um Milhão de Cisternas Rurais^{30,31}. A construção das cisternas foi acompanhada, como já nos contou Nelinda, por cursos e capacitações das moradoras, além das próprias cisterneiras que construíram as cisternas e multiplicaram as tecnologias. Os cursos de canteiros econômicos e de beneficiamento de frutos do Cerrado continuam tendo efeitos no dia-a-dia, na autonomia e na renda das mulheres com quem convivo. Elas plantam nesses canteiros, de onde vem grande parte do alimento que comem, e vendem e distribuem o excedente. Também produzem polpas com os frutos, que vendem para a Cooperativa, para vizinhas ou para clientes em Januária. Elas relatam dificuldades para escoar a produção, pela situação das estradas e pela inexistência de articulações com redes, pontos de vendas e enfraquecimento de políticas públicas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar para a merenda.

Voltando da horta, passando pelo pé de imbu, encontramos dois caminhos em concreto, em cima da terra batida, que circundam a cisterna de placas que guarda água de beber e levam à varanda. No caminho que encontra a torneira da cisterna, lê-se no chão, num dos tantos escritos no concreto que marcam datas importantes (como nascimento dos cachorros, construção de partes da casa, da pousada e da represa, instalação da nova internet), a data da construção da cisterna de placas e da fossa biodigestora: 04 10 2013. Um dos poucos canteiros de chão decora o entorno da cisterna, cercado por garrafas plásticas pintadas em amarelo, vermelho, azul e verde, alternados. Não há coleta de resíduos sólidos na região, se reutiliza o que é possível do material comprado na cidade, como as garrafas, e o que não pode ser

28 Acesse: <https://www.asabrasil.org.br/>

29 “É uma ação do governo federal coordenada pelo Ministério da Integração Nacional. Busca atender prioritariamente as populações de baixa renda em localidades rurais no semiárido brasileiro. O município de Januária foi beneficiado com 199 (cento e noventa e nove) kits de barraginhas com hortas e galinheiros nos seguintes distritos: São Joaquim, Várzea Bonita, Pandeiros, Riacho da Cruz, Tejuco, Brejo do Amparo, Levinópolis.” Olhos d’água é uma comunidade do distrito de Levinópolis. (JANUÁRIA. Lei complementar nº002/2014.)

30 “O ‘Programa de Formação e Mobilização Social para Convivência com o SemiÁrido: Um Milhão de Cisternas Rurais – P1MC’, é gerido pela Articulação do SemiÁrido – ASA, rede formada por aproximadamente 700 organizações da sociedade civil, vocacionada para água e questões sociais, surgida em 1999. O P1MC é uma parceria com o setor público e iniciativa privada para construir cisternas de placas, reservatórios que armazenam água de chuva formados por placas pré-moldadas, que recolhem água da chuva que escorre pelas calhas das casas. Em Januária a gestão é feita pela Cáritas Diocesana, agência da Igreja Católica.” (JANUÁRIA. Lei complementar nº002/2014.)

31 No Plano Municipal de Saneamento Básico de Januária, no “mapa municipal” cuja fonte é a Copasa, responsável pelo abastecimento de água e pelo esgotamento sanitário, não constam no mapa a comunidade Olhos d’água e muitas outras do Peruaçu. A última comunidade da região é o Janelão – também até onde vai a estrada do Parque Cavernas do Peruaçu. De acordo com o PMSB, o programa de instalação das cisternas na comunidade de Olhos d’água foi o “Água para Todos”. (JANUÁRIA. Lei complementar nº002/2014.)

reutilizado é queimado. São principalmente flores que lembram veludo em tons de rosa claro, médio, escuro, púrpura. Rosas, flores amarelas pequenas, brancas com folhas em sinos, hibiscos cor rosa escuro. Uma rosa do deserto, enxerto em que do mesmo tronco saem flores rosas vibrantes e outras branquinhas. Há algumas plantas espinhentas, Nelinda diz que gosta muito das espinhentas, pois *os bêbados* não tocam nas plantas espinhentas.

Ainda que as cisternas armazenem muita água, continuam havendo obstáculos ao acesso à água potável. Com a replicabilidade das soluções, sem consideração das singularidades de cada contexto, espaço e família, somam-se aos casos de êxito do uso das cisternas exemplos de seu abandono. Vi poucas cisternas calçadão que não são usadas, e as moradoras me contam que não são adequadas por serem de cimento, construção cujos abalos sísmicos frequentes na área implicam manutenções constantes. Também é de fundamental importância o cuidado com as estruturas para que as águas tenham qualidade adequada para as humanas, os bichos e as plantas.

A perfuração de poços tubulares e a instalação de cisternas são atividades regulamentadas pelo Instituto Mineiro de Gestão das Águas (IGAM). Contudo, ainda não existe cálculo de balanço hídrico³² que possa orientar as outorgas – vale lembrar que o balanço hídrico é a disponibilidade de água, o cálculo entre o *quanto chove e pode ser absorvido pela terra* – dependendo da existência ou não da vegetação nativa ou da floresta ter sido transformada em pastagem ou a terra estar impermeabilizada – e o *tanto de água retirada* pelos poços comunitários e outros usos como grandes fazendas do agronegócio, vegetação, plantações e o próprio escoamento.³³ Walter trabalha no IGAM com a vistoria de poços. Ele me explica que, para ele, a principal questão da seca de veredas e nascentes na região é justamente a ausência de balanço hídrico. Sem este cálculo, o IGAM autoriza os poços sem ter ideia das possibilidades do rio e da bacia hidrográfica se regenerarem e das nascentes se manterem; fora, é claro, a maioria dos poços serem feitos sem nenhum pedido de autorização. Ele explica que a água do subsolo também corre, e poços abertos há muitos quilômetros de distância impactam as nascentes de toda a região. Ele me conta de fazendas de gado e de cana de açúcar, usadas na produção de etanol, que, a cada dia, consomem mais água que toda a cidade de Montes Claros e seus 400 mil habitantes.

Como conta João de Oliveira, gestor do Parque Veredas do Peruaçu: “Em 1985, 1986, a nascente começou a secar. A cada ano que passava, a nascente descia um pouco. Começou com 200m, depois 500m, até chegar a 1km por ano. Hoje em dia não

32 O Plano de Manejo do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu calculou o balanço hídrico da bacia, considerando os valores de evapotranspiração das plantas e de recarga da chuva e estimou que a descarga média anual do rio Peruaçu é da ordem de 1,5 m³/s. Nessa conta, não estão inclusos os poços tubulares *irregulares*. Ou seja, o Peruaçu perderia ainda mais água. (IBAMA, *Plano de Manejo do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*, 2005.)

33 ANA, *A Questão da Água no Nordeste*, 2012, p. 101.

tem mais nascente, ninguém sabe onde é a nascente do rio Peruaçu.”³⁴ Certa vez, ouvi Ailton Krenak dizer que o Watu ficou cansado dos humanos e dos rejeitos lançados por eles e parou de correr na superfície; passou a correr por baixo das pedras e camadas da terra.³⁵ Será que o Peruaçu também se cansou?

Walter, junto de outras pesquisadoras, estuda o contexto das veredas que dão origem e recarregam o rio Peruaçu.³⁶ Como Marília resume, pesquisadoras³⁷ “levantaram a hipótese de que aquelas veredas sejam aquíferos suspensos, ou seja, uma espécie de nível freático local que se desconectou progressivamente do freático regional.”³⁸ Esse desligamento teria sido provocado pela seca intensa dos rios vizinhos Pandeiros e Cochá. A nascente do Peruaçu fica mais ou menos 50m mais alta que as nascentes dos outros rios da região, e por isso começou a secar antes dos demais, pelo rebaixamento do aquífero.³⁹

A seca de veredas também se relaciona a queimadas. Diferentemente das outras regiões de Cerrado, que resiste bem ao fogo, o incêndio nas veredas penetra no solo, atinge temperaturas muito altas, representa extensivos danos para o solo, as raízes e o estoque de sementes, e pode impedir a regeneração da área.⁴⁰ Nelinda relata que, depois dos grandes incêndios de 2014 e 2017, dos quais muita gente também me conta – buritis queimaram por oito meses debaixo da terra, veredas desapareceram -, o Peruaçu da Vargem Grande secou.

“Ficaram aquelas pocinhas d’água, o rio não secou de uma vez. Os mosquitos tomaram conta. Foi difícil uma casa que não tivesse alguém doente. Só via chegar gente aqui: ‘Me falaram que o inhame é bom pra curar dengue, lá em casa está todo mundo acamado.’ A gente ia, arrancava aquele montinho de inhame, dava para toda a família. Batia para fazer o suco, em 48h a pessoa melhorava. Sem atendimento médico, o tratamento do povo era isso. Até acabou meu inhame!”

- 34 Relato do gestor do Parque Estadual Veredas do Peruaçu, João Roberto Barbosa de Oliveira, registrado por Marília, em jan. 2020. Na década de 1990, foi criado o Parque Estadual Veredas do Peruaçu, mesmo momento em que se diminuíram os monocultivos de eucalipto e começou a regeneração do Cerrado. Mas em muitos lugares onde o rio Peruaçu corria, agora já não tem mais água correndo superficialmente; das 8 lagoas que existiam, só 2 continuam no parque. (SILVA, Nas margens do rio Peruaçu, 2021, p. 89.)
- 35 POLÍTICAS cósmicas, 2021.
- 36 NEVES; AUGUSTIN; OLIVEIRA; ARANHA, Dinâmica hidrogeomorfológica em bacia de drenagem de vereda, 2015.
- 37 AUGUSTIN; MELO; ARANHA, Aspectos geomorfológicos de veredas, 2009.
- 38 SILVA, Nas margens do Rio Peruaçu, 2021, p. 89.
- 39 NEVES; AUGUSTIN; OLIVEIRA; ARANHA, Dinâmica hidrogeomorfológica em bacia de drenagem de vereda, 2015.
- 40 MAILLARD; PEREIRA; SOUZA, Incêndios florestais em veredas, 2009, p. 323.

Ainda que pudesse ser nossa primeira reação demandar validação da Ciência sobre a eficácia do iname no tratamento da dengue, quem sabe possamos pensar com a antropóloga Natasha Myers: “O que precisamos fazer é tornar estranho o desencanto e o ceticismo que herdamos daqueles cujo poder foi assegurado em parte através de ciências concebidas para invalidar todas as outras formas de conhecer o mundo. Foram os colonizadores, claro, que se recusaram a acreditar nas reivindicações dos povos locais e indígenas de que as plantas podem cantar.”⁴¹

Retraçar o mapa da plantação de inhames de Nelinda, em que estão também a epidemia de dengue e as queimadas na Vargem Grande à montante – quem sabe ainda as guaribas mais sensíveis aos vírus e desaparecidas à jusante, onde mora Vanuza⁴², me faz pensar no Atlas Feral⁴³ de Anna Tsing e tantas companheiras. Se seguimos a *feralidade*, insere-se no mapa dos inhames a colonização do que chamamos Brasil, o tráfico de pessoas escravizadas desde os territórios africanos, e, como companheiro de viagens pelo Atlântico, o mosquito *Aedes aegyptii*. A antropóloga Paulla Ebron revisitou o tráfico de pessoas em seu verbete no *Atlas Feral*.⁴⁴ Como conta Tsing: “A experiência de ser transportada através do Atlântico – tão importante para as histórias humanas – foi igualmente importante para as histórias não humanas.” A autora nos lembra que muitas coisas acontecem ao mesmo tempo – o que pareceria óbvio, não fossem as narrativas do progresso nos ensinando que apenas a trajetória da ação humana que nos leva à *frente* importa. Tsing argumenta que muitos seres fazem história, assim como *nós*, por isso é importante prestar atenção às suas *temporalidades*. “Em muitos casos, mudamos juntos, humanos e não humanos, na mesma escala de tempo. Às vezes, sua historicidade muda tudo.”⁴⁵

Nesse caso, houve *domesticação* – para fins dos mosquitos *Aedes aegyptii* – que, vindos do Mediterrâneo e do norte do continente africano, passaram a viver em estreita colaboração com os humanos aprisionados nos navios. Ao encontrar outras populações de mosquitos em portos da África Ocidental, que carregavam o vírus da febre amarela, surgiu uma população mortal *nos navios*.⁴⁶ Como coloca Yama Chiodi,

“a expansão genocida do colonialismo europeu teve um efeito feral, não planejado, onde navios repletos de pessoas escravizadas se tornaram um ambiente de abundância de alimento para o mosquito, que acabou

41 MYERS, How to grow livable worlds, p. 57. Tradução minha.

42 Ver caminhada *mulungu do brejo*.

43 Acesse: <https://feralatlant.org>.

44 Consulte: <https://feralatlant.supdigital.org/poster/slave-ships-were-incubators-for-infectious-diseases>.

45 TSING, O Antropoceno mais que Humano, 2021, p. 186.

46 Ibidem.

transportado ao continente americano. As epidemias de dengue, febre amarela, zika e chikungunya que ocorrem no Brasil contemporâneo têm sua dívida com a colonização europeia e com o encontro inesperado de diferentes infraestruturas, humanos, não-humanos e paisagens transformadas por esses encontros.”⁴⁷

Aproxima-se o fim da manhã e Nelinda inicia o preparo dos inhames. Deve-se tirar a casca e cortá-los em tiras bem fininhas. Para que ele fique crocante, além de fritar em óleo quente, ela sugere lavar bastante e tirar a gosma. Guardamos a água da lavagem dos inhames e Nelinda continua os experimentos e observações em seu jardim, levando-a mais tarde para o juazeiro. Na varanda, em frente à cozinha, há uma cachoeira pintada. Água azul forma uma piscina ao lado de grandes pedras marrons, onde duas garças rosas e duas brancas se banham. Ela conta que o pintor da igreja evangélica, que fica em frente à sua casa em terreno doado por ela e Zé Torino, almoçava comida preparada por ela durante o serviço de pintura. Num dia, enquanto ela cozinhava, ele ofereceu para pintar uma paisagem, e ela escolheu a cachoeira que conheceu em Miravânia. Nelinda recebe muitas pessoas que vêm ao Olhos d’água para almoçar. É dessa varanda, onde comemos e descansamos, enquanto ela se ocupa de muitas atividades, que acontece a maior parte de nossas conversas.

As aprendizagens com as mulheres, de que participo e de que tenho notícias, se dão principalmente nos espaços do cotidiano, nas pequenas visitas ao quintal, à horta, à roça, ao mato. Mais de uma vez, ouço alguma companheira dizer a outras mulheres, com entusiasmo e surpresa, que me interessei por certa atividade como a queima de biscoitos, o trançar das cebolas, o aguar das hortas. Contam que fiz companhia, observei, *até pedi para tirar foto*. Minha percepção é de que tais atividades corriqueiras são tratadas como banais, insignificantes, como se todas devessem saber fazer, como se fossem obrigação. Nas primeiras vezes em que pedi para acompanhá-las, ouvi “Mas vou só ali no quintal”, ou “Aqui na horta está uma bagunça”. Se as visitas ao quintal não parecem eventos justificáveis de atenção, talvez seja porque nos acostumamos com histórias emocionantes, histórias do herói, histórias do caçador. Mas como já nos ensinou Ursula K. Le Guin,

“O que nós realmente fizemos para permanecer vivos e saudáveis foi coletar sementes, raízes, botos, botões, folhas, nozes, frutos, frutas e grãos, além de insetos e moluscos e pássaros, peixes, ratos, coelhos e outros pequenos animais que provêm proteína e podem ser capturados com redes ou

armadilhas simples.”⁴⁸ Dessa maneira, propondo a *garrafa como herói*, a partir das teorias de que o primeiro dispositivo cultural foi um recipiente para guardar alimentos, bebês e o que mais fosse preciso transportar, Le Guin nos conta histórias vitais, “de como arranquei uma semente de aveia selvagem da casca, e depois mais uma, e mais outra e depois mais uma, e então cocei minhas picadas de mosquito, e ouvi minha filha dizer algo engraçado, e de como fomos ao riacho, bebemos um pouco de água e observamos as salamandras por um tempo, até eu encontrar outro campo de cereais”.⁴⁹

Ela continua:

“Sou uma mulher que está envelhecendo, com raiva, segurando com força a minha cesta, lutando contra bandidos. No entanto, assim como ninguém, eu não me considero heroica por fazê-lo. É apenas uma daquelas malditas coisas que você tem que fazer para seguir sendo capaz de colher grãos de cereais e contar histórias.”⁵⁰

As histórias dessas mulheres que *são colocadas* como não dignas de serem contadas são histórias das ciências do rio. As ciências do rio Peruaçu estão não somente em seus barrancos, margens e leito; mas também nas cozinhas, cisternas, filtros, hortas e onde mais as mulheres vão em seu trabalho cotidiano com a terra, as plantas, as águas, a saúde da família e da vizinhança.

É na mesa de refeições que Nelinda pede às visitantes que assinem o *Livro de Visitas*. Me deparo com a assinatura de Raul, um amigo querido que não vejo há alguns anos. Animada com o encontro no livro, pergunto se ela o conheceu, quais notícias ele trouxe, quanto tempo ficara. Nelinda não se lembra bem dele. Conta que, mesmo não gostando de cozinhar, fica na cozinha, preparando o almoço, as petas e bolos para a família e para as visitas; é Zé quem desce para o brejo, conta sobre os experimentos com os olhos d’água, a vazante, o extrativismo e as hortas. São as fotos de Zé Torino, *o plantador de água*, que ela recebe em seu celular, e que são publicadas nas revistas, mídias sociais, dissertações.

O relato de Nelinda faz pensar em Creuza Krahô contando sobre seus desafios para estudar, sendo mulher indígena, e os impulsos para pesquisar com as mulheres:

48 LE GUIN, A ficção como cesta, 1986, p. 1.

49 Ibidem, p. 1.

50 Ibidem, p. 4.

“Todos os antropólogos que vão aos Krahô só pesquisam os homens. Eles não pesquisam as mulheres. A mulher fica de lado, sempre lá para os fundos da casa. Eles não chamam as mulheres para pesquisar. Fiquei observando isso desde quando meu marido era vivo e eu me perguntava: por que os antropólogos vão à aldeia e só pesquisam os homens? Só andam com os homens? Os mensageiros da aldeia são os homens, para dar notícia, para distribuir. Mas é falsidade os homens explicarem tudo porque não sabem tudo. As mulheres sabem muitas coisas, passam o dia inteiro fazendo enfeite para os caçadores, porque eles não podem andar sem enfeite. Se andarem sem enfeite, não matam nada. Aprendemos assim: sabemos fazer desenho no corpo, pintar, cortar o cabelo do jeito Krahô... Só quem corta o cabelo das pessoas é a mulher mais velha que não menstrua mais, uma mulher nova não pode cortar o cabelo de ninguém. A gente tem que participar só olhando mesmo, olhando muito como corta, como arranca, porque o cabelo é arrancado um por um. Mas, mesmo assim, os homens são os mensageiros para levar as mensagens do trabalho das mulheres para os antropólogos e devolver de novo para as mulheres. Ao pesquisar, vi que a maioria das coisas não é do jeito que estão registradas, porque são as mulheres que fazem e os homens que contam. Mal acredito que tinha tanta coisa guardada com as mulheres mais velhas! Nunca saiu nada das histórias das mulheres Krahô, de como faziam as coisas, nenhum livro conta a mulher Krahô. Nenhum. O antropólogo pode ser mulher, pode ser homem, o que for, vai pesquisar os Krahô e só procura os homens.”⁵¹

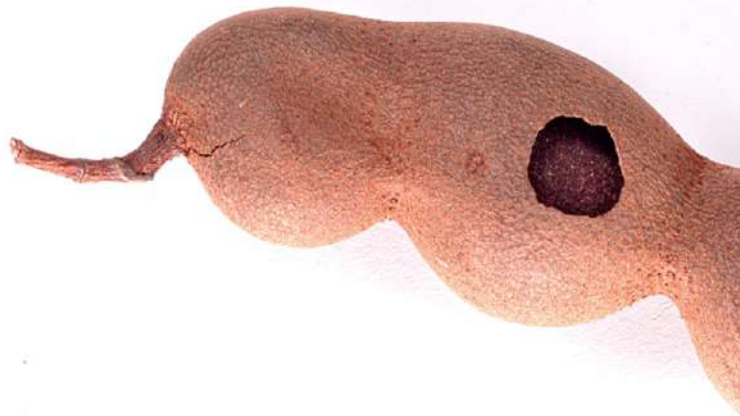
Na minha primeira estadia no Peruaçu, percebo como as relações de gênero são marcadas, de modo incômodo ao meu corpo. No retorno à casa e à organização dos materiais, encontro apenas registros de vozes masculinas, apenas os homens tinham tempo para *sair para pesquisar*. Penso em como escrever os textos com as mulheres, companhias com quem me senti mais à vontade, com quem passei mais tempo, criei mais vínculos, me lembro com mais clareza das aprendizagens trocadas. A angústia é imensa.

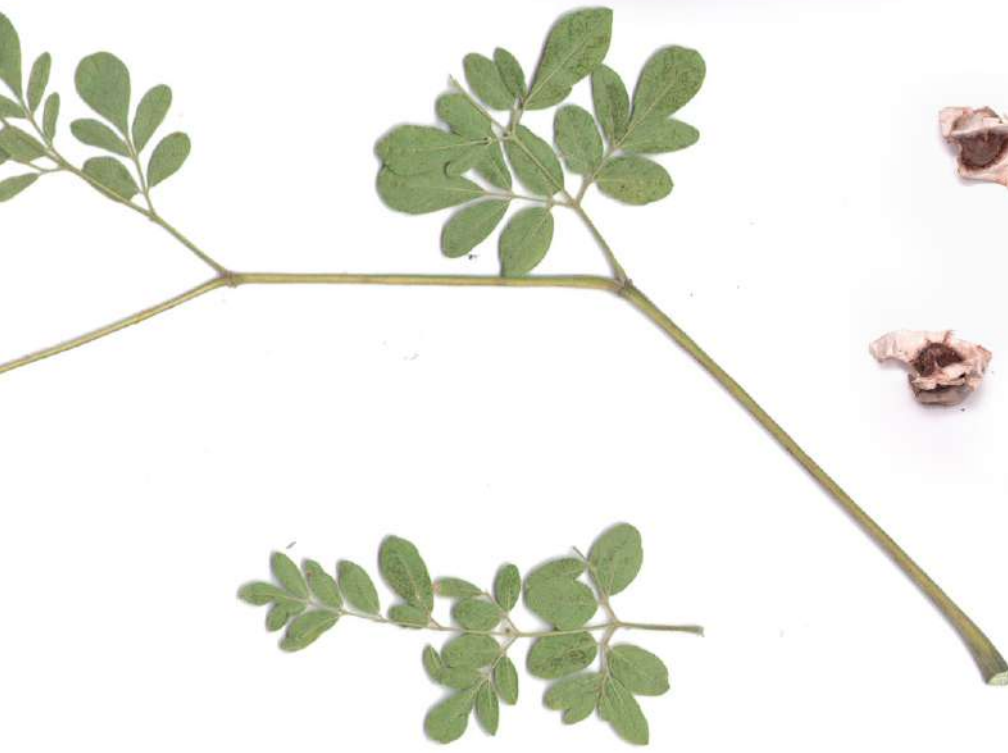
Preciso voltar ao Peruaçu para escrever com as mulheres.

Percorro de novo a estrada, chego na seca, textos esboçados a partir do que vivemos nas águas e conversamos a distância nos meses anteriores. Me preparo para acompanhá-las nas atividades cotidianas, em volta da casa, nos quintais, nas cozinhas. Ainda assim, somos interrompidas por vozes e corpos masculinos, muitas vezes violentos, que gritam demandas, sujeições e normas, para essas mulheres e para mim. Conto para elas que escrevo textos caminantes, *sobre nossas caminhadas*, e elas se mobilizam para que façamos outros passeios. Agradeço muito por todos os momentos

com essas incríveis mulheres e tudo que elas me ensinam e oferecem, pelo tanto que me acolhem. Se organizam para matar frango para as visitas mais cedo, ou banhar a tia do esposo mais tarde. Ainda assim, é difícil conseguir tempo para estarmos juntas para caminhar, mesmo que elas desejem, digam que estão com saudade de caminhar no mato, de visitar as amigas, de conhecer outros lugares. São muitos os afazeres domésticos e as cobranças para que estejam em casa. Vem à mente a música *Maria Moita*, que canta Nara Leão:

Deus fez primeiro o homem
A mulher nasceu depois
Por isso é que a mulher
Trabalha sempre pelos dois
Homem acaba de chegar, tá com fome
A mulher tem que olhar pelo homem
E é deitada, em pé, mulher tem é que trabalhar
O rico acorda tarde, já começa resmungar
O pobre acorda cedo, já começa trabalhar
Vou pedir ao meu Babalorixá
Pra fazer uma oração pra Xangô
Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou





Joana de barro

Nos encontramos no brejo de Vanuza, pequena plantação na vazante, o rio Peruaçu faz poça grande, escutamos o vento tocar música nos bambus. Hoje é dia especial, dia de passeio das mulheres pelo mato. Vanuza repetiu quando nos reencontramos: “Que saudade eu estou de andar pelo mato!” Ela e Nelinda adiantaram seus afazeres e responsabilidades – com almoço, casa, banho de tia, plantas, quintal, roça, tratar a água – desde ontem, e hoje aqui estamos, juntas, para caminhar pelo mato.

Vanuza chama para seguir o passeio e minha surpresa é grande quando percebo que o caminho é o rio. Tiramos as botas, chinelos e sapatos. Vanuza nos indica pequenas bolinhas em inimagináveis tons de rosa e branco, bem coladas aos troncos vizinhos ao rio: são ovos das libélulas. Aprender a língua das libélulas é saber que elas nos contam até onde irá a enchente. Observo os ovinhos brancos, postos mais altos nas árvores. Quando o rio já está baixando, os ovinhos novos, mais rosados, se aproximam da terra. Vanuza, que planta na vazante, observa os movimentos dos ovos e do rio, e eles indicam o momento de refazer sua horta depois do tempo das águas. Em outra ocasião, Zé Torino já me mostrou ovinhos parecidos, ovos de aruá, caramujos do brejo. Também indicam o nível da água: quanto mais altos nas plantas brejeiras, mais vem chuva naquele ano.

Enquanto os seres-rio nos ensinam a observar a chuva para ocupar os espaços, Homens de negócio observam o sol para gerar grandes lucros. Durante o almoço, tem chegado oferta de instalação de pequena usina de energia solar nos terrenos da vizinhança, que pagaria mensalmente certa quantia a cada família por *aluguel da terra* onde haja bom sol. Quem traz a oferta são jovens da região, que trabalham com grande fazendeiro no desenvolvimento de sistemas tecnológicos para irrigação das plantações de capim. Eles já me mostraram também bomba que aproveita toda a água do rio e contaram sobre a vontade de torná-la política pública com produção de baixo custo para irrigação das hortas onde as cisternas calçadão não funcionam. Mariana Traldi, pensando sobre as usinas de energia eólica também em terras de pequenas produtoras rurais, propõe que os contratos de arrendamento são “instrumentos de despossessão de um bem público”.¹ O que poderia ser geração distribuída de energia e

* Sugiro a leitura da dissertação em sua diagramação original, clicando [neste link](#).

** Desejos de caminhada com Vanuza e Nelinda têm sido alimentados em nossas conversas na varanda de Vanuza, antes e depois do almoço, onde trabalhamos com o barro, e em breve caminhada que fizemos as três ao brejo de Vanuza. Os relatos deste texto vêm de: caminhada guiada pela serra no entorno da casa de Vanuza, guiada por Luiz, seu sobrinho, e Genilson, seu filho, na companhia de Nelinda, em agosto de 2022; caminhada feita por Gley do Olhos d’água até a Onça, em agosto de 2022; caminhada pelo rio Peruaçu feita com Vanuza, Luiz, Genilson e Aline, em março de 2022; visitas a Benita com Gley e Karla para seleção de peças

melhoria infraestrutural em região desatendida por serviços públicos parece ser mais uma forma de acumulação de capital.

Saio do rio e sigo o rastro dos tons de rosa, ver até onde vão. Acompanham o rio. Um barulho nas folhas secas me assusta, cheiro é de podre. Volto para perto de minhas companheiras. Vanuza vai ver, percebe uma pegada felina fresca na terra, 5 almofadinhas. Ela diz que as onças sentem seu cheiro, sabem que ela está e vão-se embora, ali é *território dela*. Penso no cheiro de Maria-Maria:

“Ã-hã. Maria-Maria é bonita, mecê devia de ver! Bonita mais do que alguma mulher. Ela cheira à flor de pau-d’alho na chuva. Ela não é grande demais não. É cangussú, cabeçudinha, afora as pintas ela é amarela clara, clara. Tempo da seca, elas inda tão mais claras. Pele que brilha, macia, macia. Pintas que nenhuma não é preta mesmo preta, não: vermelho escuro escuro-nas, assim ruivo roxeadado. Tem de tudo. Mecê já comparou as pintas e argolas delas? Ce conta, pra ver: varêia tanto, que duas mesmo iguais ce não acha, não... Maria-Maria tem montão de pinta miúda, cara mascarada, pequetita, bonita, toda sarapintada, assim, assim. Uma pintinha em cada canto da boca, outra atrás das orelhinhas... Dentro das orêlhas, é branquilha, algodão espuxado. Barriga também.”²

Vemos um ninho de Joana de Barro. Vanuza explica que todo ano a chuva tende a vir mais de um lado, o lado do vento mais forte. As Joanas de Barro são ótimas construtoras, que observam tais movimentos e edificam em galhos fortes, com a boca das casinhas contrária ao vento e à chuva dominantes. Vanuza também conta que, quando a Joana de Barro encontra nova dupla, o João de Barro a convence a fechar a casinha e, quando a porta está quase tapada, ele a tranca para que ela morra lá dentro. Reescuto essa história em outros contextos, de alguns homens com quem me encontro. Por que a maioria das histórias que escuto com personagens Joanas, Marias, Helenas são histórias de violência e opressão?

Penso em tantos outros momentos, homens que sabem das coisas e não nos deixam falar, gritam instruções a se fazer pela casa, pelo terreiro, pela horta. Ameaças, violência em casa, danças indesejadas, medo de estar só, proibições de estar só, proibições de estar acompanhada, proibições de trabalhar fora. Penso no que as mulheres aprendem (e repetem para mim) num dos únicos espaços onde se encontram (e quem

para o Centro de artesanato e oficina com as oleiras do Candeal e jovens da Escola Estadual do Candeal realizada no contexto do compartilhamento do Temporão em março de 2022.

1 GIMENES, Nem limpa, nem sustentável, 2022.

2 ROSA, Meu tio o iauaretê, pp. 138 -139.

sabe encontram apoio), as Igrejas: *cada uma recebe a cruz que consegue carregar*. O que posso dizer para essas mulheres que acompanho? O que posso dizer para esses homens que nos amedrontam e violam? De que adianta escrever essas letrinhas, que parecem banalizar as ações de violências ao falar delas como um conjunto semelhante? Como pensar as leis, as políticas que aqui não chegam?

Andar pelo barro é muito difícil para mim. Escorrego e me desequilibro. Vanuza e Nelinda riem do meu desengonço. Elas ensinam a pisar onde outra já pisou, assim sabemos que não tem bicho ou algo que possa machucar o pé, que é lugar estável. Também ensinam a abrir bem os dedos para pisar firmemente. Vanuza nos aponta um barranco, bom lugar para tirar barro. Não tão bom quanto aquele barro que vem da Onça, onde se fabricava painéis, telhas, adobes para a região. Hoje já não há ninguém na Onça que sabe fazer telhas e adobes. Me lembro de disciplina dos Saberes Tradicionais na UFMG que construiu uma casa Xakriabá no jardim da Faculdade de Educação. Célia Xakriabá conta que um estudante de Arquitetura e Urbanismo quis propor um técnica para que as casas durassem a vida toda.

“Libertina, uma das mestras, respondeu: ‘Não, meu filho, essa proposta sua é muito perigosa, porque a casa, ela precisa se desfazer entre quatro e seis anos para que eu possa continuar ensinando para meus filhos e para meus netos! Se a casa durar a vida toda, coloca em risco o ensinamento, a transmissão deste conhecimento’.”³

Gley veio me fazer companhia nesta temporada no Vale do Peruaçu, e fez caminhada até a Onça, intrigado pelo fim das atividades com o barro ali. Ele também aprende caminhando. Gley me contou o que aprendeu sobre os tempos de retirada do barro em uma tarde de encontro com as oleiras antigas da Onça e o barro:

“Dona Santa me falou que agora, agosto e setembro, é o tempo do broto. Tanto para as plantas, por isso é bom podá-las, quanto para o barro. O broto do barro é como se fossem fiapos na terra. Agosto e setembro é a parte mais seca do ano, o frio está acabando e vai começar o calor. Agosto é mês dos ventos, o vento está mudando e trazendo a chuva. O barro expande, cresce, para pegar a água que vai chegar. Na época da chuva você não tira o barro, porque ele está com excesso de água. Na época do broto você não tira também. Se você faz o trabalho de cerâmica com esse barro expandido, ele

racha. Quando você pegar um pote e observar desenhos como raízes, é porque o barro foi tirado na época errada, na época do broto. Além disso, não dá pra fazer pote na época do vento porque, enquanto seca, o barro racha. Fico me perguntando: Quanto tempo a gente, enquanto povo, está analisando o barro? São saberes ancestrais desse território de barro, onde as ciências estão espalhadas. Quando as senhoras da Onça mexeram no barro, viram que ele estava diferente. Uma perguntou para a outra: ‘Que barro é esse? Ele estava na natureza?’ Achei tão lindo quando Dona Santa perguntou isso. ‘Esse barro estava na natureza?’ Alguém falou que ele foi retirado no mês de abril, no Lambedor, ali na Onça. As meninas falaram: ‘É por isso. Tem que deixar esse barro um dia na água.’ Você tira o barro, o coloca num saco plástico, ele já não está junto com os seus vizinhos. Para ele ganhar vida de novo, tem que deixá-lo na água.”

Eu conheci a Onça com Nelinda, Zé, Val e Claudinha, quando voltávamos da cachoeira de Miravânia. Nelinda mostrou onde se tira o barro, e contou que ali havia grande lagoa, que secou. Pensar na lagoa seca e nos mais de quinze anos em que as oleiras da Onça não se reuniram para trabalhar com o barro, me lembra de que as oleiras do Candeal também têm encontrado grande dificuldade para conseguir o barro, respeitar as ciências do tempo de sua retirada. O lugar mais próximo à comunidade da Olaria e do Candeal, no Cônego Marinho, com barro bom, está com o acesso impedido. Nilda conta:

“Para tirar o barro onde temos permissão, a gente precisa passar em terra de outra pessoa, e essa pessoa não permite que a gente passe por dentro da sua terra. Então, a gente procura tirar o barro na seca, porque geralmente a passagem seca, o leito do riacho fica sem água e a gente aproveita pra pegar o barro nesse tempo. A gente pega em baldes, baldes de mão. É longe. Dá para ver a persistência nossa por aí, porque se você ver a distância para pegar o barro que nós pegamos, não é brincadeira, não.”⁴

Socorro completa, contando sobre a diferença no clima:

“Antigamente, seis meses chovia e ficava seis meses sem chover. No tempo das águas, a gente ia para o brejo, plantava arroz, feijão, mandioca, milho. No tempo que entrava a seca, minha madrinha produzia as peças e queimava no forno.”⁵

Refletir sobre o direito do acesso ao território para manter o conhecimento transmitido ali me faz pensar no Museu da Costa do Dendê, “um museu dinâmico que vai desde as plantas cultivadas até plantas que não podemos trazer da mata para um cercado.” Taata Sobodê conta que

“Certas plantas têm que ficar na mata porque elas têm uma função dentro daquele território, não se pode simplesmente reproduzi-las em outro espaço. É aí que vem o direito ao acesso ao território, para que se possa coletar e manejar aquelas plantas. A mata é o santuário. É o espaço da memória biocultural. Muitas vezes, essa não compreensão tem choques gigantescos, com as cercas construídas por fazendeiros e até com o próprio Estado, com políticas públicas que não compreendem que o acesso é necessário para manter o legado e o conhecimento passado ali. O conhecimento da língua, dos ensinamentos – o que a gente chama de fundamento. Tem um fundamento resguardado em cada espaço ritualizado. Se um espaço é ritualizado, a gente sempre tem que retornar àquele espaço para manter o uso vivo. Isso está nos rios, em alguma planta sagrada, antiga – como a gameleira branca, os dendezeiros –, nesse território de encontro do mar com as águas doces. Esse território envolve as complexidades, os conhecimentos e os saberes que estão ali resguardados nas nossas práticas milenares.”⁶

Depois de tirar o barro, para produzir seu artesanato, Vanuza faz um longo processo de limpeza para remover pedras e deixar o barro trabalhável. É um processo que ela mesma criou e que as oleiras do Candeal querem aprender. Nos ensinar demandaria tarde inteira, fica para a próxima. Paramos para descansar e sentir a textura do barro. Vanuza nos dá algumas dicas de como trabalhar e começamos a brincar, moldando duas peças que logo viram cestos. Quem sabe Célia Xakriabá nos diria:

5 Ibidem.

6 ESCOLAS da Terra, Aula Online 04 - Escola dos terreiros e tambores, 2021.

“A cerâmica e o artesanato de barro carregam significados que vão muito além do objeto que é produzido, trazendo consigo habilidades e gestos peculiares que moldam um pote ou uma panela. Muito mais do que produtos em si, esses objetos possuem uma imaterialidade, uma subjetividade que carrega valores simbólicos. Cada peça de barro produzida carrega parte do território, não apenas como lugar de morada do corpo, mas também no que se reapresenta como lugar sagrado de morada da alma.”⁷

Os saberes do barro estão presentes em diferentes regiões nas proximidades do rio Peruaçu. Além da produção na Onça, no Janelão e no Candeal, há a cerâmica Xakriabá. Nos sítios arqueológicos nas cavernas do rio foram encontrados potes e outros objetos de diferentes épocas.⁸ Layane contou que as oleiras do Candeal se surpreenderam ao reconhecer nas pinturas do Peruaçu a mesma identidade que pintam em sua cerâmica com o toá, e Gley me ensina que os potes de água feitos há décadas na Onça têm forma parecida daqueles feitos hoje no Candeal e daqueles encontrados no Vale do Peruaçu⁹. Célia Xakriabá nos apresenta a noção de *corpo-território* e suas múltiplas narrativas e escutas das plantas, das mais velhas, do barro, da lua. Ela conta:

“A cerâmica Xakriabá por muito tempo foi a guardiã das pinturas corporais. Depois que tivemos acesso ao Parque Nacional do Peruaçu, conferimos também esses elementos que nos conectam com as mesmas marcas que temos aqui dentro [do Território Indígena]. [...] Antes de aprender a escrever, a pintura corporal é um jeito de território também, porque a gente acaba transitando. Os elementos das pinturas têm elementos do território. As pinturas corporais às vezes parecem com as marcas de cobra, por exemplo, ou com as marcas de algum besouro. Por um período longo, o povo Xakriabá deixou de usar as pinturas corporais por conta dos conflitos pela terra. A pintura não estava presente no corpo, mas continuou sendo feita na cerâmica e em algumas casas também, e assim guardamos grande parte dessa memória.”¹⁰ [...] “Uma coisa que veio à cabeça é que quando as pessoas compram ou levam a cerâmica, elas estão levando um pedaço do território Xakriabá. E não é um pedaço objeto, é um pedaço sujeito, porque tem uma subjetividade. A

7 XAKRIABÁ, Célia, Amansar o giz, 2020.

8 Ver, por exemplo, os artigos finais da revista da revista Arquivos do Museu de História Natural da UFMG, dedicada à arqueologia do Vale do Peruaçu.

9 Ver, por exemplo, CARVALHO, Análise da morfologia, do uso e do gestual de fabricação da cerâmica no vale do rio Peruaçu, 2009.

10 XAKRIABÁ, Célia, Corpo-território, 2020, p. 86.

cerâmica não é apenas objeto, são elementos que realmente nos conectam com o território Xakriabá.”¹¹

Célia é professora de cultura, e muito mais, e conta sobre sua aprendizagem com o também professor Nei Xakriabá:

“Ele não apenas dava aula, ele retomava a importância mesmo do fazer cerâmica, de ter a cerâmica não apenas como vasilha, mas como identidade na nossa casa. [...] Quando a cerâmica no outro dia amanhecia rachada na hora de dar o brilho, a gente ficava triste e Nei falava: ‘Não importa, tem mais barro, vamos fazer’. E foi aí que comecei a refletir que o mais importante não é a peça durar a vida inteira, mas o fato dela quebrar e a gente continuar fazendo. É aí que o processo de transmissão do conhecimento não morre.”¹²

Nei Xakriabá também nos conta:

“Quando me tornei professor de arte na escola indígena, resolvi escutar os mais velhos da comunidade. Para saber sobre a cerâmica Xakriabá, procurei minha mãe. Ela me contou que aprendeu imitando uma tia e começou, assim, a produzir os próprios brinquedos de argila. A tia não ensinou, minha mãe a viu fazendo, de longe, e achou incríveis os seus bichos de barro. As crianças, desde muito cedo, aprendem brincando com barro, lambuzando-se na terra, vadiando com a terra, aprendendo que a terra é a nossa mãe. Aprendem a respeitar os ciclos da natureza, o tempo da lua, o tempo da chuva, o período do broto. Percebem que quando a terra está brotando, o barro fica mais fraco e as peças de cerâmica acabam rachando. É desse modo que vão aprendendo, pouco a pouco, a valorizar e a respeitar a natureza. Esperamos a lua certa para poder tirar o barro. As mulheres, quando estão no ciclo menstrual, não devem pegar no barro. Nos três ou quatro meses após o parto, também ficam impedidas de lidar com o barro. Já apareceram lojistas na nossa aldeia pedindo a produção urgente de peças, querendo tudo no tempo deles, sem conhecer ou considerar o tempo do barro, o tempo que compreendemos, respeitamos e que vem desde os nossos antepassados. [...] Entre nós havia o costume de presentear os noivos, em seus casamentos, com objetos

11 Ibidem, p. 85.

12 Ibidem, pp. 84-85.

artesanais de cerâmica. Uma das estratégias de retomada da cerâmica foi transferir a nossa pintura corporal para os objetos de cerâmica, usando figuras de animais do cerrado como tampa para asoringas que seriam apresentadas. Asoringas que os nossos mais velhos faziam tinham tampas mais simples, mas como eu tinha um vínculo familiar com esses animais, resolvi colocá-los como tampa. Fizoringas de jacus, tatus bolinha, gaviões e onças. A onça, por exemplo, é um animal importante para a cultura Xakriabá. A Iaiá Cabocla, uma onça encantada, é nossa protetora. Os pajés se comunicam com ela. [...] Os mais velhos recomendavam que fizéssemos a queima a céu aberto no meio da mata, afastados de outras pessoas, porque ali ventava menos. Diziam também que o isolamento evitava o que conhecemos como ‘olho ruim’: se certo alguém chega enquanto fazemos a queima, ela pode não dar certo só porque aquela pessoa chegou e olhou para a fornada. [...] Certa vez vieram as mulheres artesãs do Candeal, uma comunidade vizinha do território Xakriabá. Elas saíram do nosso território tempos atrás, para morar no município de Cônego Marinho, mas mantiveram a tradição da cerâmica em sua comunidade. Fizemos esse intercâmbio porque elas tinham parentes aqui no território, eram de uma família que tinha saído da comunidade Xakriabá. Tudo isso tem contribuído para as retomadas das práticas tradicionais: aprender com os nossos mais velhos, fazer oficinas e cursos e trazer conhecimentos que juntamos e elaboramos em novas práticas.”¹³

Célia Xakriabá continua a nos explicar sobre as aprendizagens com o barro:

“Na história de nosso povo, o período de aprendizado do barro representa um período em que não existia a presença da instituição escola, mas em que já existia a educação indígena, transmitida pelo entoar da palavra, na oralidade. Portanto, não havia escrita, mas havia memória. Foram conhecimentos adquiridos e experiências vividas por muitas gerações, passadas dos mais velhos para os mais novos, importantes desde o tempo dos antigos até os dias de hoje na preservação das tradições e na construção da identidade de cada Xakriabá que chega.”¹⁴ “Nem dá para separar essa relação com o território e com as pessoas mais velhas. O mesmo respeito que tenho com o território, tenho com as pessoas mais velhas, quase uma só totalidade.”¹⁵

13 XAKRIABÁ, Nei, Ensinar sem ensinar, 2021.

14 XAKRIABÁ, Célia, Amansar o giz, 2020.

15 XAKRIABÁ, Célia, Corpo-território, 2020, p. 83.

Ainda que as tradições venham sofrendo gravemente com a violência imperial, elas não desapareceram e não ficaram no passado; permanecem criando mundos que são obstáculos ao progresso. Ariella Azoulay nos convida a pensar a tradição como formação política por meio da qual as pessoas compartilham seus mundos¹⁶, a partir de potenciais de transmissão, de compartilhamento de conhecimentos, de modos de estar juntas e de cuidar dos mundos comuns:

“Tradição é a pluralidade sedimentada – necessária no âmbito das relações humanas [e eu acrescentaria: para além de humanas] – num mundo comum criado por muitos, ao longo de gerações, de acordo com o lugar de cada pessoa nesse mundo. [...] Diferentemente dos pactos imperiais, a tradição não precisa de espada, de polícia ou de forças armadas, porque não se trata somente de começar com palavras, nem da imposição de um novo começo, que requer tanto a destruição de tudo o que existia antes quanto uma espada para reprimir a oposição. Tradição é feita da diversidade de modos de estar juntos, de sistemas de conhecimento e de modalidades de cuidado que são embutidos nos objetos, práticas, rituais, formas, textos e imagens compartilhados e herdados, que resistem à permutabilidade e entre os quais as pessoas têm seu lugar único. É essa resistência, a condição de pluralidade e do lugar único das pessoas no mundo transmitido através dela – um lugar que não tem nada a ver com um local abstrato colocado num mapa – que coloca qualquer espécie de tradição como um dos maiores alvos do imperialismo.”¹⁷

Quando retorno ao Peruaçu no momento de iniciar a pesquisa do mestrado, Gley e seu trabalho no Centro de Artesanato de Januária evidenciam para mim as múltiplas camadas que envolvem as ciências do barro: composição da terra, umidade, temperatura, tipo de fumaça que se forma durante a queima:

“Ao pegar o barro, as oleiras sabem exatamente qual é a finalidade daquele barro: se ele é bom para panela, para outro utensílio ou para um prato. A panela, como vai no fogo, precisa de uma composição diferente do barro, por causa da alternância de temperatura – frio, quente, frio, quente. Estamos falando de uma composição química, que, ao olhar, sentir e tocar aquele barro, você já sabe se é bom para panela. A galera estuda 5 anos de química para compreender a composição química das coisas. A galera da geologia

16 AZOULAY, *Potencial History*, 2019, p. 317.

17 Ibidem, pp. 315, 316.

estuda geofísica para entender a composição da rocha, do solo. E as mulheres do Candeal, no saber, na vivência, sabem que esse barro aqui é bom para panela, e aquele ali não é. Ao observar fumaça, ao colocar a mão no forno e sentir a temperatura, sabem se está bom para a peça. ‘Está frio, coloca um pouquinho de lenha aí!’ E controlam ao olhar a fumaça, pelo desenho que a fumaça faz, e ao sentir com a mão, sem usar termômetro! Se o forno está quente demais, a peça estoura, porque tem água. Tudo tem água, a gente tem água, o barro tem água. Se você queima o barro, não no tempo dele, mas de forma abrupta, a água vai evaporar rápido e a peça vai estourar. Elas têm um saber que é único e singular, que é passado, transmitido, de mulher para mulher. A Layane faz isso também! E como é esse processo? Não é dentro de uma sala de aula. É um saber-fazer tradicional, que vai sendo passado de geração em geração. A Nilda, mãe da Layane, é uma oleira, uma das mais antigas de lá. O artesanato traz a base comunitária, a geração de renda, mas também a diversidade de saberes, de ciências que a gente tem dentro do território. São grupos, mais ou menos organizados. Mas é coletivo, um trabalho de várias mãos. O Centro de Artesanato me possibilitou vivenciar o território e seus muitos saberes: artesanato de barro, cerâmica, sementes, bordado, madeira... as pessoas utilizam nossas matérias do Cerrado e revelam a relação que têm com a terra. A Layane é o barro.”

Pensar a Layane como ser-barro me lembra de conversa recente¹⁸ entre Marisol de la Cadena, Ailton Krenak e Ana Gomes, quando Krenak e de la Cadena falam sobre *nós-rio*. Para Marisol de la Cadena, “ao alterar as gramáticas, o que estamos fazendo é remundizar, fazendo mundos de maneira diferente.”

Há alguns patinhos ali, como aqueles que Vanuza cria. Ela conta que já teve mais de 30, mas foram sendo comidos pelas sucuris. Pergunto a elas se tem sucuris ali, “muitas”, como nas histórias que costumo escutar. Sucuris de até 2,5m miam, as maiores urram, garrote que treme a terra. Vanusa conta como saber se elas estão por perto, quem sabe vê-las antes que elas nos vejam: elas têm cheiro de rabanete. Nelinda e eu observamos os patos e tentamos fazer de nossos cestos arranjos de mesa de pato, com as indicações de Vanuza sobre como dar vida ao barro e deixar os patos em movimento. Vanuza conta que aprendeu assim, brincando, no barranco, desde cedo. Mães e avós da vizinhança queimavam as peças – panelas e potes de buscar água – no chão, usando esterco de gado e capim para regular a temperatura.

Perto de nós, há uma grande gameleira. Elas estão por todo o rio. Tanto no brejo quanto no seco. Bolinhas verdes e redondas caídas, as frutas são adoradas pelos pássaros que ciscam no brejo. Também pelos peixes, quando elas caem no rio. Podem

até ser usadas como iscas. Vanuza gostaria de ir pescar, cedinho – estamos na lua cheia, a melhor lua para encontrar os peixes. Notícias de que alguém pescou recentemente numa lagoa mais pra baixo no rio. Antigamente, era possível pescar traironas enormes, de casco cinza escuro e olhos vermelhos. Ela me lembra de duas embarcações enormes de madeira, que nos receberam para assentar num quintal em visita a vizinhos do outro lado do rio. Há poucas décadas elas eram usadas para atravessar o Peruaçu – o mesmo Peruaçu que aqui, e na época das águas, encontra nossas canelas. Logo abaixo, há um poço onde os vizinhos idosos se banham diariamente. Na última semana, o vizinho de Vanuza estava no pequeno platô de madeira quando uma enorme sucuri apareceu, em busca das bolhas que seu sabão fazia no rio.

Anoitece. A escuridão é densa e sinto seu peso. A lua nasce vermelha e pouco ilumina o caminho. Ela parece se mover rápido demais. Me lembro de explicações sobre bolas de fogo serem comuns ali. Tenho medo dos bichos, das sucuris e do fundo do rio que não consigo ver. Vanuza indica o ponto onde, há duas semanas, Geovani se encontrou com um jacaré. Há movimento na água e meu coração dispara. Vanuza e Nelinda dizem que deve ser uma traíra. Lembro das histórias do peixe dourado que sobe e desce o rio, muitos tentam e ninguém consegue pegá-lo. Peixe dourado é bom sinal, água de qualidade. Voltamos para o brejo de Vanuza, mãos dadas. Continuo me encontrando com as sucuris durante alguns meses, encontro marcados nas noites, elas estão nos meus sonhos. Seguimos juntas pelo rio, pelas margens e pelas estradas.





Casa de farinha

Rica esteve secando tapioca na cisterna calçadão, fiquei curiosa com o processo. Ela tem guardado cinzas do fogão a lenha, quando queima biscoitos, pois a cinza ajuda a chupar a umidade da tapioca quando colocada sob os panos de prato que protegem a tapioca. Quando ela volta à Associação Comunitária de Araçá, me convida para subir o rio de meio-dia à de tarde, rapar mandioca. Escrevo sentindo os dois calos na mão direita, pela falta de prática. Momento de tirar tapioca *é o auge*, me conta, que vem sendo preparado há muitos meses. Para plantar a mandioca, o melhor é quando chover uma chuvada ou duas, primeiras chuvas, e a terra ainda está quente, mas já está pronta. É mês de outubro. Isso, se a chuva chega. Com a emergência climática e a variação do tempo das águas e da seca, tem mudado.

Espera-se de um ano e seis meses a um ano a oito meses para colher – o pé já deu flor, já deu fruto, não dá para saber a hora pelo tamanho do pé, é preciso lembrar onde e quando se plantou a roça. Se passa de junho, a terra fica quente, a mandioca começa a encher d'água. Curioso é que, num almoço, comemos mandioca plantada na seca, num experimento no quintal, deu pouca raiz mas estava enxuta. Maio e junho são a melhor época para tirar a tapioca e fazer a farinha: tanto o tempo está mais fresco (mais agradável para trabalhar na terra) quanto não é tempo de vento e não é preciso cobrir a tapioca enquanto ela seca. Agora é agosto, agosto dos ventos. Vento que se movimenta para trazer as águas nos próximos meses. Estamos atrasadas para fazer a farinha por causa da gripe, porque a Associação estava em obras, porque a chuva no último ano veio diferente.

As muitas caixas d'água na Casa de Farinha recebem água do poço artesiano, água salobra e calcária do vale do Peruaçu. São para lavar a mandioca ralada – lavar e relavar a mandioca que repousa durante as noites. Isabela me contou de um projeto que escreveu junto com a associação do Araçá para construírem um lugar para armazenar a manipueira, a água que sobra da lavagem, subproduto que pode ser comercializado para adubar a terra, controlar pragas e ser fonte de nutrientes para os bichos. Em toda a temporada de tirar a tapioca, o conjunto das mulheres e famílias geram 60 mil litros de manipueira, descartada no rio Peruaçu. A mineração de manganês que trabalhava ali perto consumia, por dia, 180 mil litros, contou também Isabela, a partir de pesquisa com moradoras do Araçá que trabalhavam na mineração.

As mulheres vêm ajudar umas às outras a rapar a mandioca, isso se chama *dar a mão*. Quem ajuda no processo todo pode *tirar a tapioca*, levar certa quantidade para casa, dividindo-se também com a Casa de Farinha. Quem trouxe as rancas da vez

* Sugiro a leitura da dissertação em sua diagramação original, clicando [neste link](#).

oferece o lanche. Rica está na fila, vai trazer uma ranca na próxima semana. Ela me conta que é muita fatura, farinha e tapioca para o ano inteiro. É trabalhoso, mas distrai, é bom encontrar as mulheres para contar casos, saber o que se passa nas famílias. Pelo que percebo, esse é um dos únicos lugares de encontro das mulheres, além das Igrejas. Outros momentos do processo da farinhada são *dos homens*, como a ranca da mandioca, nas roças, e o processo de torrar a farinha, na associação, enquanto as mulheres se ocupam de outras atividades.

Talvez a mais nova nesta tarde seja eu. As mulheres me contam que aprenderam a fazer farinha e tapioca estando ali, acompanhando as mais velhas desde moças. Hoje suas filhas e netas não se interessam em acompanhá-las. Quando pergunto sobre atividades na escola, quem sabe visitas à Casa de Farinha, uma delas se lembra que na escola há uma horta. A rapa da mandioca não acontece com mulher sozinha: uma começa a descascar metade, a outra continua a descascar a outra ponta, pra não sujar a mandioca com a terra.

Em sua despensa, Rica tem três sacos de tapioca, cada um tirado em ranca de diferentes companheiras. Cada tapioca tem diferente textura e é melhor para um biscoito. Ela conta que aprendeu a fazer os biscoitos com sua mãe, na beira do forno, também desde pequena. “Mas o ginete era enroladinho, depois que a gente inventou fazer na forma de sardinha, para ficar mais bonito.”

Os biscoitos também são feitos por muitas mãos femininas, cada uma traz um ingrediente de seu quintal, quando há festejo, quando alguém parte em viagem. No dia antes de minha partida, acompanho Rica em fornada de ginete, fofão e peta. Me lembro de quando conheci as petas na casa de Leninha, quando suas vizinhas e amigas vieram fazer fornadas de lenha de angico para as noites na novena de São José, em que se pedia *chuvas em abundância* ao santo. Agora, usamos lenha de tingui, que dá brasa, não deixa a temperatura baixar nem subir demais. Rica estava namorando um pé de tingui seco, no caminho para o Areião, havia semanas, até que conseguiu que vizinho fosse até lá com sua serra. Tingui é dos gerais, mas tem pé ali no quintal, na mata seca. Era cozinhando esse fruto que as mães faziam sabão *de cada*. É também a casca do tingui que algumas pessoas jogam no rio para embriagar os peixes e facilitar a pescaria.

O forno de barro do quintal acaba de ser feito por Rica com terra de formigueiro. Ela pegou o barro em lugar indicado por uma amiga na Onça. É só ali que as formigas cavam fundo e tiram para a superfície esse barro bem branco, bom para forno. Seria bom assar pão de queijo, mas como agora é época da seca, não é tempo de tirar leite, não temos queijo. O capim para as vacas é limitado – há mesmo muito aluguel de capim em fazendas que irrigam as plantações de capim com águas de subsolo –, e o pouco leite que produzem é para os filhotes. Rica tem um queijo congelado, desde

as águas. Ela está guardando para a próxima semana, para fazer o lanche para a sua ranca na casa de farinha.

Observar os ciclos da mandioca e a organização da casa de farinha é perceber a lógica *biointerativa* de que fala Antônio Bispo dos Santos.¹ O pensador conceitualiza a *biointeração* contando de sua experiência vivida nas casas de farinha: *aprendizagens da vida*, nos ensinando a pensar a partir da materialidade. Maria Sueli Rodrigues de Souza nos ajuda, em nossa demanda acadêmica de resumir objetivamente os pensamentos: “Biointeração é viver, conviver e aprender com a mata, com o chão, com as águas, com o vento, com a lua, com o sol, com as pessoas, com os animais.”²

Numa dança orquestrada, planta-se mandioca na chuva certa, e a ranca é feita antes que a terra es quente e a mandioca encharque. Cinzas do fogão de barro das formigas-da-Onça que preparam biscoitos servem para chupar a umidade da próxima tapioca, a ser lavada e relavada com água dos poços do Peruaçu no trabalho comunitário da Casa de Farinha. A água que sobra, manipueira, poderá ser ainda usada para adubar a terra e cuidar das plantas. Da tapioca de cada companheira se faz um biscoito. Os biscoitos alimentam as mulheres que *dão as mãos* em novos processos de tirar tapioca e também seguem viagem. As aprendizagens acontecem observando as mães, tias e vizinhas desde a infância, nas beiras de fogão, nas roças e nas casas de farinha. Acontecem também vivendo, experimentando e observando com as plantas, os bichos e o barro. Nego Bispo acrescenta:

“Segundo nossas mestras e mestres, a mandioca nós podíamos acumular, mas o melhor lugar de guardar a mandioca é na terra.³ [...] E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica, esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia.”⁴

1 SANTOS, Colonização, quilombos, 2015.

2 SOUZA, Posfácio, 2015, p. 113.

3 SANTOS, Colonização, quilombos, 2015, p. 84.

4 Ibidem, p. 85.

Para fazer os biscoitos

Ginete: A medida de hoje é um copo grande. Peneiramos três medidas de tapioca e misturamos uma medida de açúcar. Misturamos um pacote de coco ralado com açúcar – medida a gosto. O óleo não medimos – mas, para ter uma base, é meio copo americano. Rica gosta de lavar os ovos, porque normalmente vêm com uma poeirinha. Usamos cinco ou seis ovos. Não se deve colocar muitos ovos, é o leite de coco que ajuda a amolecer e umedecer a massa, e o adicionamos aos poucos, usamos quase um vidro. É preciso amassar com muita força para dar a liga. Ao fim, adicionamos cerca de uma colher de sopa de fermento e misturamos. Para esperar pelos outros biscoitos e pela temperatura certa do forno sem ressecar, Rica pinga um pouquinho de óleo sobre a massa.

Fofão: Hidratamos a tapioca, deixando a massa um pouco mais seca do que para fazer beiju. Peneiramos e torrmos a massa numa panela com um pouco de óleo. Esquentamos óleo e escaldamos a tapioca. Quebramos cerca de onze ovos junto da massa e adicionamos uma pitada de sal. Amassamos bem. Quando pensamos que já está bom, a massa torna a endurecer e é preciso amassar mais.

Peta: Primeiro, esquentamos a água, o óleo e uma pitada de sal. Peneiramos a tapioca e adicionamos à água fervente. Quando amornar, adicionamos os ovos. Para as petas não ficarem tão amareladas, Rica prefere usar metade dos ovos de suas galinhas e metade de ovos de granja.

Pão de queijo: Rica também ensina a fazer o pão de queijo, “é bem mais fácil do que os outros biscoitos”. Medimos a tapioca, que será hidratada. Usamos a mesma medida de queijo ralado. Misturamos também óleo e manteiga – cerca de meio copo americano para uma medida de uma marmitinha de alumínio de tapioca e de queijo. Amassamos bastante e modelamos.

Com as massas prontas, esprememos o ginete em forminhas de sardinha, o primeiro que se assa, pois precisa do fogo mais quente. As petas são assadas na sequência, e moldadas no próprio fogão colocando-se a massa líquida em sacos plásticos cortados na ponta. Respeitando o tempo do fogo, a lenha é colocada antes de iniciarmos o preparo dos biscoitos e, na hora de assar, Rica coloca as brasas todas de um lado, e as cobre com uma telha de barro. Ao longo do tempo, ela fica na boca do forno, trocando os tabuleiros de lugar com ajuda de um cajadinho de pau feito por ela, para que fiquem mais ou menos próximos das brasas.





Januária

Querido rio Peruaçu,

Hoje é de tarde, início de setembro, faz *céu de azul bem limpinho*¹ e alguns dias que nos despedimos. Não sei qual é seu interesse por escritas humanas (nem quais seriam os pássaros, peixes, sementes ou outros seres-rio desde São Gonçalo do Baçõ que seguem viagem até o Sertão e poderiam levar recado). Te escrevo assim mesmo, pois a vontade de contar o que vi neste tempo reaparece com frequência. Foi apropriado passar tempo em Januária para começar a assimilar certas inquietudes que me atravessaram em nossos últimos encontros, tão intensos, antes de pegar a estrada. Também para pensar no que têm sido esses meses fazendo pesquisa com você. Parece que cheguei querendo aprender a plantar floresta em beira de rio e agora sigo a vida que as mulheres criam.

Ápice da lua cheia, lua vermelha, vimos a lua nascer no rio São Francisco, na Praia de Januária. Você já ouviu falar dessa Praia? Como você bem sabe, a cada temporada de águas e de seca o barranco muda de lugar, da mesma forma que as praias do São Francisco. Esse ano, a Praia de Januária está na saída da cidade (se estamos descendo o rio, indo no sentido do seu encontro). A Prefeitura cria certa estrutura para chegar até a Praia, e várias comerciantes que têm bares e restaurantes na cidade passam a atender (também ou unicamente) na Praia. Para chegar até ali, as ruas são de um barro bem soltinho, que combina com o tijolo de cerâmica queimada das casas. À noite, a lua ilumina o caminho – mas disseram que, por causa da Praia, *pode ser* que se instale iluminação pública ali. Outros serviços, como saneamento básico, seria longa história. Conheci a Carlinha* que, com sua família e seu bar, se mudou para a Praia nesta temporada, pelo primeiro ano. Construíram a barraca onde moram e trabalham com tapumes de madeira e telha de fibrocimento; palha de buriti sombreia a área das mesas. Visito sua barraca algumas vezes – ela conta cinco –, há muitos shows nesta e em outras barracas e também num palco. Januária me impressiona com os encontros em torno do São Francisco. Na beira do rio, convivem crianças se lançando na água, piabinhas que mordem canelas, jovens jogando bola, pescadoras recolhendo os peixes e os barcos, pessoas tirando fotos e outras bebendo cerveja. Logo que chego, há um incêndio na outra margem que dura três dias e me preocupa.

1 Como na “Festa” que canta Maria Bethânia, diferente do *lindo céu cinzento*, “prenúncio que vem trazendo alento / da chegada das chuvas no sertão”.

* Nomes fictícios.

** Sugiro a leitura da dissertação em sua diagramação original, clicando [neste link](#).

No barranco de dona Maria*, moradora conhecida na região, mais acima no rio, perto do cais, conheci Jaber*, que jogava tarrafa no São Francisco quando me contou que esse fogo é a coivara, preparo da vazante para o plantio, já que as chuvas vêm nos próximos meses. Voltando da praia, outra noite, Gley chamou minha atenção para o fato de que o manejo com fogo é ancestral no Sertão, e não necessariamente *um problema*. Antônio Bispo dos Santos também já nos ensinou sobre

“O fogo do Cerrado, da Caatinga, o fogo nas matas. Com o passar do tempo, as vidas no Cerrado vão liberando matérias secas. Os pássaros liberam penas, outros animais liberam pelos e esterco, as árvores liberam folhas e galhos secos, e vai se formando uma camada seca sobre o solo. Chega um momento em que as luzes do sol e outras luzes não atravessam essa camada seca para atingir a umidade; e também o contrário: a umidade não atinge as luzes. Então, essa camada não se decompõe. Se ela não se decompõe, ela deixa de alimentar a terra e a terra deixa de alimentar as outras vidas. Até que uma *inteligência cosmológica* põe fogo nessa camada seca: um indígena, um quilombola, uma pedra que despenca do penhasco ou uma descarga elétrica, e essa camada vai queimar. Essa camada não queima toda, em alguns lugares queima muito, em outros, menos. Depois, vem o vento e espraia as cinzas nas áreas que não queimaram. E depois vem a chuva, introduz essas cinzas na terra, alimenta a terra, e a terra passa a alimentar as outras vidas. Mas tem um detalhe: ali tem algumas sementes adormecidas, e esse calor quebra a dormência das sementes. E aí, essas sementes germinam. As árvores que pareciam ter morrido, rebrotam. E a vida se reedita.”²

O fogo da coivara, manejado, *não é e é* o mesmo fogo da mata do Cerrado, preparada para recebê-lo, ou o fogo na vereda, seca, ou o fogo das florestas industriais de eucalipto, que converte o Cerrado em carvão, ou o fogo que transforma o barro da vazante em cerâmica. Esse fogo, assim como você, Peruaçu, e tantas das suas ciências, me ensinam sobre os muitos mundos que acontecem simultaneamente e sobre a complexidade dos encontros. É também algo que aprendo nas leituras com os seres-terra, os Turpo e Marisol de la Cadena.³

Naquele dia, no barranco de dona Maria, Jaber não pegou peixe, só uma tartaruginha que logo soltou. A lua estava crescente, ele disse que não é lua para pesca. Mas beira de rio é lugar bom para encontrar as pessoas, como sabemos, e o jogo de tarrafa é para distrair e contar caso, ele me disse. A casa de Dona Maria permanece

2 SANTOS, Comunicação oral em oficina, 01 out. 2021.

3 DE LA CADENA, *Earth beings*, 2015.

de pé depois da grande enchente nas águas, que a tampou totalmente. Eu conheci Dona Maria naquele tempo, quando ela estava com frequência no cais recolhendo assinaturas em um abaixo assinado para que pudesse voltar para sua casa quando o rio baixasse. Por causa do projeto do *Parque Fluvial*, as pessoas vazanteiras estavam proibidas de voltar (dos abrigos temporários e casas de famílias) para suas casas no barranco. Desde que conheci Gley, ele fala sobre esse Parque Fluvial, mas só entendi que se trata de uma grande obra de gentrificação da beira do rio São Francisco e da vizinhança do quilombo urbano da rua de Baixo quando caminhei por ali com Karla Vaniely, amiga que a visita a você nas águas me trouxe. Ela me contou sobre as barracas que visitava com sua família desde a infância, uma delas era o barco antigo do dono, e que estavam sendo substituídas por *praça de eventos, quadra poliesportiva, calçadão* e outros espaços – sem identidade e sem uso evidente para as populações dali – das arquiteturas globais e capitalizadas. Talvez você esteja pensando que os mundos vazanteiros sobre os quais (de onde) conversamos estão sob ameaça. Concordo com você. Talvez também esteja pensando que, nessa situação de ameaça constante e de invisibilização de suas potências e conhecimentos, mulheres como dona Maria seguem produzindo política, ciência, vida e mundos, como também vemos no seu vale.

De certo, não é só observando e ouvindo essas mulheres que se aprende a dar a volta às imposições que os companheiros, os filhos, os vizinhos, o contexto sócio-cultural-político-econômico-ambiental, o capital e o Estado colocam à sua existência. Te confesso que nesses dias me senti esvaziada, quem sabe seca, como você. Me reencontro com memória de Célia Xakriabá, que igualmente nos ensina sobre as mulheres que defendem territórios produzindo alimento e vida:

“Perguntei à tia Inês e à Dona Elisa, que era mulher de Rosalino, que morreu na luta pelo território [Indígena Xakriabá], e à Dona Nena, que também perdeu o marido na época [da retomada], como era a contribuição das mulheres antigamente na luta do território. E elas falavam assim: ‘Minha filha, *a gente quase não contribuía nada não*, porque meu marido era liderança, saía nessa labuta e a única coisa que a gente fazia era dar de comer aos filhos, plantar grandes braçadas de roça’. Eu fiquei escutando e eram repetidas essas narrativas. E a última falou: ‘Na verdade, era plantar grande braçada de roça e sustentar a cultura, minha filha, segurar a cultura’. Fui reelaborando que as mulheres Xakriabá não apenas pilavam comida para dar de comer aos filhos; elas sempre foram um pilar muito forte que sustentava a cultura. Então a comida que pisava no pilão não era apenas a comida para encher a barriga, era *uma comida que sustentava a cultura Xakriabá* também.”⁴

Encontro outras vazantes plantadas, subindo o rio. Ali vejo rastros da coivara para preparar a terra, piscinas onde cavalos e garças também comem e cercas para separar os plantios. Essas cercas no território do rio me fazem pensar no brejo, na vazante e na encosta onde Nelinda e Zé Torino cultivam biodiversidade. Por vezes, as ouvi dizer que, da encosta para cima, será de seus filhos, e poderão *beber tudo em cachaça*, se assim desejarem. Já da encosta para baixo, doarão para alguém que deseje continuar a cuidar do rio e da floresta. A lógica da propriedade, que se herda da família, e a lógica do comum, que parte da relação com a terra, com o rio e com os seres-rio, parecem conviver. Várias das comunidades ao longo de seu curso são quilombolas, e discute-se que essa região do Olhos d'água onde vivem Nelinda e Zé Torino, também. Lembro-me do que conta Antônio Bispo dos Santos:

“Os contratos do nosso povo eram feitos por meio da oralidade, pois a nossa relação com a terra era através do cultivo. A terra não nos pertencia, nós é que pertencíamos à terra. Não dizíamos ‘aquela terra é minha’ e, sim, ‘nós somos daquela terra’. Havia entre nós a compreensão de que a terra é viva e, uma vez que ela pode produzir, ela também precisa descansar. Não começamos a titular nossas terras porque quisemos, mas porque foi uma imposição do Estado. Se pudéssemos, nossas terras ficariam como estão, em função da vida. O poder quilombola sobre as terras é um poder baseado na palavra, na atitude, na relação – e não na escrita.”⁵

Em terras vazanteiras, vem à memória a imagem de que, no tempo das águas, ramos de abóbora se espalhavam por todos os lados. As folhas-coração eram de um verde musgo descorado, cascudas. “Esse foi o ano da abóbora!”, não era raro escutar. Choveu demais, e abóbora adora chuva. Saí com abóboras de presente de alguns quintais que visitei: abóbora menina, espaguete, manteiga, jacaré... Acho que não te contei que a cidade de onde venho, Contagem, é conhecida como *Contagem das abóboras*. Talvez por isso também eu goste tanto delas. Gley já repetiu tantas vezes que abóbora é plantio de vazante. Seu quintal foi tomado pelas abóboras, distribuídas para a vizinhança. Bastou que ele jogasse algumas sementes para os passarinhos comerem, tiradas da abóbora que ganhou de sua mãe, plantio de Sambaíba. As que sobraram, ou foram digeridas e expelidas pelos pássaros, esperaram a chuva para brotar e, sem delongas, enramaram pela terra e pelo cimento. Lembro que Gley também já contou do quilombo de Croatá e de como, em suas visitas, ele se surpreende com as

maneiras de morar, cultivar, colher e comer serem definidas pelos tempos da cheia e da seca do rio São Francisco.

Presenciar essas ocupações da vazante, que só podem acontecer em momento da seca, quando o rio São Francisco ocupa área tão menor do que aquela que conheci nas águas (talvez excessivamente menor porque muitos dos afluentes estejam secos como você), me fez perceber como eu estava estigmatizando a seca e não conseguindo observar que ela faz parte dos tempos de rio. Foi angustiante ver o seu leito sem água, Peruaçu, e conhecer regiões em que, sem as cisternas e modos de guardar água da chuva para o plantio, não se tem variedade de comida fresca para comer. Não dava para imaginar, sem passar essas semanas aí, o que é plantar sem água, cozinhar sem água, estar menstruada sem água, criar gado sem água, sentir vontade de banho de rio sem água, ser bicho de água sem água, trabalhar com o barro sem água. Ainda assim, é nessa convivência com a seca que os diferentes seres-rio criam constantemente suas maneiras tão sábias de guardar as sementes e as diferentes águas, de brotar, de se proteger e de manejar o fogo e de se comunicar.

Acho curioso perceber que eu não estava atenta aos ciclos, aos fins e começos (ou inícios, meios, inícios)⁶, pois esse foi um aprendizado com a floresta e os seres-rio tão evidente ao longo dos últimos meses. O tempo das folhas caírem para protegerem o chão e as sementes e guardarem água, ou as madeiras morrerem e virarem casa, pilão, lenha para os biscoitos. Os bichos serem cuidados e protegidos, para serem mortos com respeito, para virarem comida preparada com amor e servida às pessoas queridas. As enchentes matarem as plantas da vazante e do seco, ou mesmo as pequeninas do brejo, e deixarem sem casa por certo período, adubarem e prepararem a terra para o plantio e deixarem água e outras casas para os meses da seca. Sigo pensando nessas comunicações, ciências, inícios e fins de mundo. E em como vocês vão continuar aprendendo e se transformando com as variações trazidas pela emergência climática e pela concentração de terras e de águas.

Hora da fome, me despeço, quem sabe despontando outra parte de nosso encontro. Como de costume, sigo com mais perguntas do que respostas. Talvez seja como Deda Xakriabá disse, e “A resposta vem em outro tempo, no tempo da sabedoria da ciência do território, e não no tempo do relógio”, vai saber.⁷ Se puder, mande notícias.

Abraços daqui,
Isabela

6 SANTOS; MAYER, Início, meio, início, 2020.

7 XAKRIABÁ, Corpo-território, 2020, p. 95.





Vai-vem maretá:
notas sobre ciências
do rio Peruaçu

caderno de imagens

Caminhos de pesquisa

Em ordem de aparição:

Estrada que leva à Vargem Grande, margem esquerda do Rio Peruaçu. Enquanto jogamos Temporão, Claudinha mostra para Aline e para mim o ponto, próximo à ponte, onde jacaré e sucuri se enrolaram quando ela era criança e o rio Peruaçu corria caudaloso. Março de 2022.

No centro da Lapa Bonita, no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, registro o som das estalagmites se formando. Foto de Aline, março de 2022.

Jogo Temporão no quintal de Marisa, no quilombo de Alegre, Januária. Março de 2022.

Nelinda coleta flores de crotalária em seu quintal, no Olhos d'água, para a prensa botânica. Agosto de 2022.

Oficina com o jogo Temporão na Escola Estadual do Candéal, Cônego Marinho. Março de 2022.

Captura de tela de encontro virtual com Marília, Aline, Gley, Claudinha e Layane, durante a pesquisa do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Oficina com o jogo Temporão na Escola Estadual do Candéal, Cônego Marinho. Março de 2022.















Estrada

Em ordem de aparição:

Estrada entre Montes Claros e Januária. Árvores do Cerrado contrastam com a floresta industrial de eucalipto. Agosto de 2022.

Pintura do rio Peruaçu e buritis, na parede do bar de seo Domingos, pai de Claudinha. A rachadura na parede foi causada por terremoto em 2017. Agosto de 2022.

Marília, Paola e João nadam na represa do rio Peruaçu no Fabião. Abril de 2017.

Imbarés nos paredões de calcário do Vale do Peruaçu. Agosto de 2022.

Série de quatro fotografias: A mata seca muda a paisagem da estrada do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu nos tempos das águas e da seca, em março e agosto de 2022.

Rio Peruaçu na gruta do Janelão, no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Março de 2022.

Gruta do Janelão. A abertura de 90 metros de altura, no centro da foto, nomeia as comunidades de Janelão de cima e Janelão de baixo, cuja maioria das famílias foi removida pela implantação do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Março de 2022.

Parede próxima à entrada da gruta do Janelão, com pinturas de tradições Agreste, São Francisco e Nordeste. Março de 2022.

Rio Peruaçu visto da Dolina dos Macacos, no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Janeiro de 2017.

Vacas e bezerros nos acompanham na estrada do Olhos d'água. Agosto de 2022.

Dupla de fotografias: Rio Peruaçu nas águas e na seca, na ponte que vai para a Vargem Grande, em março e agosto de 2022.

Pequizeiro na estrada do Araçá para Buritizinho. Agosto de 2022.

Dupla de fotografias: Rio Peruaçu próximo ao bar Só Triscando, também conhecido como Ponte do Tião, em 2002 e de 2022. Primeira foto disponibilizada por dono de um bar na Vargem Grande, e segunda foto de Gley, agosto de 2022.

Trio de fotografias: Rio Peruaçu no bar Só Triscando, também conhecido como Ponte do Tião, na década de 1980, 1990 e em 2022. Primeira foto do acervo pessoal de Nelinda (em agosto de 2022, ela me pediu para ajudá-la a organizar seu álbum de família), segunda foto do acervo pessoal de um morador dos Olhos d'água, disponibilizada por Isabela Itabaiana, e terceira foto de Gley, feita em agosto de 2022.

Estrada entre as comunidades do Janelão e do Olhos d'água. Ao nos aproximarmos ou nos despedirmos do Vale do Peruaçu, os paredões de calcário marcam a paisagem. Agosto de 2022.









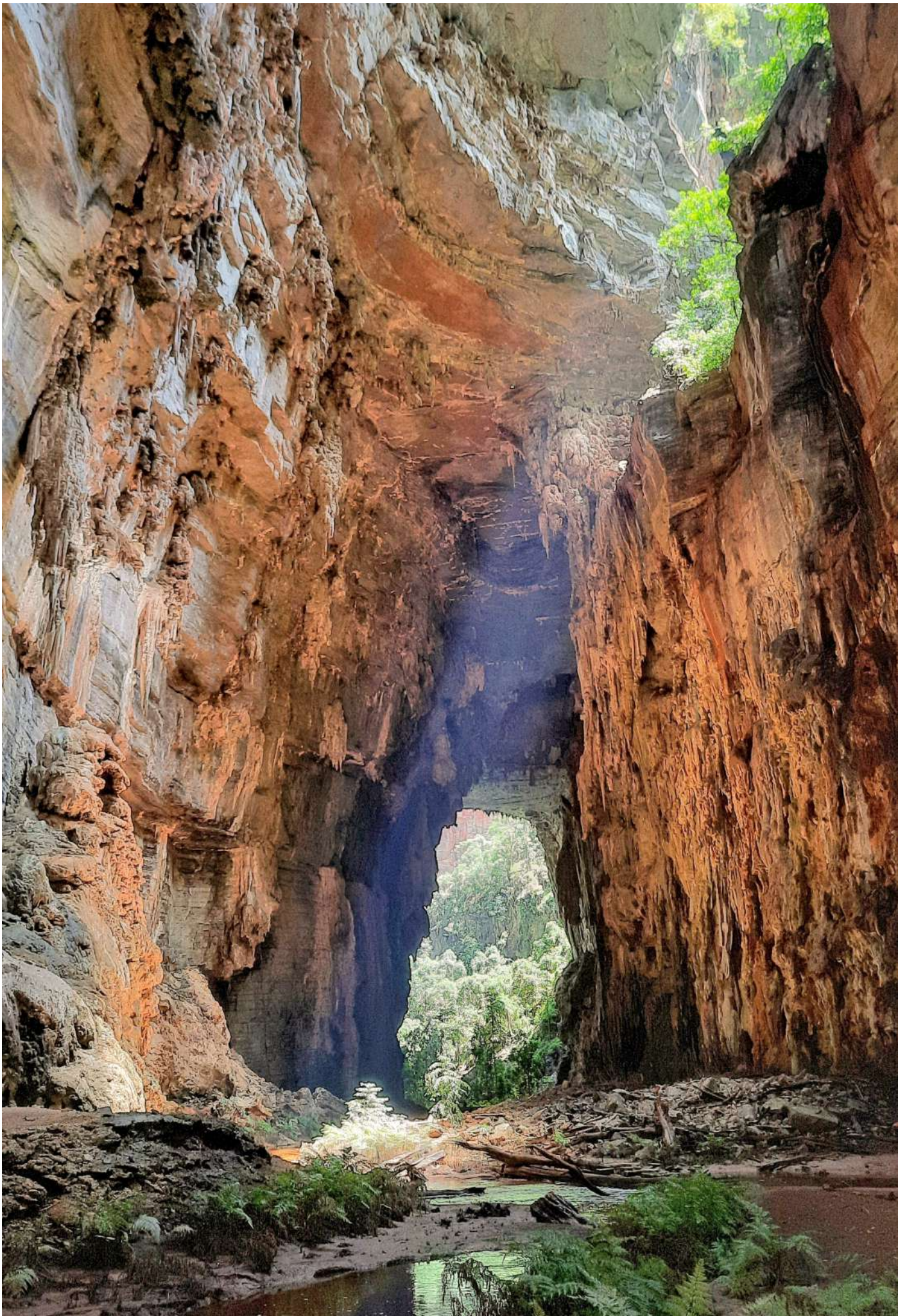


mar. 2022



ago. 2022













mar. 2022

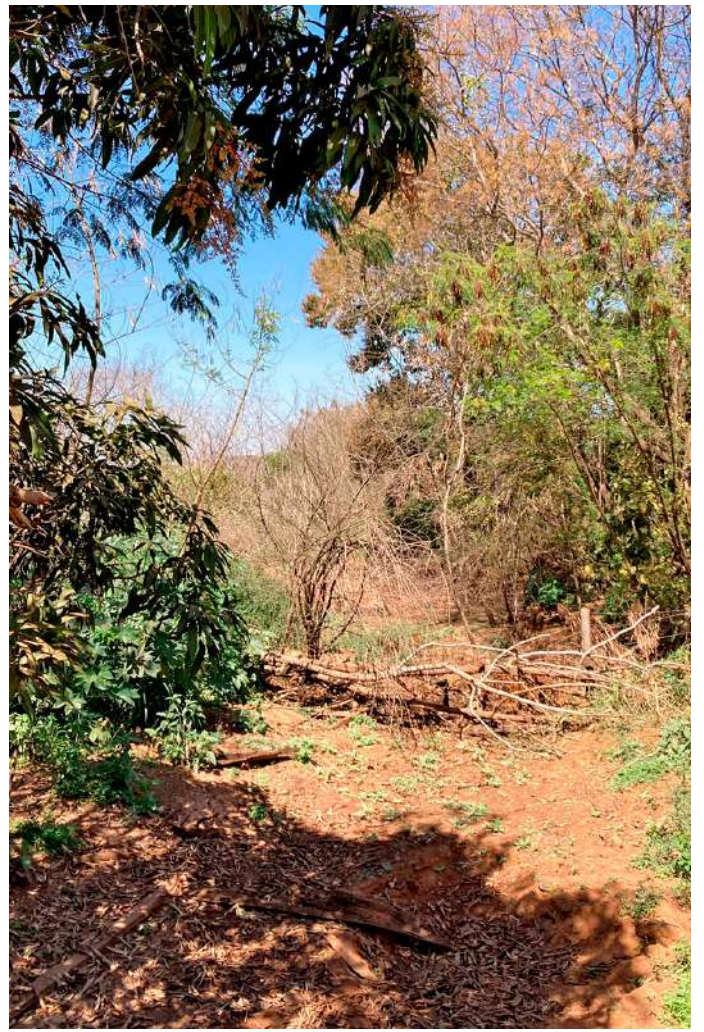


ago. 2022





2002



2022



déc. 1980



déc. 1990



ago. 2022



Mulungu do brejo

Em ordem de aparição:

Série de três fotografias: Vacas e cavalos na entrada do terreno de Nelinda e Zé Torino, na década de 1980. Na primeira foto, Zé tira leite da Bananinha. Fotos do acervo pessoal de Nelinda.*

Dupla de fotografias: Vacas no rio Peruaçu, no brejo de Nelinda e Zé Torino, na década de 1980. A mata ciliar havia sido transformada em capim. Foto do acervo pessoal de Nelinda.*

Na entrada do terreno, Nelinda e Zé Torino pousam para a foto com seus dois filhos, um sobrinho e suas vacas, na década de 1980. Foto do acervo pessoal de Nelinda.*

Na entrada do terreno, Nelinda e Zé Torino pousam para a foto com mandacaru que Zé plantou. Março de 2022.

Série de fotografias: Caminhada pelo brejo e pela vazante com Nelinda e Zé Torino. Agosto de 2022.

Ocupação em tronco na beira do rio Peruaçu. Março de 2022.

Gameleira, bambuzal e poço do rio Peruaçu onde Nelinda buscava água e lavava louças e roupas quando não havia abastecimento público. Março de 2022.

Brejo de Nelinda e Zé Torino. Resgate do rio Peruaçu passa à esquerda da foto, próximo a buritis, lírios do brejo, pau loro, mulungu do brejo e taiobas. Agosto de 2022.

Buritis mais antigos do brejo de Nelinda e Zé Torino. Agosto de 2022.

Mulungu do brejo começa a florir e pintar o chão da vazante de vermelho. Agosto de 2022.

Fragmento de ilustração do tapete do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Zé Torino e Suzy na encosta, a caminho do brejo. Março de 2022.

Angico na vazante de Nelinda e Zé Torino. Março de 2022.

Represa no rio Peruaçu construída por Walter e Isabela, com medidor de vazão. Março de 2022.

Ocupação em tronco na beira do rio Peruaçu. Março de 2022.

Série de fotografias: Plantio de inhames no brejo com Zé Torino. Nelinda, ao cozinhar, havia separado as pontinhas dos inhames que geram novas plantas. Zé abre pequenos berços ao lado de um braço do rio Peruaçu, coloca duas ou três partes de inhame em cada e cobre com lama do fundo do rio. Agosto de 2022.

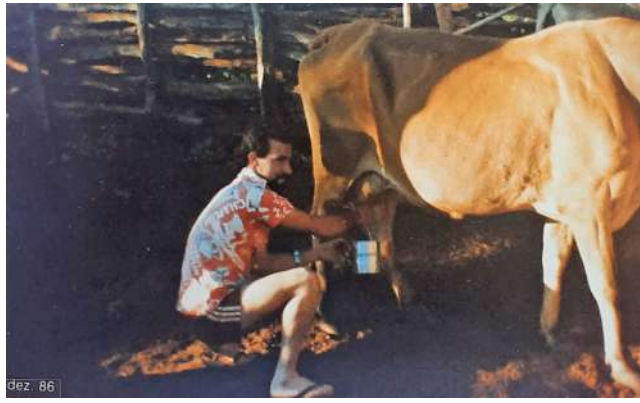
Fragmento de ilustração do tapete do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Coquinho azedo, na margem esquerda do rio Peruaçu, no terreno dos vizinhos de Nelinda, onde ela faz a coleta para as polpas. Agosto de 2022.

Nelinda acaricia um pé de coquinho azedo que plantou em seu quintal. Agosto de 2022.

Mina d'água, inhames, mulungu do brejo (à esquerda) e lírios do brejo (à direita). Março de 2022.

*Em agosto de 2022, Nelinda me pediu para ajudá-la a organizar seu álbum de família.













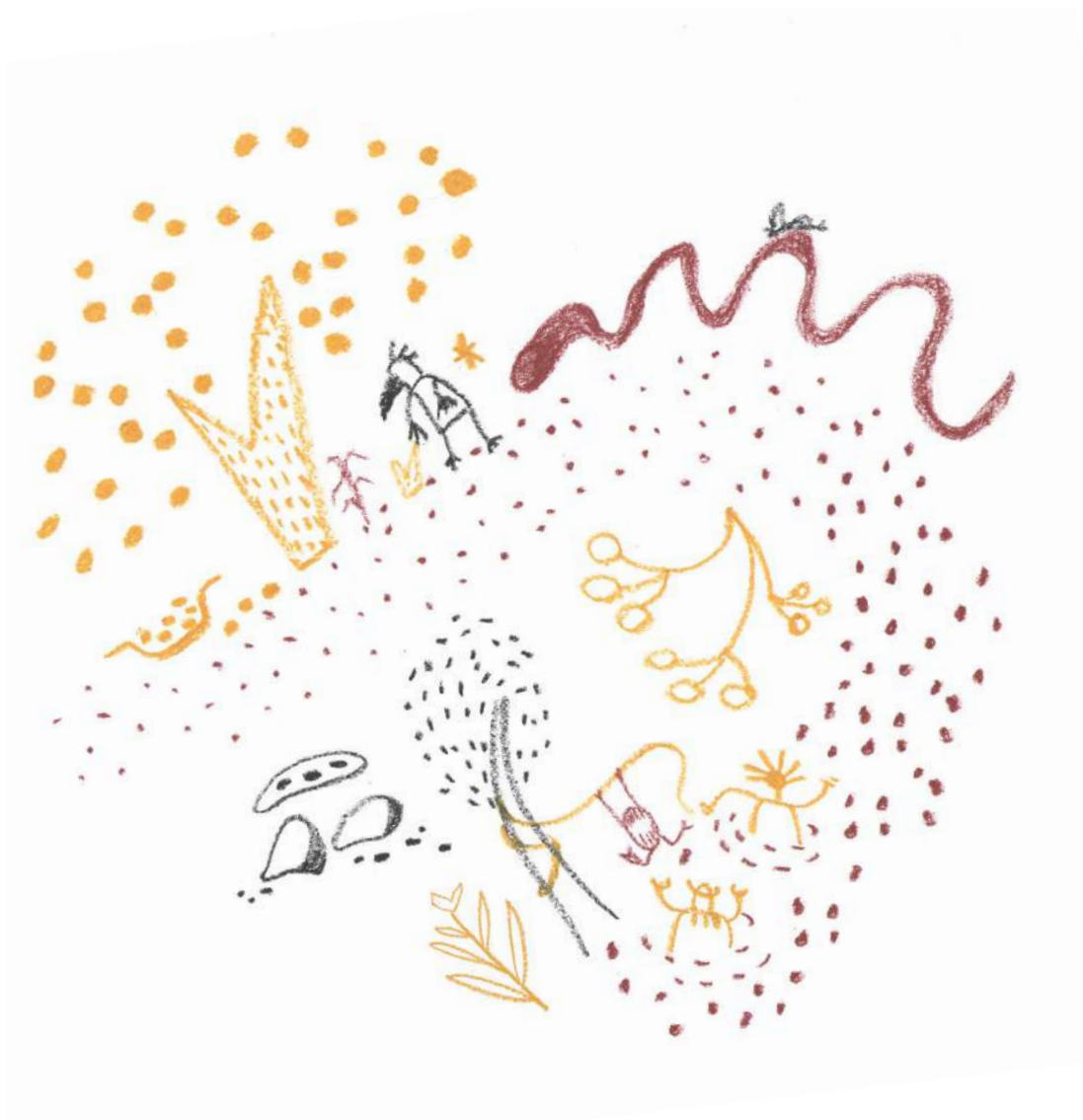




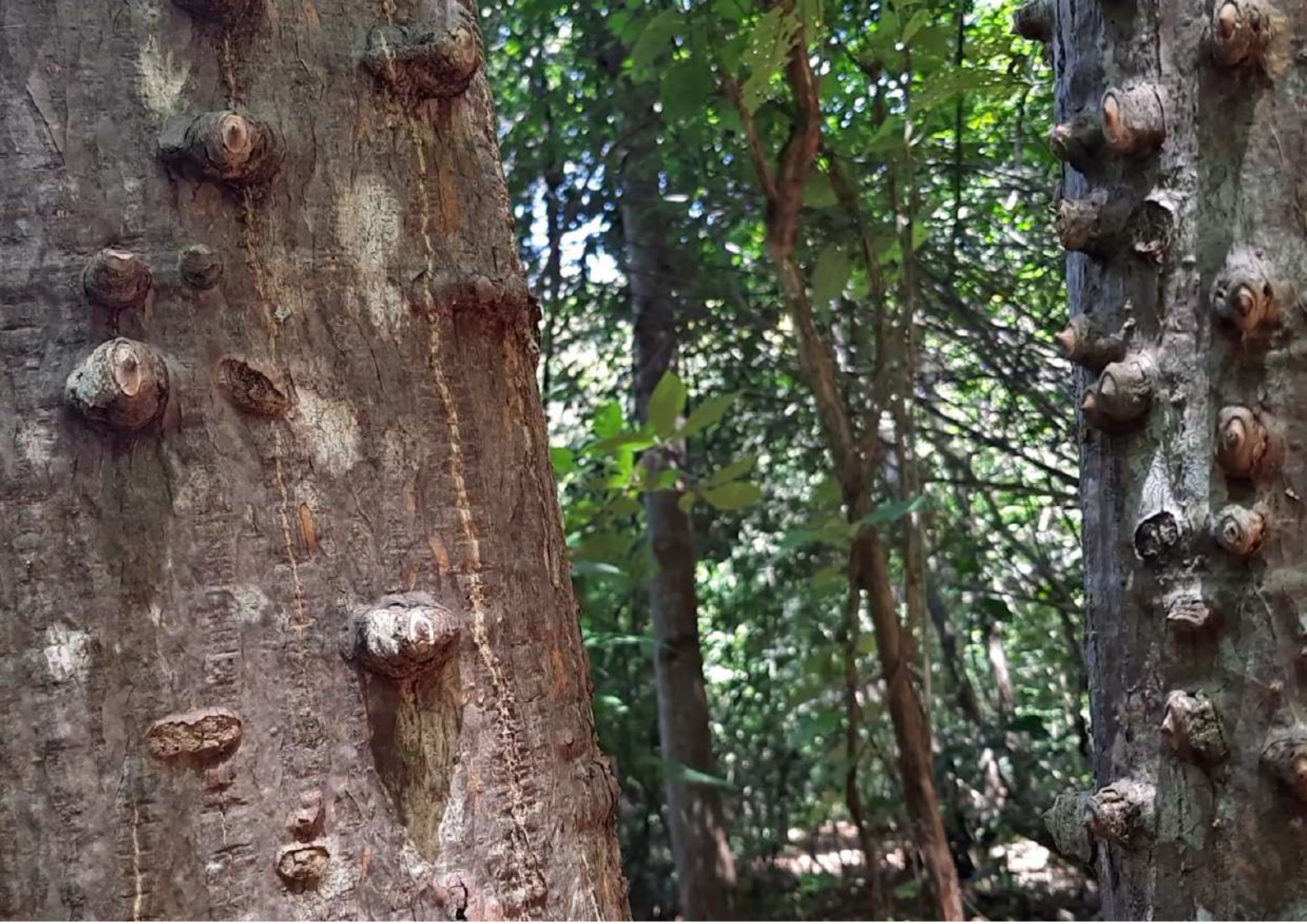




























Casa da gameleira

Em ordem de aparição:

Nelinda e Zé Torino observam a casa na gameleira. À esquerda, a represa construída por Zé e seu vizinho. Agosto de 2022.

Maquete de pedras, construída por Zé Torino e Nelinda, representa o Vale do Peruaçu. Agosto de 2022.

Série de fotos: Zé Torino em sua limpeza diária da represa e da maquete de pedras que representa o Vale do Peruaçu. Março de 2022.

Série de fotos: Detalhes construtivos da casa da gameleira. Braços do buriti, palha do buriti e vara de capim-açu. Agosto de 2022.

Interior da casa da gameleira. Pela janela, à esquerda, vemos a represa construída por Zé e seu vizinho. Agosto de 2022.

Casa da gameleira e raízes se espalhando pela floresta. Agosto de 2022.













Canteiro dos inhames

Em ordem de aparição:

Nelinda e suas irmãs na casa de sua avó, onde cresceu, próxima à ponte da Vargem Grande. O rio Peruaçu passa ao fundo. Foto do acervo pessoal de Nelinda que, em agosto de 2022, me pediu para ajudá-la a organizar seu álbum de família.

Pé de imbu no terreiro de Nelinda, plantado por ela e Zé Torino ao se mudarem para o terreno. Março de 2022.

Nelinda fazendo mudas das plantas do seu jardim. Março de 2022.

Fragmento de ilustração do tapete do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Nelinda regando a horta e o jardim. Agosto de 2022.

Dupla de fotografias: canteiro de inhames nas águas, e canteiro de alfaces, coentro e tomates na seca. Março e Agosto de 2022.

Réstia de cebolas feita por Rica. Agosto de 2022.

Flores de veludo no quintal de Nelinda. Março de 2022.

Cisterna calçadão, que guarda água da chuva usada para o plantio. Agosto de 2022.

Cisterna de placas, que guarda água da chuva para beber. Agosto de 2022.

Fragmento de ilustração do tapete do jogo Temporão. Setembro de 2021.

Pintura da cachoeira de Miravânia na varanda de Nelinda. Julho de 2022.











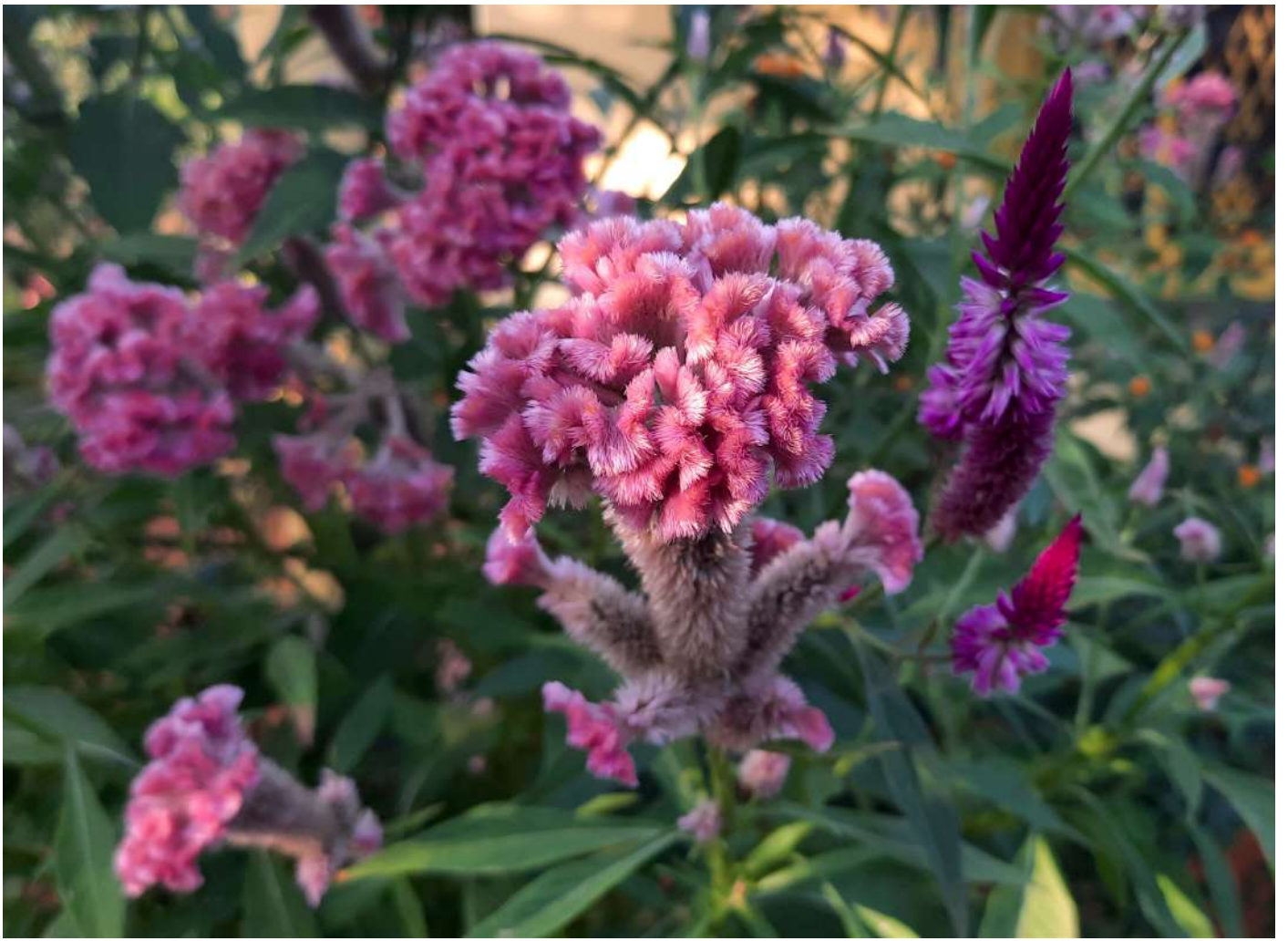


mar. 2022



ago. 2022













**Joana
de barro**

Em ordem de aparição:

Gameleira e rio Peruaçu no quintal de Vanuza. Março de 2022.

Patos de Vanuza no rio Peruaçu. Março de 2022.

Ovos de libélula nas árvores brejeiras vizinhas ao rio Peruaçu, no Janelão. Março de 2022.

Dupla de fotos: Cavernas de calcário por onde passa o rio Peruaçu. Março de 2022.

Vanuza em frente a casa de pau-a-pique de seus vizinhos. Março de 2022.

Casa de joana de barro no curral de Nelinda. Agosto de 2022.

Série de fotos: Nilda e Socorro, mãe e tia de Layane, caminham longa distância para retirar o barro que as oleiras do Candeal usam para produzir os artesanatos. Capturas de tela de vídeos feitos por Layane para o curta-metragem Deriva (DERIVA, 2021).

Oleiras trabalham no galpão, no Candeal, na década de 1990. Fotografia disponibilizada por Layane.





















Casa de farinha

Em ordem de aparição:

Rica seca tapioca na cisterna calçadão, ao lado da horta.

Agosto de 2022.

Caixas d'água usadas para lavar a tapioca na associação comunitária do Araçá. Agosto de 2022.

Mulheres rapam mandioca na associação comunitária do Araçá.

Agosto de 2022.

Lenha do tingui. Agosto de 2022.

Forno de barro feito por Rica para assar biscoitos. Agosto de 2022.

Série de fotos: Rica prepara o ginete, com forma de sardinha, e a peta. Agosto de 2022.

Rica permanece ao lado do fogão durante todo o tempo em que os biscoitos estão assando, mudando os tabuleiros de lugar com ajuda de uma vareta. Agosto de 2022.

Biscoitos assam dentro do forno, e brasas do tingui permanecem à esquerda. Agosto de 2022.

Fofão, petas e ginetes recém-assados. Agosto de 2022.





















Januária

Em ordem de aparição:

Fim de tarde de domingo na Praia de Januária. Agosto de 2022.

Barracas na praia de Januária. Julho de 2022.

Incêndio na outra margem do rio São Francisco, visto desde a Praia de Januária. Agosto de 2022.

Série de fotografias: Jogo de tarrafa no barranco do rio São Francisco, em Januária. Agosto de 2022.

Piscinas do rio São Francisco em Pirapora. Julho de 2022.

Plantio na vazante do rio São Francisco em Pirapora. Julho de 2022.

Flor de abóbora recebe visitas no quintal de Gley, em Januária. Março de 2022.

Despensa com diversos tipos de abóboras, no Candeal, em Cônego Marinho. Março de 2022.

Dupla de fotos: pinturas barranqueiras do muro do cais do rio São Francisco, em Januária, substituídas por cinza em função da obra do Parque Fluvial. Na segunda foto, no barranco, vemos a casa de Dona Maria*. Segunda foto feita gentilmente por Gley. Março e agosto de 2022.

Série de fotos: pinturas barranqueiras que existiam no muro do cais do rio São Francisco, em Januária. Lavadeiras, barco com carranca, vereda e buritizal. Março de 2022.

*Nome fictício.





BARRACA DA Val
ESPECIALIDADE PEIXE SEM ESPINHA

PADARIA E MERCEARIA



CONTATO PARA ENCOMENDAS:
99181-6249

JANUÁRIA

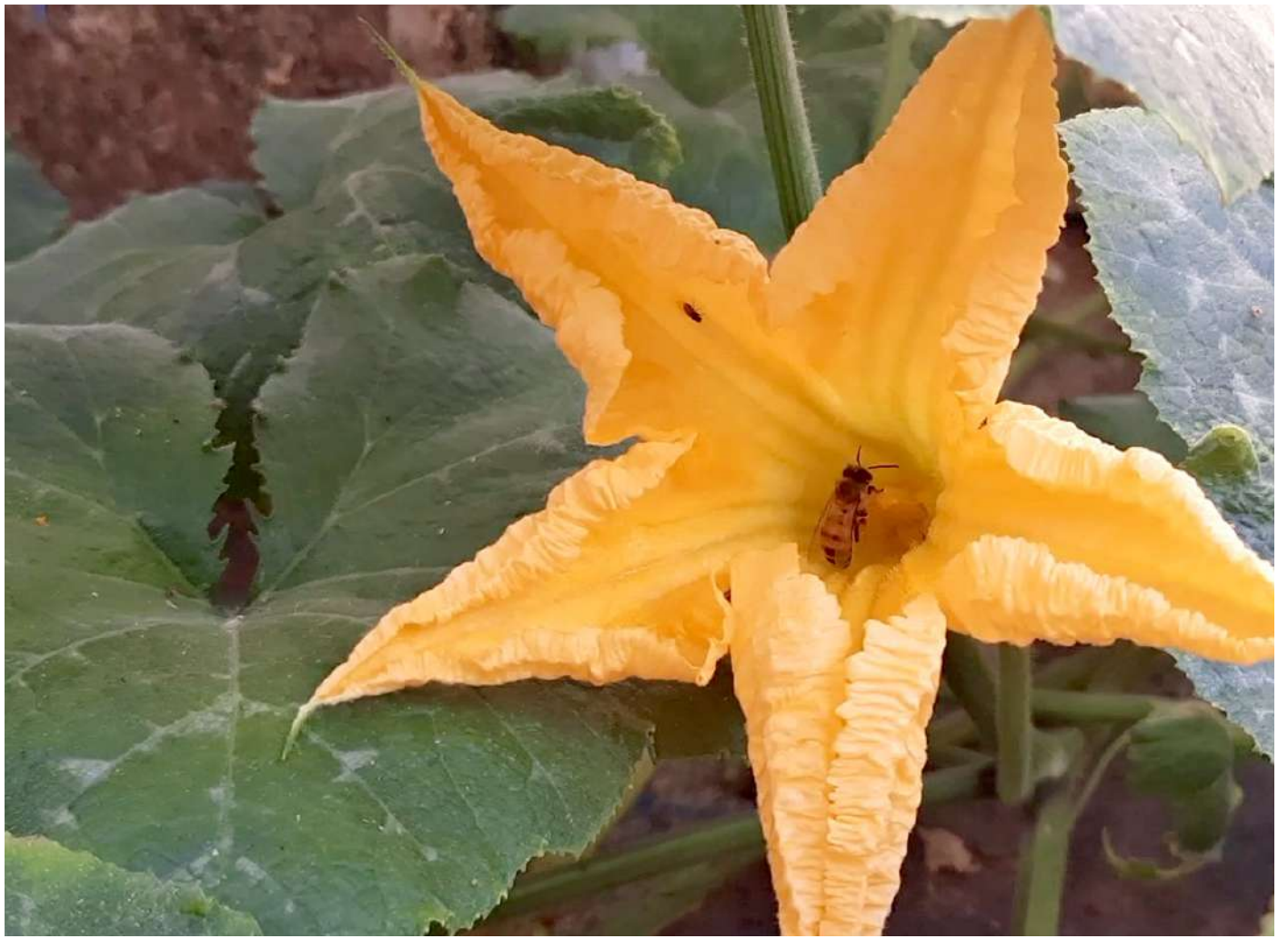








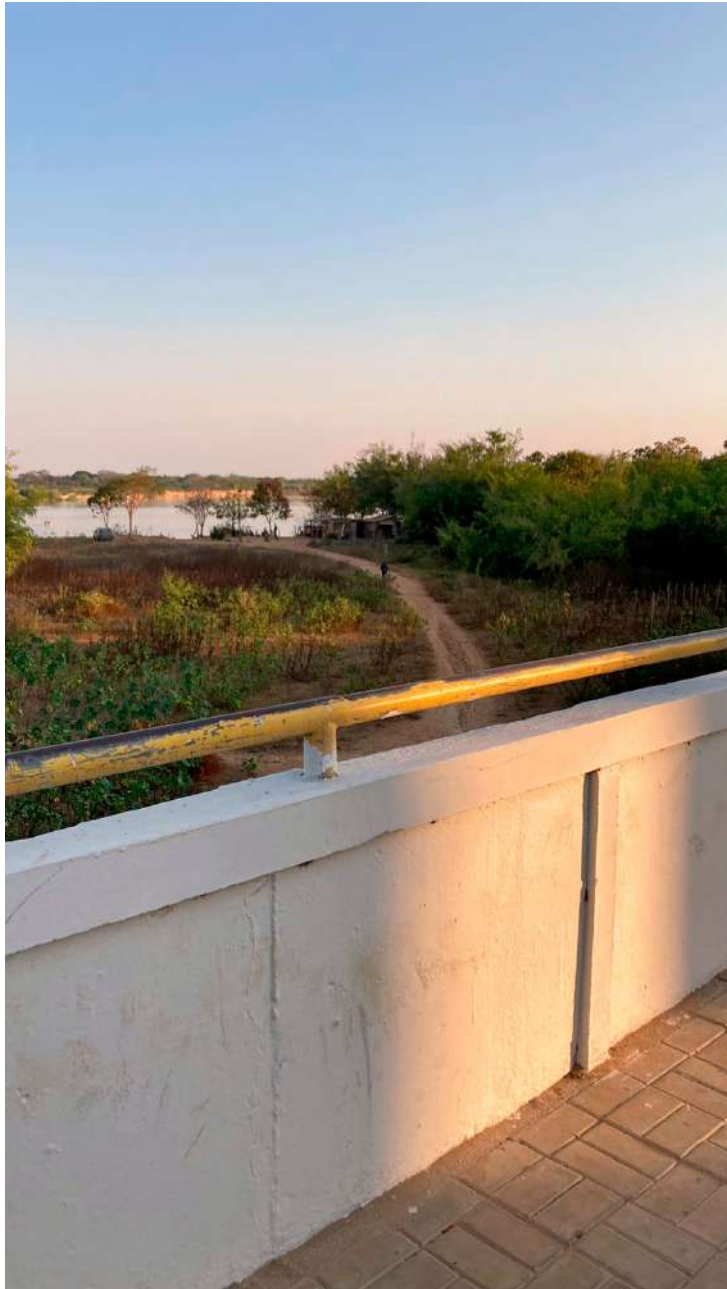








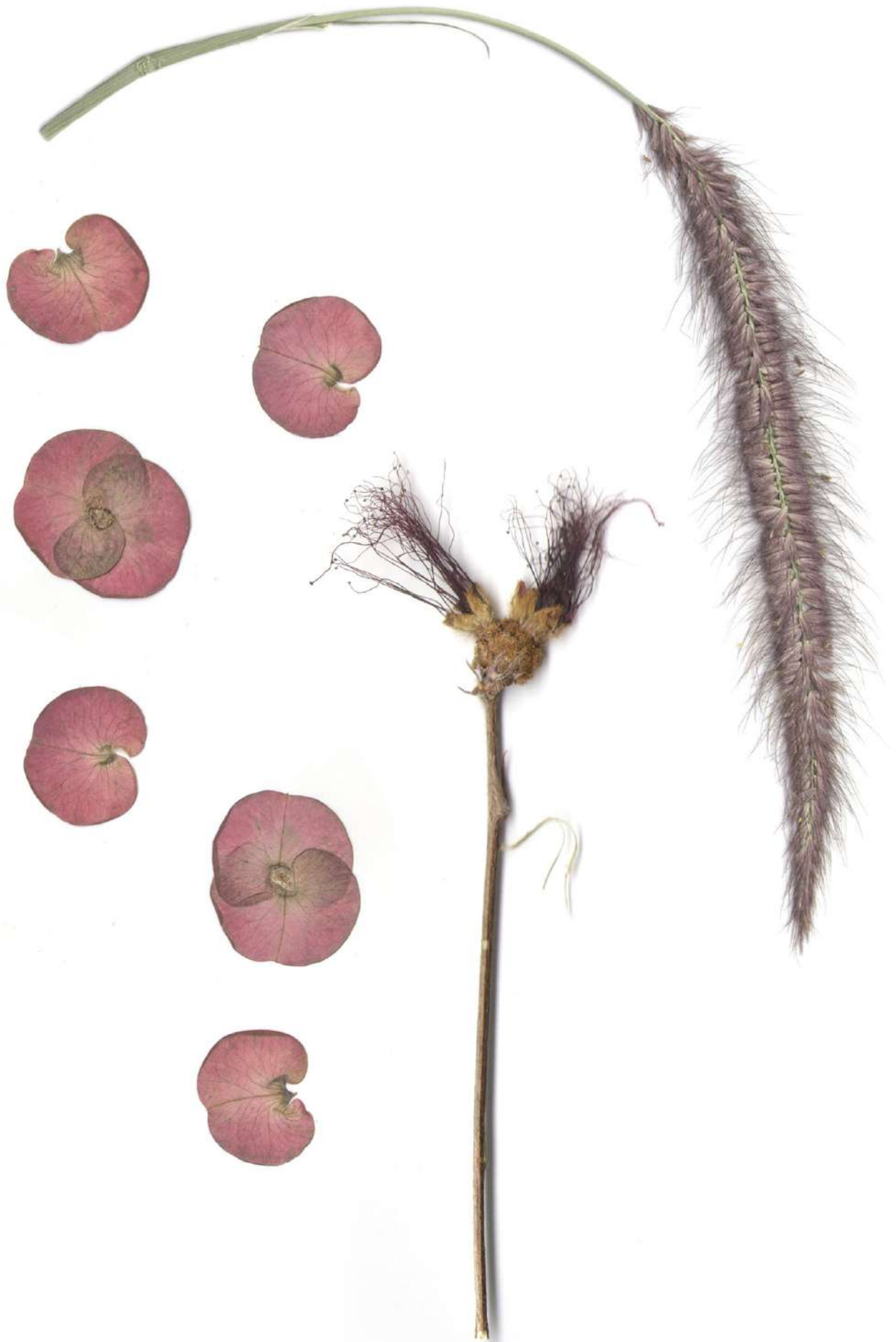
mar. 2022



ago. 2022







Referências

- AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS - ANA. *A Questão da Água no Nordeste*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2012.
- ALVES, Rubem. *O retorno e o terno*. Campinas: Papirus Editora, 2010.
- A LUZ: Oleiras do Candeal. Gleydson Mota. Januária: Cine Barranco, 2022. 1 vídeo (22 min 30). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aE0kapKtmeA>. Acesso em: 06 ago. 2022.
- ANDRADRE, Rebeca Cássia. *Resistências Semiáridas: sobre a produção e circulação de conhecimentos pela rede sociotécnica do milho, estiagem e os indígenas Xakriabá do norte de Minas Gerais*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. Tradução: Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos; Revisão da Tradução: Viviane Veras. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, Niterói, n. 39, pp. 303-318, 2009.
- APRENDER com a natureza, com Liça Pataxoop. Entrevistada: Liça Pataxoop. Entrevistador: Roberto Romero. 28 abr. 2021. Podcast. Disponível em: <https://bdmgcultural.mg.gov.br/entrevista/aprender-com-a-natureza/>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO – ASA. Programa um milhão de cisternas. Recife: ASA, 2015.
- AUGUSTIN, Cristina; MELO, Dirce; ARANHA, Paulo Roberto. Aspectos geomorfológicos de veredas: um ecossistema do bioma do cerrado, Brasil. *Revista Brasileira de Geomorfologia*, Curitiba, v. 10, pp. 103-114, 2009.
- AZOULAY, Ariella Aïsha. *Potential History: unlearning Imperialism*. London; New York: Verso, 2019.
- BEVILAQUA, Camila. Cada apartamento uma oca. *Piseagrama*, Belo Horizonte, nº 15, pp. 104-111, 2021.
- BRASIL. Decreto no 98.182, de 26 de setembro de 1989. Dispõe sobre a criação de área de proteção ambiental no Estado de Minas Gerais, e dá outras providências. Brasília: Secretaria do Meio Ambiente - SEMA, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D98182.htm. Acesso em: 12 ago. 2022.
- BRAZ, Werymehe Alves. *Tehey de pescaria de conhecimento*. Percurso acadêmico. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade De Educação, Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, 2019.
- CAMPOS, Damiana; BERTELLI, Marcela. Plantadores de água. *Manzuá*, v. 2, ago. 2019. Disponível em: <https://manzua.eco.br/revista/plantadores-de-aguas/>. Acesso em: 27 de junho de 2021.

- CANÇADO, Wellington. *Sob o pavimento, a floresta: cidade e cosmopolítica*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2019.
- _____. *Floresticidades: o potencial urbano das florestas antropogênicas*. Belo Horizonte, 2019.
- CARVALHO, Adriano. Análise da morfologia, do uso e do gestual de fabricação da cerâmica no vale do rio Peruaçu - MG. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG – Arqueologia do Vale do rio Peruaçu e adjacências – Minas Gerais*, Belo Horizonte, Volume XIX, pp. 467-498, 2009.
- CHIODI, Yama. Mapas para o Antropoceno: um guia de leitura para o Feral Atlas. *ClimaCom*, ano 7, n. 19, 2020.
- CORREIA, Patrícia Oliveira; GUEDES, Felipe Lisboa. Análise do desempenho das políticas públicas de fomento ao desenvolvimento local, social e econômico através da experiência das comunidades do Vale do Peruaçu atendidas pela Cáritas Diocesana de Januária. *Anais do VII Congresso em Desenvolvimento Social*. Montes Claros: Unimontes, 2018.
- COSTA, Alyne. Ecologia e resistência no rastro do voo da bruxa: a cosmopolítica como exercício de filosofia especulativa”. *Análogos*, n. 1, 2017.
- DE LA CADENA, Marisol. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, pp. 95-117, 2018.
- _____. *Earth beings: ecologies of practice across Andean worlds*. Durham; London: Duke University Press, 2015.
- DE LA CADENA, Marisol; BLASER, Mario (ed.). *A world of many worlds*. Durham: Duke University Press, 2018.
- DERIVA. Direção coletiva. Arinos, Cônego Marinho; Januária; São Francisco: Cine Baru, 2021. 1 vídeo (12 min 27). Disponível em: <https://youtu.be/9yxc2JNoV30>. Acesso em 5 out. 2021.
- DESPRET, Vinciane. *O que diriam os animais?* Tradução: Letícia Mei; Prefácio: Bruno Latour; Desenhos: João Loureiro. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- DIÁLOGOS Freirianos com a educação. Aula na Faculdade de Educação da UFMG sobre educação Intercultural com Dona Liça Pataxoop, Kanatyo Pataxoop e Valdemar Ferreira dos Santos Xakriabá; Mediação de Ana Gomes. Faculdade de Educação UFMG, 2021. 1 vídeo (1 h 51 min 25). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_q8OzeMgGfY&t=2114s. Acesso em: 31 out. 2021.
- EMBRAPA. Fixação Biológica do Nitrogênio. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-fixacao-biologica-de-nitrogenio/perguntas-e-respostas>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- ESCOLAS da Terra. Aula Online 01 - Abertura - 15 dez. 2020. Arataca; Belo Horizonte; Canavieiras; Caxutê; Santa Luzia; Território Indígena de Olivença; Uruçuca: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1

vídeo (1 h 47 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xojh9ibeAVg&t=1767s>. Acesso em: 21 jul. 2021.

___ Aula Online 02 - A escola do arco, da flecha e do maracá - 12 jan. 2021. Arataca; Belo Horizonte; Ladainha; Território Indígena de Olivença: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1 vídeo (2 h 59 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5UuUNedT_Do. Acesso em: 21 jul. 2021.

___ Aula Online 03 - A escola do arco, da flecha e do maracá - 19 jan. 2021. Arataca; Belo Horizonte; Ladainha; Território Indígena de Olivença: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1 vídeo (3 h 26 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kFUJyFW1jWM&t=10s>. Acesso em: 21 jul. 2021.

___ Aula Online 04 - Escola dos terreiros e tambores - 26 jan. 2021. Arataca; Belo Horizonte; Caxuté; Santa Luzia: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1 vídeo (3 h 07 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6lZ2jXMEia8&t=2425s>. Acesso em: 21 jul. 2021.

___ Aula Online 05 - Escola dos terreiros e tambores - 09 fev. 2021. Arataca; Belo Horizonte; Caxuté; Santa Luzia: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1 vídeo (3 h 20 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DvgW7_f7VwQ&t=641s. Acesso em: 21 jul. 2021.

___ Aula Online 06 - Escola das Águas e das Marés - 02 mar. 2021. Arataca; Belo Horizonte; Canavieiras; Itaparica: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1 vídeo (3 h 21 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FkQWuIS-AiM&t=2s>. Acesso em 21 jul. 2021.

___ Aula Online 07 - Escola das Águas e das Marés - 09 mar. 2021. Arataca; Belo Horizonte; Canavieiras; Itaparica: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1 vídeo (4 h 03 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2L2pwhkJmWg&t=64s>. Acesso em: 21 jul. 2021.

___ Aula Online 08 - Escola dos Biomas locais - 16 mar. 2021. Arataca; Belo Horizonte; Maracás: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1 vídeo (3 h 02 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l6Gg6B5jl4Q&t=52s>. Acesso em: 21 jul. 2021.

___ Aula Online 09 - Escola dos Biomas locais - 23 mar. 2021. Arataca; Belo Horizonte; Maracás: Saberes Tradicionais UFMG, 2021. 1 vídeo (3 h 51 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8N-0bQScTNkA&t=5s>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ESTEVES, Bernardo; TORRES, Júnia; BERTELLI, Marcela; CANÇADO, Wellington. Carta dos curadores. *Seres-rios festival fluvial*. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://seresrios.org/sobre/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado. Tradução Paula Siqueira. *Cadernos de Campo*, São Paulo: USP, ano 14, n. 13, 2005.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. *Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil*. Prefácio: TünyCwe Wazahi Tremebé (Rosa Tremebé). Arataca: Teia dos povos, 2021.

- FERREIRA, Guilherme Braga. *O mosaico de habitats e a comunidade de mamíferos de médio e grande porte do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, norte de Minas Gerais*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas, 2008.
- FERREIRA, Guilherme Braga; OLIVEIRA, Marcelo Juliano Rabelo Oliveira; MORAES JUNIOR, Edsel Amorim; SILVA, Joaquim de Araújo; RODRIGUES, Flávio Henrique Guimarães. Mamíferos de médio e grande porte do Parque Estadual Veredas do Peruaçu: riqueza, composição e estratégias de conservação. *MG.BIOTA*, Belo Horizonte, v. 4, n.2, jun./jul. 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17a edição, [1968] 1994.
- _____. *Por Uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 10a edição, [1985] 2012.
- FREITAS, Breno; SILVA, Cláudia Inês da; BEZERRA, Antonio Diego. *A história natural ilustrada de um polinizador: a abelha mamana Xylocopa frontalis*. São Paulo: A.B.E.L.H.A., 2017.
- GIMENES, Erick. Nem limpa, nem sustentável: usinas eólicas exploram agricultores, familiares e territórios tradicionais para gerar lucro. O Intercept Brasil. 2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/08/01/energia-eolica-conflitos-territorios-agricultura/>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- GUARANI, Jerá. Tornar-se selvagem. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 14, pp. 12-19, 2020.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom – Vulnerabilidade*, Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- HUSTAK, Carla; MYERS, Natasha. Involuntary Momentum: Affective Ecologies and the Sciences of Plant/Insect Encounters. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, Providence, v. 23, n. 3, p. 74-117, 2012, Brown University and d i f f e r e n c e s. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/differences/article-abstract/23/3/74/97715/Involuntary-Momentum-Affective-Ecologies-and-the>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Plano de Manejo do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu*. Volume I, encartes 1, 2, e 3. Brasília: MMA, 2005.
- IKPENG, Oreme. Aqueles que andam juntos. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 15, p. 112-119, 2021.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - ICMBio. Febre amarela põe em risco macacos. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/febre-amarela-poe-em-risco-macacos>. Acesso em: 08 mai. 2022.

JANUÁRIA. Lei complementar nº002/2014. Institui o Plano Municipal destinado à execução dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário do município de Januária e dá outras providências. Disponível em: http://camarajanuaria.mg.gov.br/site/images/projetos/projeto_lei_complementar_002_2014.pdf. Acesso em: 20 set. 2022

KOHN, Eduardo. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley, University of California Press, 2013.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRAHÔ, Creuza Prumkwyj. Mulheres-cabaças. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 11, p. 110-117, 2017.

KRENAK, Ailton. Comunicação oral, interlocução com coletivos do Urbe Uge. 1 dez. 2021.

_____. A vida é selvagem. *Cadernos Selvagem*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

_____. Comunicação oral em encontro da disciplina *O potencial urbano das florestas e o devir selvagem das cidades*, 18 nov. 2021.

LAGROU, Els. Miçanga: uma arte da relação. *No caminho da miçanga: um mundo que se faz de contas*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, pp. 90-108, 2016.

LAVE, Jean. *Learning and everyday life. Access, Participation and Changing Practice*. New York: Cambridge Univ. Press, 2019.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LE GUIN, Ursula K. A ficção como cesta: uma teoria. Tradução: Priscilla Mello; Revisão: Ellen Araujo; Marcio Goldman. Título original: *The Carrier Bag Theory of Fiction* [1986]. *Dancing at the Edge of the World – Thoughts on Words, Women, Places*. New York: Grove Press, 1989.

MACIEL, Luísa Almeida. *Controle mecânico da herbácea exótica invasora lírio-do-brejo (Hedychium coronarium Koenig) no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, SP*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2011.

MAILLARD, Philippe; PEREIRA, Doralice Barros; SOUZA, Cláudio Gregório de. Incêndios florestais em veredas: conceitos e estudo de caso no Peruaçu. *Revista Brasileira de Cartografia*, v. 61, n. 4, pp. 321-330, 2009.

- MAMANGAVA-GIGANTE (*Xylocopa grisescens*) Polinizando e Nidificando. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (8 min 34). Publicado pelo canal Abelhas nativas e plantas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h5F4VRc4Q1U>. Acesso em: 12 jul 2022.
- MAPBIOMAS. Superfície de água no Brasil reduz 15% desde o início dos anos 90. MapBiombras Brasil. 2019. Disponível em: <https://mapbiomas.org/superficie-de-agua-no-brasil-reduz-15-desde-o-inicio-dos-anos-90>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- MARENGO, José A.; ALVES, Lincoln M. ; BESERRA, Elder A. ; LACERDA, Francinete F. Variabilidade e mudanças climáticas no semiárido brasileiro. *Recursos hídricos em regiões áridas e semiáridas*. Campina Grande: Instituto Nacional do Semiárido, pp. 383-422, 2011.
- MARQUEZ, Renata. A língua das onças e das lontras. *Arte e Ensaio*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 26, n. 40, jul./dez., 2020, pp. 361-373. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>. Acesso em 2 ago. 2021.
- _____. Quase-etnógrafa-etc. *Mundaú*, Alagoas, n. 9, 2020, pp. 209-233. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/10455>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- MARTIN, Nastassja, *Escute as Feras*, São Paulo: Editora 34, 2021.
- MESQUITA, Erika. *Ver de perto para contar de certo: as mudanças climáticas sob os olhares dos moradores da floresta do Alto Juruá*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.
- MYERS, Natasha. *O mundo já é incrivelmente encantado*. Cadernos Selvagem. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2021.
- _____. How to grow livable worlds: Ten not-so-easy steps. *The World to Come: Art in the Age of the Anthropocene*. Gainesville: Samuel P. Harn Museum of Art, University of Florida, pp. 53-63, 2018.
- NEVES, Eduardo Góes. Castanha, pinhão e pequi ou a alma antiga dos bosques do Brasil. *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora, 2020. pp. 109-124.
- NEVES, Walter Viana; AUGUSTIN, Cristina Helena Ribeiro Rocha; OLIVEIRA, Fábio Soares; ARANHA, Paulo Roberto Antunes Dinâmica hidrogeomorfológica em bacia de drenagem de vereda - MG. *Equador*, v. 4, pp. 374-381, 2015.
- PÁDUA, José Augusto. Aventura e predação. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 6, pp. 24 - 29, 2013.
- PELD VEREDAS. Área de estudo. *Pesquisa Ecológica de Longa Duração Veredas*. Montes Claros, 2019. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/ppgbot/peld/area-de-estudo/>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- POLÍTICAS cósmicas. Como viver sem o rio? Como viver com a Terra? Como viver no mesmo planeta? Diálogo com Ailton Krenak e Marisol de la Cadena; Mediação de Ana Gomes. Diálogo de abertura do

festival Seres Rios. BDMG Cultural, 2021. 1 vídeo (1 h 37 min 20). Disponível em: <https://seresrios.org/evento/politicas-cosmicas/>. Acesso em: 2 ago. 2021.

PRESERVAÇÃO e recuperação - Rio Peruaçu. Correspondência trocada entre Aline Franceschini, Amara Mota, Nelinda Gonçalves de Macedo e Zé Torino (José Aparecido de Macedo) durante a mostra Córregos Vivos. 1 vídeo (15 min 01). Disponível em: <https://www.corregosvivos.com.br/aline-platandoras>. Acesso em: 20 out. 2021.

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 9ª edição, [1964] 1990.

_____. *Grande Sertão: Veredas*. Ficção Completa. Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [1956] 1994.

_____. *Meu tio o iauaretê. Estas estórias*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1969] 2009.

SALINO Alexandre; LOMBARDI, Júlio Antonio. Vegetação do vale do Peruaçu, Minas Gerais, Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG – Arqueologia do Vale do rio Peruaçu e adjacências – Minas Gerais*, Belo Horizonte, Volume XIX, pp. 111-128, 2009.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Comunicação oral, participação em oficina do projeto Vocabulário para Catástrofe, 01 out. 2021.

_____. *Somos da terra. Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 12, pp. 44-51, 2018.

_____. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

Santos, Antonio Bispo dos.; Mayer, Joviano. Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos. *Indisciplinar*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, pp. 52-69, 2020.

SANTOS, Marcos Reis dos; COSTA-NETO, Everaldo Medeiros. O mangangá (*Xylocopa spp.*, *Apidae*) como polinizador do maracujá-amarelo (*Passiflora edulis Sims f. flavicarpa Deneger*, *Passifloraceae*) na percepção dos moradores de Gameleira do Dida, Campo Formoso, Bahia, Brasil. *Interfaces Científicas -Saúde e Ambiente*, Aracaju, v. 1, n. 1, out. pp. 19-29, 2012.

SEMEAR Cerrado, episódio 1 - Pequi. Conversas com Rebeca Andrade e Santinha Barboza Mota.

Aline Franceschini; Bárbara Barros; Isabela Izidoro; Kamila Lopes; Matar Gning; Thaís Gontijo Braga: 2021. Podcast. Disponível em: https://soundcloud.com/thais-braga-519843157/semear-cerrado-episodio-1-pequi?si=f676d6df4baa4580b6e53df6ea92fd94&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing. Acesso em: 16 dez. 2021.

SEMEAR Cerrado, episódio 2 - Plantar água. Conversas com Laerte Gonçalves Ferreira e Nelinda Gonçalves de Macedo. Aline Franceschini; Bárbara Barros; Isabela Izidoro; Kamila Lopes; Matar Gning; Thaís Gontijo Braga: 2021. Podcast. Disponível em: <https://soundcloud.com/thais-braga-519843157/semear-cerrado-episodio-2-plantar-agua>. Acesso em: 16 dez. 2021.

SOUZA, Maria Sueli Rodrigues de. Posfácio. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

- SILVA, Felipe Jackson de Farias. *Termorregulação da abelha mamangava de grande porte *Xylocopa frontalis* nos neotrópicos diante das mudanças climáticas*. Dissertação de mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, 2020.
- SILVA, Marília Raiane Rodrigues. *Nas margens do rio Peruaçu: a apropriação da natureza e a natureza das práticas*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2021.
- STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, pp. 442-464, 2018.
- STENGERS, Isabelle; DIAS, Jamille Pinheiro; VANZOLINI, Marina; SZTUTMAN, Renato; MARRAS, Stelio; BORBA, Maria; SCHAVELZON, Salvador. Uma ciência triste é aquela em que não se dança. Conversações com Isabelle Stengers. *Revista De Antropologia*, São Paulo, v. 59, n. 2, 2016, pp. 155-186.
- PROUS, André; RODET, Maria Jacqueline. Introdução. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG – Arqueologia do Vale do rio Peruaçu e adjacências – Minas Gerais*, Belo Horizonte, Volume XIX, pp. 11-19, 2009.
- SARTORELLI, Paolo Alessandro Rodrigues; CAMPOS FILHO, Eduardo Malta. *Guia de plantas da regeneração natural do Cerrado e da Mata Atlântica*. São Paulo: INPUT, 2017.
- SAUTCHUCK, Carlos Emanuel. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2007.
- STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Coordenação editorial: Ferrari, Florencia. Tradução: Dullei, Iracema; Pinheiro, Jamille; Valentini, Luísa. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- _____. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- TOUAM BONA, Dénètem. Arte da fuga. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 15, p. 18-27, 2021.
- TSING, Anna. *O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Tradução: Jorgge Menna Barreto; Yudi Rafael. São Paulo: N-1 Edições, 2022.
- The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- _____. O antropoceno mais que humano. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, pp. 176-191, 2021.
- _____. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

____. Margens indomáveis. *Piseagrama*, Belo Horizonte, número 12, página 02 - 11, 2018.

TZUL TZUL, Gladys. La forma comunal de la resistencia. *Revista de la Universidad de México*, Ciudad de México, n. 3, pp. 105-111, abr. 2019. Disponível em: <https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/7a-052353-5edf-45fe-a7ab/la-forma-comunal-de-la-resistencia>. Acesso em: 27 jan. 2021.

____. O comunal indígena como horizonte político. *Comunidades imaginadas*, catálogo da 21a bienal de arte contemporânea SESC VideoBrasil, pp. 57-62, 2020. Disponível em: http://bienalsescvideobrasil.org.br/webroot/uploads/AF_190924_vb_catalogo_completo.pdf. Acesso em: 27 jan. 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 2, n. 1, pp. 3-22, 2004.

____. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, p. 115, abr. 2002.

XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 14, pp. 110-117, 2020.

____. Corpo-território. *Exposição mundos indígenas*. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020. pp. 78-109.

____. *O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, 2018.

XAKRIABÁ, Nei Leite. Ensinar sem ensinar. *Piseagrama*, Belo Horizonte, nº 15, dezembro de 2021. Disponível em: <https://piseagrama.org/ensinar-sem-ensinar/>. Acesso em: 08 ago. 2022.

